

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Instituto de Geociências
Programa de Pós-Graduação em Geografia

Raquel Cunha Paiva

**LUGAR E GEOGRAFICIDADE: geografias atravessadas no mundo vivido de Tibau
(RN)**

Belo Horizonte
2023

Raquel Cunha Paiva

**LUGAR E GEOGRAFICIDADE: geografias atravessadas no mundo
vivido de Tibau(RN)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Geografia na área de concentração Organização do Espaço.

Orientador: Prof. Dr. José Antônio Souza de Deus.

P149I
2023

Paiva, Raquel Cunha.

Lugar e geografia [manuscrito] : geografias atravessadas no mundo vivido de Tibau (RN) / Raquel Cunha Paiva. – 2023.

169 f., enc. il. (principalmente color.)

Orientador: José Antônio Souza de Deus.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, 2023.

Área de concentração: Organização do Espaço.

Linha de pesquisa: Produção do Espaço, Ecologia, Política, Cultura, Educação em Geografia.

Bibliografia: f. 162-169.

1. Geografia humana – Teses. 2. Turismo – Tibau (RN) – Teses. 3. Espaço geográfico – Teses. I. Deus, José Antônio Souza de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Instituto de Geociências. III. Título.

CDU: 911.3(813.2)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

"LUGAR E GEOGRAFICIDADE: GEOGRAFIAS ATRAVESSADAS NO MUNDO
VIVIDO DE TIBAU(RN)"

RAQUEL CUNHA PAIVA

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada, no dia 11 de agosto de 2023, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, constituída pelos seguintes professores:

José Antônio Souza de Deus

IGC/UFMG

Weber Soares

IGC/UFMG

Altair Sancho Pivoto dos Santos

UFJF

Tiago Vieira Cavalcante

UFC

Belo Horizonte, 11 de agosto de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Altair Sancho Pivoto dos Santos, Usuário Externo**, em 11/08/2023, às 11:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jose Antonio Souza de Deus, Professor do Magistério Superior**, em 11/08/2023, às 12:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Weber Soares, Professor do Magistério Superior**, em 11/08/2023, às 13:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tiago Vieira Cavalcante, Usuário Externo**, em 11/08/2023, às 15:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2406099** eo código CRC **9DABA7DF**.

AGRADECIMENTOS

Nesse pedaço de papel, ou nessa folha virtual, oportunizo um momento de agradecimento a Tibau, ao seu povo, pelo acolhimento, por compartilhar suas terras com os milhares de chegantes que passam por seus espaços de vida, inclusive eu. Tibau faz parte da minha construção como pessoa, como um indivíduo que busca sentir na Terra o aconchego em cada pedaço de chão, em cada gota de água, em cada brisa no rosto, em cada mergulho na água salgada, em cada mordida nos alimentos que nutrem meu corpo, em cada momento de prosa. Obrigada, Tibau! Obrigada, filhas e filhos dessa terra querida.

Essa pesquisa atravessa existencialmente minha vida, me auxilia a compreender o mundo pelos olhos de uma geógrafa, mas também pelos olhos de um ser que situa no mundo. Obrigada a todes que contribuíram para a realização dessa pesquisa diretamente e indiretamente. A cada pessoa que cedeu seu tempo para falar sobre seus lugares, a cada pessoa que me acompanhou em campo, que me ouviu nos meus momentos de empolgação e angústias, que me disponibilizou materiais e instrumentos, que leu meu texto, que se sensibilizou com a história de Tibau. Essa pesquisa tem vários corações envolvidos e cada um deles foi essencial nesse processo.

Grata pela trajetória de sair das minhas terras quentes em busca de conhecimento nas montanhas mineiras. Ficar um tempo longe do mar me fez compreender a sua importância na tessitura existencial da minha essência. Essa pesquisa abriga muito de mim, abriga muito da vida.

APOIO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

O Programa de Pós-Graduação em Geografia (IGC/UFMG) também beneficiou a realização da pesquisa com Auxílio de Campo.

“Eu sou um corpo

Um ser

Um corpo só

Tem cor, tem corte

E a história do meu lugar

Eu sou a minha própria

embarcaçãoA minha própria

sorte

(...)

Cada rua dessa cidade cinza sou eu”

(Luedji Luna)

RESUMO

O espaço é existencial. É intrínseco à experiência de vida do ser humano, que tem com a Terra uma profunda relação que constitui sua geograficidade. Geograficidade e lugar fazem parte da vivência cotidiana das sociedades que se adaptam às circunstâncias que o ser situado se abriga e passa a atribuir significados a certos espaços que constituem identidades, memórias, histórias e lugares de vida. Com o passar do tempo, os espaços vão sofrendo modificações que realinham as dinâmicas e os significados simbólicos dos lugares. Os fenômenos espaciais atravessam os sentidos e a existência humana. Em Tibau, município litorâneo do Rio Grande do Norte, antiga vila de pescadores, os fenômenos relacionados ao lazer, à maritimidade e à institucionalização do modo de vida urbano atravessaram a geografia existencial do seu mundo vivido. Possui o maior índice de vilegiatura do Nordeste, que é a relação entre residências ocasionais e residências fixas. A vilegiatura se consolidou a partir de casas de praia destinadas ao lazer de uma população abastada de Mossoró, município vizinho. Com a crescente demanda de infraestrutura para realização das práticas de lazer, a vila de Tibau foi sendo urbanizada, municipalizou-se a partir da justificativa de potencialidade turística e hoje enfrenta diversas dinâmicas de uma cidade urbana, como gentrificação, especulação imobiliária, degradação ambiental, turistificação e apagamento da cultura e modo de vida local. Nesse sentido, o que instiga a pesquisa é: o que pensam os moradores, autóctones, sobre esses fenômenos? Quais são os lugares que constituem a geograficidade de Tibau? A partir do método fenomenológico, que busca refletir sobre as relações do ser-no-mundo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 20 moradores de Tibau, que apontaram as diversas mudanças no modo de vida em um curto período de tempo e as dificuldades de manter as vivências nos lugares compartilhados antigamente. No discurso intersubjetivo dos entrevistados, foram destacados oito lugares: Morros de Areia Colorida, Vertente, Pedra do Chapéu, Praia, Brisa, Centro de Artesanato, Gancho e Igreja Santa Terezinha, que constituem a cartografia de lugares, um potencial instrumento de reivindicação social e política para garantir a permanência da identidade e dos lugares de vida dos tibauenses. Os lugares simbólicos que fazem parte do imaginário dos tibauenses foram fortemente afetados pelos fenômenos que atravessam Tibau, causando insatisfações por parte dos moradores pelas problemáticas trazidas nas práticas do lazer no município.

Palavras-chave: lugar; Tibau; geograficidade; vilegiatura; maritimidade.

ABSTRACT

Space is existential. It is intrinsic to the human being's life experience, which has a deep relationship with the Earth that constitutes its geographicity. Geographicity and place are part of the daily experience of societies that adapt to the circumstances that the situated being shelters, and starts to attribute meanings to certain spaces that constitute identities, memories, histories and places of life. Over time, spaces undergo changes that realign the dynamics and symbolic meanings of places. Spatial phenomena cross the senses and human existence. In Tibau, on the coast of Rio Grande do Norte, an old fishing village, phenomena related to leisure, maritimity and the institutionalization of the urban way of life crossed the existential geography of his lived world. It has the highest index of vacation rentals in the Northeast, which is the ratio between occasional residences and permanent residences. The villeggiature was consolidated from beach houses destined for the leisure of a wealthy population of Mossoró, neighboring municipality. With the growing demand for infrastructure to carry out leisure practices, the village of Tibau was being urbanized, it became municipalized based on the justification of tourist potential and today it faces several dynamics of an urban city, such as gentrification, real estate speculation, environmental degradation, touristification and erasure of the local culture and way of life. In this sense, that instigates the research is: what do the native residents think about these phenomena? What are the places that make up the geographicity of Tibau? Based on the phenomenological method, which seeks to reflect on the relationships of being-in-the-world, semi-structured interviews were carried out with 20 residents of Tibau, who pointed out the various changes in their way of life in a short period of time and the difficulty of maintaining their experiences in formerly shared places. In the intersubjective discourses of the interviewees, eight places were highlighted: Morros de Areia Colorida, Vertente, Pedra do Chapéu, Praia, Brisa, Centro de Artesanato, Gancho and Igreja Santa Terezinha, which constitute the cartography of places, a potential instrument of social claim and policy to ensure the permanence of the identity and places of life of Tibau's population. The symbolic places that are part of the imaginary of Tibau's people, were strongly affected by the phenomena that cross Tibau, causing dissatisfaction on the part of residents due to the problems brought in the practices of leisure in the municipality.

Keywords: place; Tibau; geographicity; villeggiature; maritimi

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização de Tibau (RN)	13
Figura 2 - Outdoor “Tibau é a sua praia”	15
Figura 3 - Expansão urbana do centro de Tibau (2004-2023).....	45
Figura 4 - Foto antiga da Pedra do Chapéu	51
Figura 5 - Vila de Tibau vista dos morros	53
Figura 6 - Publicação da Prefeita sobre público beneficiado com obra municipal.....	55
Figura 7 - Casas de vilegiatura marítima em Tibau	56
Figura 8 - Contrastes da vilegiatura marítima	57
Figura 9 - Garrafas de areia colorida de Tibau	58
Figura 10 - Veraneio 2022 em Tibau	60
Figura 11 - Vista do horizonte da Praia do Ceará - Tibau.....	62
Figura 12 - Vivências na praia.....	64
Figura 13 - Maritimidade em Tibau	65
Figura 14 - Arte sobre pesca nas ruas de Tibau.....	66
Figura 15 - Fim de tarde na praia de Tibau	69
Figura 16 - Redes na varanda em Tibau	72
Figura 17 - Engarrafamento na rodovia Dehon Caenga.....	77
Figura 18 - Entre casas e condomínios em construção.....	79
Figura 19 - Letreiro "Tibau"	82
Figura 20 - Expansão dos bairros em Tibau	83
Figura 21 - Rua 22 de Dezembro	92
Figura 22 - Arredores da Igreja Santa Terezinha	93
Figura 23 - Processos de gentrificação em Tibau.....	94
Figura 24 - Expansão da área urbana	96
Figura 25 - Mapa da área de expansão urbana da região central de Tibau.....	99
Figura 26 - Área de obras em Tibau	102
Figura 27 - Cartografia de Lugares de Tibau	108
Figura 28 - Brisa.....	109
Figura 29 - Rua do Brisa	111
Figura 30 – Empreendimentos na Rua do Brisa.....	112
Figura 31 - Placas fixadas no Brisa	113
Figura 32 - Centro de Artesanato antes da reforma.....	116

Figura 33 - Centro de Artesanato Villa do Tibau	118
Figura 34 - Espaços do Centro de Artesanato.....	119
Figura 35 - Artesanatos de Tibau	120
Figura 36 - Homenagem à Josefina Fonseca e garras de areia colorida.....	121
Figura 37 - O Gancho	122
Figura 38 - Diferentes ângulos do Gancho.....	123
Figura 39 - Os morros da origem de Tibau e suas modificações	124
Figura 40 - Festa do Dia das Mães no Gancho.....	125
Figura 41 - Brisa <i>Mall</i>	126
Figura 42 - Igreja de Santa Terezinha	127
Figura 43 - Praça da Igreja	128
Figura 44 - Mudanças dos arredores da Igreja	129
Figura 45 - Morros da Vertente	130
Figura 46 - Vilegiatura marítima sobre a vertente.....	132
Figura 47 - Área de afloramento da vertente.....	134
Figura 48 - Terra colorida.....	136
Figura 49 - Morros de areia colorida de Tibau.....	137
Figura 50 - Porteira de acesso ao Labirinto.....	138
Figura 51 - Morros de areia colorida e a vilegiatura em Tibau	139
Figura 52 - Garrafas de areia colorida sobre os morros	140
Figura 53 - Tibau sobre e entre os morros.....	141
Figura 54 - Arredores do Labirinto	143
Figura 55 - Brasão de Tibau (RN).....	145
Figura 56 - Horizonte da Pedra do Chapéu	145
Figura 57 - Vilegiatura sobre a Pedra do Chapéu.....	146
Figura 58 - "Pedra da Divisa"	146
Figura 59 - Limite de horário para acesso ao mirante da Pedra do Chapéu	147
Figura 60 - Mirante da Pedra do Chapéu.....	148
Figura 61 - Escada da Pedra do Chapéu	149
Figura 62 - Pingas na Pedra do Chapéu.....	150
Figura 63 - Jangadas de Tibau.....	152
Figura 64 - Jangada ao mar e banhistas	153
Figura 65 - Vivências na praia.....	154
Figura 66 - Paisagens da praia de Tibau.....	155

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

ADIT – Associação para o Desenvolvimento Imobiliário e Turístico do Brasil

AL – Alagoas

BA – Bahia

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CE – Ceará

COELCE – Companhia Energética do Ceará

ENT – Entrevistado

FAFICH – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IGC – Instituto de Geociências

IPTU – Imposto Predial e Territorial Urbano

PB – Paraíba

PE – Pernambuco

PPGG – Programa de Pós-Graduação em Geografia

PRODETUR – Programa Nacional de Desenvolvimento e Estruturação do Turismo

RJ – Rio de Janeiro

RN – Rio Grande do Norte

SCIELO – Scientific Electronic Library Online

SE – Sergipe

UFC – Universidade Federal do Ceará

UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

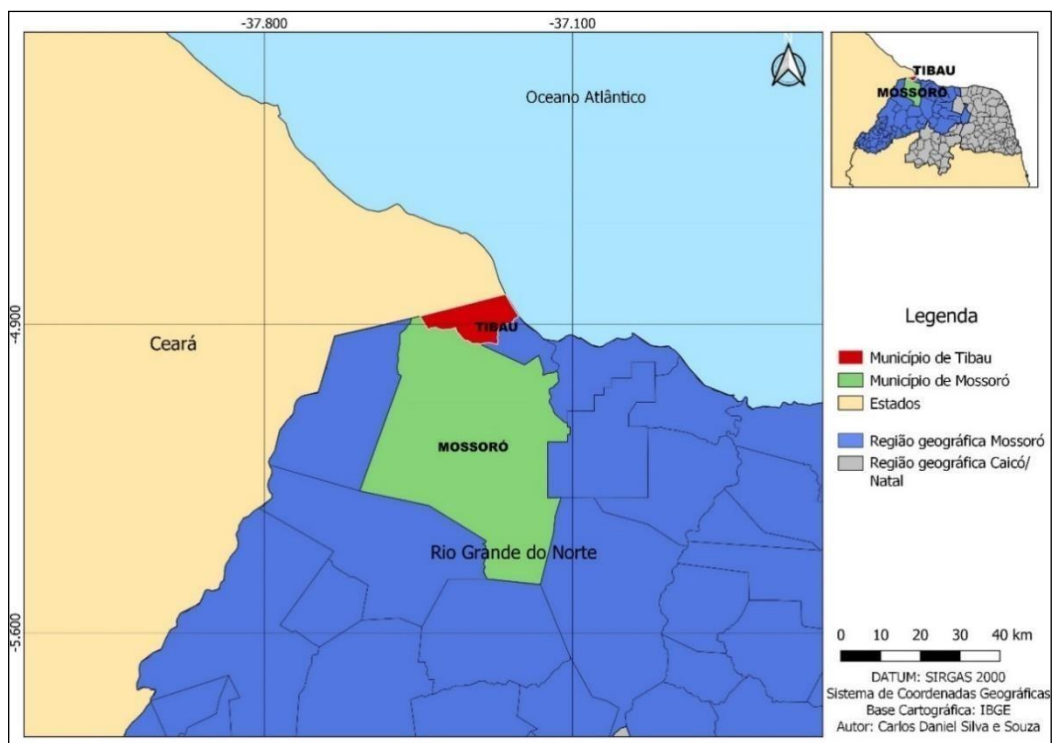
INTRODUÇÃO	13
METODOLOGIA	19
PARTE 1 – QUANDO A GEOGRAFIA ATRAVESSA	23
1.1 SIGNIFICAR O ESPAÇO	23
1.2 LUGAR, MEMÓRIA E MUNDO VIVIDO	26
1.3 GEOGRAFICIDADE: O PENSAMENTO DE DARDEL.....	35
1.4 O ESPAÇO EXISTENCIAL DO SER: CORPO E MUNDO NA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY	39
1.5 MINHA FENOMENOLOGIA	44
PARTE 2 – TIBAU SOB ATRAVESSAMENTOS	48
2.1 CONHECENDO TIBAU	48
2.2 MARITIMIDADE	62
2.3 VILEGIATURA	72
2.4 TURISTIFICAÇÃO	81
2.5 GENTRIFICAÇÃO.....	89
PARTE 3 – CARTOGRAFIA DE LUGARES DE TIBAU	103
3.1 CARTOGRAFIA EXISTENCIAL	103
3.1.1 Brisa	109
3.1.2 Centro de Artesanato Villa do Tibau.....	116
3.1.3 Gancho.....	122
3.1.4 Igreja de Santa Terezinha.....	126
3.1.5 Vertente	130
3.1.6 Pedra do Chapéu	144
3.1.7 A Praia.....	151
3.1.8 CONSIDERAÇÕES	156
3.1.9 REFERÊNCIAS	162

INTRODUÇÃO

Estudar Geografia é estudar o ser no espaço e as relações que nascem desse acontecimento. O espaço é intrínseco à experiência de vida do ser humano, é existencial. O ser humano tem com a Terra uma profunda relação, que constitui sua geograficidade. Geograficidade e lugar fazem parte da vivência cotidiana das sociedades que se adaptam às circunstâncias em que o ser situado se abriga, o ser em seu espaço de vida. E através das vivências, passa a atribuir significados a certos espaços que constituem identidades, memórias, histórias e lugares de vida.

Com o passar do tempo, os espaços vão sofrendo modificações que realinham as dinâmicas dos lugares e os significados simbólicos que eles comportam. Os fenômenos que se manifestam no espaço permeiam além do que demonstram nas paisagens, pois atravessam os sentidos que sustentam a natureza da existência humana. Tibau, como um pequeno assentamento humano, era uma vila de pescadores habituados com as características naturais do lugar. Passou a ser visitado por uma alta classe social que articulava a política e economia do estado do Rio Grande do Norte e do município limítrofe, Mossoró, como na Figura 1 abaixo.

Figura 1 - Mapa de localização de Tibau (RN)



Fonte: SOUZA, C. D. S (2021).

Para melhor aproveitamento das belezas naturais do lugar e desfrute do mar, essa população estrangeira começou a construir casas de praia com intuito de lazer. A partir desse fenômeno, Tibau passa a sofrer alterações significativas que redesenha sua história e adquire o simbolismo de um lugar para passar as férias, de ocupação efêmera para o ócio.

Nesse processo, Tibau passa a ser superlotada de casas e condomínios que adensam seus espaços, principalmente a faixa de praia, região mais próxima ao mar. Essa ocupação em demasia acarreta a desapropriação da população local das áreas próximas ao mar, “empurrando” os nativos para o interior do continente e os afastando dos seus antigos lugares de vida, como a praia e os morros de areia colorida, por exemplo. Também degrada o meio ambiente pela construção de residências em áreas de dunas, mangues, falésias, vertentes, restingas. O modo de vida local e seus lugares vão sendo fragilizados.

A presente pesquisa tem o intuito de identificar e mapear os lugares em Tibau pela perspectiva dos seus residentes. A motivação desse estudo se desenvolve a partir da necessidade de entender quais são os espaços significativos, que possuem a identidade e as lembranças históricas ou cotidianas em um município atravessado por fenômenos estimulados por não moradores. Com dados do censo de 2022, em Tibau havia 5.382 habitantes e mais de 3.500 residências de uso ocasional (IBGE, 2022), marcando fortemente a prática de vilegiatura marítima, fator responsável pelo rápido processo de urbanização na cidade. A vilegiatura e a urbanização tibauense têm como principal influência os interesses em lazer da população de Mossoró, município vizinho, considerado a capital do oeste potiguar. A relação entre os dois municípios se dá por meio de um movimento pendular, principalmente na época de veraneio, como também em feriados e finais de semana. Esse movimento constrói uma complexa relação entre os dois municípios, que atribui o apelido: “Tibau, a cidade-praia de Mossoró”. A prefeitura de Tibau estimula esse vínculo, como é possível perceber na Figura 2, abaixo.

Figura 2 - Outdoor “Tibau é a sua praia”



Fonte: Acervo da autora (2022).

A Figura 2 retrata um *outdoor* no centro da cidade de Mossoró, em fevereiro de 2022, na Rua Jerônimo Rosado, que se encontra com uma das principais vias da cidade, Avenida Jerônimo Dix-Neuf Rosado, apelidada de “Leste-Oeste”. Esse movimentado trecho foi um dos locais onde expuseram o *outdoor* da Prefeitura de Tibau, com o slogan “Tibau é a sua praia”, convidando os veranistas após a flexibilização das medidas protetivas da pandemia do COVID-19.

Tibau tornou-se município, obtendo sua emancipação política do município de Grossos em 1997, por movimento popular, com forte influência dos veranistas mossoroenses, que reivindicava, principalmente, investimento na área da saúde, e consegue se emancipar através da justificativa da sua potencialidade turística.

Estudos como os de Silva e Monteiro (2012), Gomes (2013), Batista (2013) e Lopes (2018) falam sobre as relações entre Tibau e Mossoró, sobre as residências secundárias e a vulnerabilidade ambiental que afetam a cidade. Contudo, ainda não há publicações científicas que abordam a percepção dos moradores de Tibau sobre as transformações que ocorrem no espaço, como isso os afeta, o que eles querem mudar e quais os espaços que precisam ser garantidos para ser mantida a essência da geograficidade de Tibau.

Nesse âmbito, o trabalho apresenta relevância por abordar a perspectiva dos moradores autóctones de áreas litorâneas que sofrem mudanças profundas nos seus lugares de vida e os conflitos socioespaciais que atingem as comunidades litorâneas potiguares; por discutir a geograficidade, a conexão do ser com a Terra, a maritimidade que dá sentido às questões existenciais dos indivíduos; por mapear os lugares que fazem parte da construção

coletiva da identidade de um povo.

A experiência de vida é o ponto de partida do ser-no-mundo, do indivíduo que manifesta sua existência através da sua projeção nos espaços. O ser se projeta, se adapta e se revela nos espaços a partir da geograficidade, que é a sua conexão com a Terra e pelas situações em que se encontra. Uma adaptação ecossistêmica do ser humano ao meio em que está inserido. A geograficidade é a experiência de vida, o que Dardel (2011) pontua ser uma geografia em ato. É por meio dela, que a topofilia é desenvolvida: o apego, o apreço aos lugares. Os lugares são afeições humanas aos espaços, é o lar, é o aconchego. Dentro dessa conexão, a maritimidade é uma manifestação da geograficidade que desperta topofilia, que desperta o lugar, que faz parte da geografia existencial do ser humano. Maritimidade é a relação social ou pessoal com o mar, com o espaço marítimo.

O que conecta todos os fenômenos que ocorrem em Tibau é a maritimidade, seja a que se relaciona ao modo de vida, aos lugares, às tradições e à identidade dos tibauenses, às pessoas ligadas ao mar pela sua geograficidade ou pela maritimidade, que é realçada com a valorização de práticas que ligam a sociedade do trabalho a práticas de lazer no mar. O elo nessa relação é, principalmente, o mar. Desse modo, considerar a maritimidade é uma conexão importante neste trabalho, visando compreender as apropriações sociais com o mar, e como essa relação pode desdobrar diversos fenômenos.

Essa pesquisa nasce de uma relação de maritimidade de quem escreve. Uma maritimidade estimulada pelas vivências nos espaços de Tibau, que inaugurou a aproximação da realidade marítima com a identidade e topofilia. Se hoje tenho uma conexão com o mar e com o modo de vida praiano, Tibau é responsável por esse acontecimento. No contexto empírico, da experiência de ser no mundo, de perceber a afetação dos fenômenos urbanos, dos fenômenos do lazer na vida e história tibauense, essas inquietações emergiram durante o processo de iniciação no mestrado acadêmico em Geografia. É um realce sobre o que contorna e o que invade o mundo da vida. Sobre o que atravessa existencialmente a geografia cotidiana.

Por esse motivo, a fenomenologia é tida como um método de pesquisa. A filosofia, no ato de pensar, sentir e agir sobre o ser situado no espaço parece ser um caminho importante para a construção de uma geografia existencial. O ser no mundo corresponde a ser essencialmente geográfico, ser intrinsecamente espacial: um corpo no espaço que sente, reage, significa e se projeta. A concepção de sensibilidade do ser que vive no espaço, trazida por Merleau-Ponty (1999), é uma importante relação para se pensar a Geografia teórica e a geografia em ato. Para enfatizar o mundo vivido e seus sentidos, ele vai além do ser no

mundo e visualiza o ser mundano, que supera a dicotomia entre o natural e o cultural. Então, é pela descrição dos fenômenos que a fenomenologia se revela, como o fenômeno se revela para o indivíduo e como ele se fala sobre o fenômeno.

A fala dos moradores de Tibau sobre as suas percepções da cidade e a narrativa das suas vivências apresenta os elementos que constituem o resultado desse estudo: uma cartografia de lugares, que destaca os espaços mais significativos para os residentes, na perspectiva de suas experiências de vida. A cartografia de lugares consiste em uma busca de espaços que fazem ou já fizeram parte das vivências cotidianas das pessoas e que estão presentes nas narrativas, nas memórias e nas identidades que fazem Tibau ser o espaço de vida – o espaço existencial – para o tibauense. Podem ser lugares ancestrais, ligados ao início da ocupação da cidade, ou lugares recentes, que carregam aspectos simbólicos da sociedade em questão.

A cidade, atravessada pela vilegiatura, teve seus espaços modificados em prol de interesses particulares e usufruto do lazer de um público externo ao lugar, que interfere em toda a existência e geograficidade das pessoas que vivem Tibau cotidianamente. Como uma antiga vila de pescadores, há, em Tibau, diversas atividades de comunidades tradicionais como: a pesca, a coleta de mariscos, o artesanato com a coleta de areias coloridas dos morros e a renda de labirinto, mesmo não sendo reconhecido, nem tenho o autorreconhecimento. Povos e Comunidades Tradicionais são grupos que se reconhecem e se diferenciam pela sua cultura, transmitindo tradicionalmente conhecimentos e práticas do uso dos seus territórios e dos recursos naturais por suas próprias organizações sociais (BRASIL, 2007).

Historicamente a atividade turística, a urbanização e a venda das cidades para os de fora, principalmente destinadas ao uso ocasional, enfraquecem e apagam as atividades tradicionais de comunidades antigas, afetando diretamente impactos de degradação ambiental (BORGES, 2011). Para mitigar os efeitos negativos das atividades turísticas em comunidades tradicionais, como o próprio apagamento das comunidades, o não autorreconhecimento, a especulação imobiliária, interferência na vida cotidiana da comunidade e a degradação ambiental, é necessário que haja planejamento coletivo e comunitário, que inclua os habitantes do local nas decisões de gerenciamento da comunidade (VIEIRA; BENEVIDES; DE SÁ, 2021).

A identificação de lugares é uma forma de perceber a relação dos moradores com os espaços através das transformações temporais. O lugar é o espaço simbólico, vivenciado cotidianamente pelos indivíduos, que lhes atribuem seus sentidos existenciais, como

memórias e sensações. Tal processo se relaciona com a afetividade que determinado povo estabelece com seus espaços de vida. Assim, a identificação de lugares de uma comunidade é uma tarefa importante, pois pelo lugar é possível perceber a reunião de elementos, significados, atividades e a expressão de identidades, que revelam a geograficidade de um mundo vivido.

Essa pesquisa traz uma reflexão acerca dos modelos de planejamento, de desenvolvimento e da visão turística que se consolida no Brasil, mais especificamente no Nordeste brasileiro, que são guiados pela lógica da deliberada venda de lugares. Com a propagação do imaginário de desenvolvimento, fundamentada na ideia de geração de empregos e movimentação das atividades econômicas, o turismo inversamente tem desencadeado um forte processo de desapropriação de comunidades dos seus lugares, culminando na perda de pertencimento, de qualidade de vida e no despejo dos antigos lugares cotidianos.

A pesquisa se estrutura em três partes: 1ª Parte “Quando a Geografia atravessa”; 2ª Parte “Tibau sob atravessamentos; e a 3ª Parte “Cartografia de Lugares de Tibau”, cada parte composta por capítulos.

A 1ª Parte é composta pelos capítulos: 1.1. Significar o espaço; 1.2. Lugar, memória e mundo vivido; 1.3. Geograficidade: o pensamento de Dardel; 1.4. O espaço existencial do ser: corpo e mundo na fenomenologia de Merleau-Ponty; e 1.5. Minha fenomenologia.

A 2ª Parte é composta pelos capítulos: 2.1. Conhecendo Tibau; 2.2. Maritimidade; 2.3. Vilegiatura; 2.4. Turistificação; 2.5. Gentrificação.

A 3ª Parte é composta pelos capítulos: 3.1. Cartografia existencial; 3.2. Bisa; 3.3. Centro de Artesanato Villa do Tibau; 3.4. Gancho; 3.5. Igreja de Santa Terezinha; 3.6. Vertente; 3.7. Morros de Areia Colorida; 3.8. Pedra do Chapéu; 3.9. Praia.

METODOLOGIA

A construção metodológica da presente pesquisa estrutura-se em três pontos afim de centralizar claramente os passos necessários para a sua realização. São eles: caracterização da pesquisa; coleta de dados; redução fenomenológica de dados.

A **caracterização da pesquisa** classifica o caráter do trabalho, tendo sua abordagem qualitativa, pois investiga fenômenos sociais em suas interfaces subjetivas; de natureza empírica, coletando, em campo, a experiência e vivência da pesquisadora em local de estudo; e com objetivo de pesquisa exploratória, com intuito de ampliar os estudos sobre Tibau, o local em questão e elencar a perspectiva dos moradores locais sobre os lugares, como espaços simbólicos.

A partir da caracterização da pesquisa, a **coleta de dados**, como segundo ponto, dá forma ao corpo do trabalho, realizado a partir de etapas. A 1ª etapa consiste em pesquisa bibliográfica e documental, com buscas em livros, artigos, dissertações, teses, documentos e reportagens disponibilizadas nas bibliotecas da UFMG (central e bibliotecas setoriais IGC e FAFICH), acessadas no Google Acadêmico, Plataforma CAPES, SCielo, acervo próprio. Essa etapa é constante em toda a pesquisa e imprescindível para conhecimento histórico, social e cultural da área estudada, suas configurações territoriais, e embasamento teórico acerca dos conceitos estudados.

A 2ª etapa consiste em pesquisa de campo, com deslocamentos para a área de estudo em datas pontuais para observação dos fenômenos, realização de entrevistas semiestruturadas com os moradores de Tibau e registros fotográficos.

A entrevista semiestruturada se caracteriza por questões-guia previamente elencadas que ajudam a nortear a entrevista, auxiliando o entrevistado a conseguir espontaneamente falar sobre o assunto, de modo que as próximas perguntas sejam elaboradas no contexto da conversação. Dessa forma, é possível compreender e complementar informações além do que estava previsto (SILVA; MENDES, 2013).

Com intuito de propiciar uma maior interação com os entrevistados, os deixando mais confortáveis para expressar suas ideias, com autenticidade, foi utilizado o modelo de escuta da fala livre, também chamada de associação livre, que corresponde a um processo analítico utilizado na psicanálise. A fala livre é a fala sem censuras e obstáculos, como um meio de o falante ficar a vontade de discorrer sobre o assunto a partir do que lhe toca, do que lhe é conhecido, do que lhe provoca e comove, fazendo associações com sua experiência de vida no mundo, e no lugar em que está e se fala. É também uma forma de abertura a

assuntos que podem emergir, fora do esperado, e que fazem parte do fenômeno em questão (CARVALHO; HONDA, 2017).

A seleção dos sujeitos entrevistados na pesquisa pautou-se na preocupação em primeiramente identificar pessoas que sejam representantes sociais, como funcionários públicos, coordenadores de associações etc. (DUARTE, 2002) que estabelecem um:

sistema de rede, no qual se busca um "ego" focal que disponha de informações a respeito do segmento social em estudo e que possa "mapear" o campo de investigação, "decodificar" suas regras, indicar pessoas com as quais se relaciona naquele meio e sugerir formas adequadas de abordagem. De um modo geral, as pessoas indicadas pelo "ego" sugerem que se procurem outras ou fazem referência a sujeitos importantes no setor e assim se vai, sucessivamente, amalhando novos "informantes" (DUARTE, 2002, p. 142).

Esse método, também denominado “bola de neve”, utiliza cadeias de referência de informantes-chave, também chamados de sementes, que auxiliam o pesquisador a conhecer outros contatos através de indicações de pessoas com as características requisitadas pela pesquisa. A cada contato, são solicitadas novas indicações, aproveitando a rede social dos entrevistados para acessar contatos potenciais até chegar num estágio de saturação. É uma amostragem utilizada para pesquisas exploratórias para entender melhor sobre uma temática, compreender a viabilidade de ampliação de um estudo e desenvolver aplicação de métodos (VINUTO, 2004).

A importância de se identificar sujeitos que são representantes sociais se dá por meio do elo entre esses sujeitos e a comunidade, que Relph afirma trazerem a identidade do lugar e suas modificações sofridas (FERREIRA, 2002). Nesse âmbito, emergir aspectos da identidade do lugar, é elucidar as vivências e os símbolos carregados na construção conjunta dos espaços sociais e como e por que esse espaço se tornou um lugar. Só é possível entender o lugar pelas suas referências de usos e sentidos da experiência vivida, pois, assim, revelam-se os signos do viver, habitar, do lazer, do trabalho e os conflitos que permeiam este espaço (SILVEIRA, 1996).

Foram entrevistadas 20 pessoas, em diferentes contextos sociais, através do método “bola de neve”. Todos os entrevistados são residentes de Tibau. Os nomes e características pessoais dos entrevistados foram omitidos com a finalidade de preservar suas identidades, sendo revelado apenas gênero e atividade que exerce para melhor contexto das entrevistas com a pesquisa. As pessoas entrevistadas serão identificadas como “Ent01”, “Ent02”, “Ent10”, assim sucessivamente, como no Quadro 1 abaixo.

Quadro 1 – Perfil dos entrevistados

Entrevistado	Gênero	Atividade
Ent01	F	Política Aposentada
Ent02	M	Advogado
Ent03	F	Autônoma
Ent04	F	Professora
Ent05	F	Estudante
Ent06	F	Estudante
Ent07	M	Estudante
Ent08	M	Estudante
Ent09	F	Comerciante – Artesanato
Ent10	F	Secretária Municipal
Ent11	F	Artesã
Ent12	F	Artesã
Ent13	M	Funcionário da Prefeitura
Ent14	F	Artesã
Ent15	F	Auxiliar de serviços gerais
Ent16	F	Aposentada e Presidenta da Colônia de Pescadores
Ent17	F	Comerciante – barraca de praia
Ent18	M	Pedreiro Aposentado
Ent19	M	Ex-Vereador e Pescador Aposentado
Ent20	M	Comerciante – mercado

Fonte: Acervo da autora (2022).

As questões-guia elencadas previamente foram: “como é viver em Tibau?”; “do que você mais gosta em Tibau?”; “qual/quais lugares você destacaria em Tibau, desde quando e por quê?”; “você considera que Tibau mudou? Quais foram essas mudanças?”; “você gosta mais do Tibau de antes ou o de hoje?”; “em quais lugares você costumava ir antes e costuma ir hoje em dia?”; “como você acha que será Tibau daqui há 10 anos?”; “o que você gostaria que mudasse/ se modificasse em Tibau?”.

O terceiro ponto metodológico corresponde à **redução fenomenológica dos dados** coletados no segundo tópico, a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty (1999), e

levando em consideração a geograficidade dos sujeitos, pela ótica de Dardel(2011).

Oliveira e Cunha (2021) contextualizam que há três momentos da trajetória fenomenológica a partir das discussões da fenomenologia em Merleau-Ponty: descrição, redução e compreensão. A descrição corresponde aos relatos das pessoas entrevistadas, que descrevem os fenômenos do modo mais completo possível, é um encontro social, que deve ser ouvido com empatia, intuição e imaginação. Na leitura da descrição se deve identificar significados focados no fenômeno que condensam unidades que o estruturam. A descrição está focada na percepção, na consciência e no indivíduo. É o contato entre a pesquisadora e os residentes de Tibau que falam sobre os fenômenos, percebendo os lugares que são mencionados na fala.

A redução consiste no elemento que é o ponto de partida de um pensamento consciente, intencional, como uma crítica ao que foi descrito anteriormente. É uma seleção dos elementos essenciais da descrição. É importante compreender que não existe um pensamento que contemple tudo que abrange o pensamento, então não há uma redução completa. A redução feita neste trabalho resulta nos oito lugares que compõe a cartografia de lugares: Morros de Areia Colorida, Vertente, Brisa, Centro de Artesanato, Gancho, Igreja Santa Terezinha, Praia e Pedra do Chapéu.

Quando a pesquisadora capta a essência do significado do que foi descrito e reduzido, ocorre a compreensão, quando há a permissão de acessar o que foi revelado pela pessoa que descreve. É o contato da pesquisadora com o fenômeno vivido pela pessoa que o descreve, no caso, os fenômenos vividos pelos moradores de Tibau, envolvendo cognição, afetividade e conotação para ampliar o campo semântico do fenômeno.

A partir da fala das pessoas entrevistadas, considerando sua geograficidade, a cartografia de lugares foi elaborada, com intuito de mapear os lugares simbólicos em Tibau. O objetivo da cartografia de lugares é trazer para a dimensão visível os símbolos e a identidade dos moradores de Tibau, facilitando a compreensão do leitor para uma fácil assimilação da toponímia nesse contexto. O mapa também é um forte instrumento de reivindicação e denúncia sobre conflitos, exibindo importantes conhecimentos e representações sociais. Os métodos e recursos utilizados foram alinhados na perspectiva de se complementarem, atribuindo mais significado e solidez aos resultados da pesquisa. A pesquisa foi apreciada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, Parecer Número 6.069.892.

PARTE 1 – QUANDO A GEOGRAFIA ATRAVESSA

Esta primeira parte é uma construção teórica e fenomenológica das inquietações geográficas que trilham as reflexões desta pesquisa. Sobre como o ser humano é, existencialmente, um ser espacial, que é atravessado por sua geografia de vida, pelo ambiente, pela Terra. “Quando a Geografia atravessa” é a busca de conectar as leituras geográficas com o mundo vivido, ressaltando a importância da Geografia fora do ambiente acadêmico e escolar. É uma conexão também com o íntimo sentimento do ser humano, que se amplia nos espaços, que simboliza sua vida espacial e que traz para a pesquisa questões atravessantes de grupos sociais, indivíduos e os próprios atravessamentos da pesquisadora.

Traz também uma apresentação fenomenológica de Tibau, de modo a iluminar o que instiga a escrever essa dissertação. Não é possível apresentar uma realidade única. “O mundo está ali antes de qualquer análise que eu possa fazer dele” (MERLEAU- PONTY, 1999, p.5). Para cada indivíduo, Tibau vai manifestar uma visão, um sentimento, uma realidade diferente. E a intenção aqui não é elencar uma única realidade, mas evidenciar o mundo vivido das pessoas que têm suas experiências de vida nele. “O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 5).

A Parte 1 é composta pelos capítulos: 1.1. Significar o espaço; 1.2. Lugar, memória e mundo vivido; 1.3. Geograficidade: o pensamento de Dardel; 1.4. O espaço existencial do ser: corpo e mundo na fenomenologia de Merleau-Ponty; e 1.5. Minha fenomenologia.

1.1. SIGNIFICAR O ESPAÇO

“Onde eu nasci passa um rio, que passa no igual sem fim. Igual, sem fim, minha terra passava dentro de mim.”

(Caetano Veloso e Gal Costa)

A preocupação em investigar as relações socioespaciais é o que orienta as investigações e práticas geográficas, porém as formas de pesquisá-las vão se alterando de acordo com o tempo (ROCHA, 2007). É possível perceber essas diferenciações nas correntes do pensamento geográfico, a exemplo das geografias Crítica, Pragmática, Humanista etc. Nesse contexto plural, a Geografia Humanista é aquela que adota linhas

interpretativas que analisam as relações socioespaciais através da abordagem dos fenômenos e experiências da sociedade e como ela as interpreta (ROCHA, 2007). No Brasil, essa corrente foi, por muito tempo, identificada como Geografia da Percepção, incorporada pela geógrafa Livia de Oliveira a partir da tradução da obra *Topofilia* (2012) do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan (MARANDOLA, 2013). Como assinalam, por sua vez, Nascimento & Costa (2016, p. 43), essa corrente vem abordar a experiência, “ou seja, o espaço vivido e existencial do indivíduo, que serão considerados sobre diferentes perspectivas, principalmente os valores que o indivíduo adquire no cotidiano”.

No século XXI, a Geografia Humanista retoma a perspectiva da filosofia fenomenológica nos seus debates, devido à crescente preocupação sobre o impacto das novas tecnologias nos sujeitos sob o contexto do “mundo em movimento, incerto, fluido, telepercebido, de comunicação intensa e de relações interpessoais escorregadias, efêmeras, errantes” (MARANDOLA, 2013, p. 57). Nesse horizonte de discussão, às categorias Lugar e Paisagem atribui-se muita relevância, pois são essencialmente subjetivas, ganhando potencialidade com a contribuição fenomenológica. Aqui, ganhará ênfase o conceito de Lugar e como os fenômenos socioespaciais são interpretados pelos sujeitos em seus lugares, pois o ser humano é um sujeito que, em seu âmbito, se relaciona com o espaço em seu sentido de vida (DARDEL, 2011). Os indivíduos, inseridos numa sociedade, exprimem-se nos espaços conforme se identificam com eles – podendo ser, os espaços, alterados por essas expressões (BERDOULAY; ENTRIKIN, 2012).

Para entender o que é lugar e o processo de lugarização na Geografia, o geógrafo Marcelo Lopes de Souza (2020, p. 114) elucida que lugar corresponde ao espaço em que há vivência e a que os indivíduos atribuem significados, expressando sua identidade através de “imagem de lugar” e de “sentidos de lugar”, como “projeções espaciais de si mesmos”. Nesse âmbito, “lugarização” para Souza (2020) é o processo de familiarização do espaço ao qual o indivíduo atribui sentimentos e ideias. Como aponta Kozel (2018, p. 07), parcelas determinadas do Espaço podem tornar-se “mais e mais familiares, incorporadas que são ao nosso íntimo, tornando-se lugares”.

O processo de lugarização ocorre na medida em que o indivíduo desenvolve relações topofílicas ou topofóbicas com o espaço. Topofilia é um termo que Yi-Fu Tuan (2012) contextualiza na Geografia, vinculando-o às emoções que o indivíduo pode vir a sentir por um espaço. Essas emoções podem ser positivas, topofilia, ou negativas, topofobia (TUAN, 2005), e são desencadeadas por diversos fatores, sejam eles estímulos biológicos ou

influências culturais. “O lugar é pleno de significados, condição da própria existência, foco de vinculação emocional para os seres humanos, contexto das nossas ações e fonte da nossa identidade” (RODRIGUES, 2007, p. 23).

O lugar é o “centro profundo da existência humana” (RELPH, 1976, p. 43), compreendido ao ser experienciado e vale ressaltar que é através da fenomenologia que é possível destacar a essência da sua estrutura perceptiva, que ultrapassa o mecanicismo do rigor científico. Holzer (1999, p. 70) reflete que a concepção de lugar para a Geografia se assemelha à noção de mundo para a fenomenologia, pois “ambos são produzidos pela consciência humana e por sua relação intersubjetiva com as coisas e os outros”. A fenomenologia ajuda a Geografia a entender o valor do mundo vivido, a experiência humana e suas percepções.

A fenomenologia pode ser interpretada como um aporte teórico-conceitual, ou proposta filosófica, que busca desconstruir a ideia de simples sucessão de fenômenos, trazendo-os como experiências concretas humanas concernentes à percepção do mundo. É utilizada como alternativa à concepção positivista cartesiana da Ciência (HOLZER, 1997). O mundo é subjetivo na obra *Fenomenologia da Percepção*, de Merleau-Ponty, para quem o sujeito interpreta sentidos através de sua própria transcendência – ou existência, que é a potencialidade ampla de significar (FONTES FILHO, 2012). Com isso, Merleau-Ponty tem a percepção como paradigma da sua filosofia, entendendo-a como um produto da relação entre Sujeito e Mundo, provido das funções psíquicas com a situação, e problematiza, a partir disso, a relação entre subjetivo e objetivo. Nesse contexto, contudo, racionalismo e empiria não se anulam, havendo razão na experiência sensível e experiência sensível na razão. A subjetividade se torna objetiva nos vestígios do mundo natural ou cultural (GONÇALVES *et al.*, 2008).

Pode-se observar que a relação entre Espaço e indivíduo estimula atividades mentais “através de mecanismos perceptivos (visão, audição, tato, olfato e paladar) e cognitivos (que envolvem a inteligência, incluindo como motivações humores, conhecimentos prévios, valores, expectativas)” que podem ser compreendidos como percepção (ROCHA, 2007, p. 24). Quando o indivíduo tem contato com o mundo por meio das sensações, ele gera imagens mentais pelos mecanismos perceptivos. As imagens se tornam significativas através da subjetividade do indivíduo, que carrega consigo emoções, intuições e vivências de acordo com seu contexto social, cultural, histórico e paradigmático (RIBEIRO; LOBATO; LIBERATO, 2009).

Para compreender o espaço, e mais precisamente o lugar, é necessário levar em

consideração que a percepção e experiência dos sujeitos é que vão atribuir os sentidos e formas desse lugar. Merleau-Ponty considera que essa relação é possível através do corpo – instrumento de ação, expressão e intenções no mundo –, que faz um “pacto” com o mundo no próprio nascimento, transformando ideias em coisas (MERLEAU- PONTY, 1999).

Aliás, é sugestivo notar que a conexão com a espacialidade, exprime no espaço códigos e símbolos da sociedade que o modifica, e ao incorporar o espaço no seu sentido de vida, ela o habita. Na compreensão de Tim Ingold (2015), habitar é a forma de produção da vida, que vai além das estruturas físicas construídas. O habitar pode estar dentro do que Dardel (2011), classicamente, chama de geofricidade, a intimidade entre o ser humano e a Terra e essa experiência existencial oferece a sensibilidade da percepção humana ao mundo. A sensibilidade é uma comunicação vital que possibilita o mundo em um lugar familiar (MERLEAU-PONTY, 1999), podendo torná-lo habitável e objeto de sua criação (TUAN, 2012). O lugar é uma atribuição humana vital que dá sentido existencial ao ser humano, através do indivíduo ativo, conectado ao espaço, o modificando material e simbolicamente (BERDOLAY; ENTRIKIN, 2012). Assim, o lugar expressa as identidades e relações dos sujeitos que o vivenciam.

Nessa direção, Ponte (2019, p. 5) registra que há reciprocidade entre o indivíduo e o mundo na relação cotidiana, pois “quando habitamos uma cidade, ela passa a ser uma extensão nossa, na medida em que nos acomodamos nela e que ela se acomoda em nossa consciência”. Nesse contexto, Merleau-Ponty (1999) reflete sobre o corpo caracterizando-o como instrumento pelo qual o indivíduo experiencia o mundo e sua subjetividade, podendo ser influenciada pelos meios físico e histórico. O corpo é no espaço, ele precisa do espaço para ser, então espaço e mundo – e a cidade –, são dimensões da realidade tidas como “experiência humana corporificada”, que vão além de apenas materialidade, mas também devendo ser visualizadas como criações humanas intersubjetivas, pois essas noções são sustentadas coletivamente (SERPA, 2017, p. 25).

1.2. LUGAR, MEMÓRIA E MUNDO VIVIDO

A Geografia é uma mediação entre os aspectos terrestres e as relações sociais, que se entrelaçam nas vivências cotidianas em discursos, imaginários e conceitos. Então a abordagem da Geografia Humanista e Cultural se preocupa com as percepções humanas em relação ao espaço em que vivem. É nesse mesmo caminho que Dardel vai instigar que a existência humana tem, em sua essência, o caráter de “geofricizar” seu cotidiano, como

uma questão ontológica do ser (BESSE, 2014). A relação do ser humano com o meio é dada por duas dimensões: a simbólica, que constrói e percebe imaginários; e a concreta, que além dos aspectos físicos sensoriais e fenomenais, é de onde se obtém a subsistência humana (CASTRO, 2001).

Segundo Besse (2014), a realidade geográfica são os lugares humanos e essa realidade é o âmago do discurso geográfico, que, a partir da concepção sobre espaços vividos e suas representações advindas da contribuição fenomenológica, ampliou as investigações sobre o espaço. As investigações geográficas fenomenológicas não são meramente subjetivas ou de caráter antropológico, mas sim, evidencia as representações espaciais humanas, sejam elas individuais ou coletivas. A primeira concepção da realidade consciente humana é por meio do espaço (GIL FILHO, 2005). A manifestação existencial humana na Terra e sua construção identitária é expressa pela experiência hermenêutica da Geografia, que analisa os significados intersubjetivos da realidade dos sujeitos sociais (BESSE, 2014).

O estudo do lugar é, sobretudo, buscar compreender as relações humanas com o meio ambiente, é uma busca por autoconhecimento (HOLZER, 1997), pois as intenções humanas e suas identidades são identificadas no lugar, por isso é necessário viver o lugar para entendê-lo (RELPH, 1976). É nessa perspectiva que Milton Santos (2017) ressalta que o lugar é por onde a consciência do mundo é obtida, pois articula um sistema de relações que põe em diálogo dicotomias como o que permanece e o que é alterado.

O lugar, como produto da experiência, dá embasamento para a intersubjetividade, pois relaciona o corpo individual com outros corpos e com o mundo, desvendando situações e exercendo a condição existencial humana de “ser-no-mundo” (HOLZER, 1997) – termo da filosofia existencialista fenomenológica. A fenomenologia se torna um importante método de compreensão do mundo vivido, pois conecta a linguagem comum ao entendimento dos indivíduos, dos espaços e dos fenômenos (HOLZER, 1997). É da fenomenologia que se deriva a estrutura perceptiva do mundo vivido, e a importância de ampliar as vozes e percepções das pessoas que estão entrelaçadas pelos fenômenos em questão.

Mundo vivido e lugar são considerados sinônimos e o primeiro termo, utilizado na filosofia fenomenológica como o mundo da vida cotidiana, busca compreender as essências pela intencionalidade da consciência (NASCIMENTO; COSTA, 2016). A intencionalidade são as ações conscientes vivenciadas na experiência. Anne Buttimer (1982) vê o lugar como o importante elo que conecta aspectos geográficos aos fenomenológicos, pois o lugar é o mundo vivido, e a sua vivência reflete a adaptação humana à natureza pelo habitar.

Dentro do contexto simbólico das vivências espaciais, as relações dos fenômenos com seus atores sociais podem ser entendidas por meio da Geografia das Representações, que são expressas pelos simbolismos e pela linguagem. A abordagem da Geografia das Representações considera construções de objetos espaciais projetados mentalmente pelos indivíduos e sociedades em suas ações cotidianas, por mais que esses objetos não sejam perceptíveis, ou sejam imaginários. Através da percepção dos indivíduos comunicada por meio de mapas mentais, é possível obter representações socioculturais do mundo vivido em questão como imagens atribuídas de ações e valores (KOZEL, 2008).

Dos sentidos, desenvolvem-se os enunciados. Por meio dos enunciados advém as imagens e signos. Os enunciados se encontram na intersubjetividade. A semiótica só ocorre quando o ser humano se expressa, concretizando a experiência humana, e a expressão é intersubjetiva, produzida socialmente. O ser humano desenvolve sua identidade socialmente, porém ela é individual para cada sujeito, sendo elemento central nas relações sociais e na construção de discursos dotados de signos que são enunciados e representações da linguagem (KOZEL, 2008).

O geógrafo Edward Relph entende o lugar como existencialismo vivido com base nas postulações fenomenológicas de Heidegger (MARANDOLA, 2016). Discute a identidade dos lugares essencial na busca de entender as experiências dos lugares e seus componentes – configuração física (natureza e ambientes construídos), atividades (criativas, destrutivas ou passivas/ coletivas ou individuais) e significados (atribuições e significantes distintos e mutantes). Ele propõe sistematizar a possibilidade de envolvimento com os lugares derivados da relação, que podem ser interioridade (*insideness*), os que estão dentro da relação; e exterioridade (*outsideness*), os externos à relação. Esse envolvimento com os lugares oscila entre a intencionalidade e a semi- consciência; a experiência direta ou indireta.

As experiências diretas: a interioridade existencial é apego ao lugar, orgânica, não precisa ser consciente para ser efetiva; a interioridade comportamental é um envolvimento funcional com o lugar, é um envolvimento objetivo com atividades e objetos; a interioridade empática é de um profundo envolvimento com o lugar, de um interesse sincero. As experiências indiretas ou vicária (de segunda mão, comunicação criativa) são as experiências de lugares através de romances, novelas ou outras mídias: exterioridade incidental os lugares são só cenários para outras atividades; exterioridade objetiva os lugares são conceitos ou locais (atitude deliberada, desapaixonada de separação com o lugar, como o cientista/planejador/sem envolvimento); exterioridade existencial tem profunda alienação de todos os lugares (a pessoa se sente fora do lugar por alienação, topofobia ou por atributos

físicos e não intencionais).

O espaço existencial de Relph, na esfera do vivido, é uma íntima relação das estruturas concretas do mundo com as expressões subjetivas do indivíduo, que também permeia a intersubjetividade dos sujeitos do mesmo grupo cultural, que ocorre a socialização através das experiências, signos e símbolos. As experiências são relacionadas no espaço por meio do lugar, pois o lugar singulariza os espaços por ser um centro de intenções humanas. O espaço vivido tem seu significado através dos lugares existenciais da experiência imediata (MARANDOLA, 2016).

Para Relph, pertencer é ser, a identidade não é sinônimo de “o mesmo”, e sim “consigo mesmo”, então é diferente de outras. A identidade é diferenciada, mas dá unidade interna aos lugares. A existência autêntica assume responsabilidades da sua própria existência, inconsciente, coletivamente e mundanamente. A autenticidade, então, é experiência direta e genuína do complexo identitário dos lugares – nem intelectual, nem social, estereótipos. A inautêntica é a que transfere responsabilidade a forças imutáveis que não é acusada, que “não pode fazer nada, que não se assume”. Os lugares turísticos como produtos da intervenção urbana, exterioridade, entretenimento, estereótipos, padronização, uniformidade, destruição de lugares e lugares instáveis, não são orgânicas de historicidade e geograficidade, ausentes de identificação do ser, acentuados pela comunicação e imposição de padrões e ideais funcionais do mundo (ocidental, eurocêntrico, colonialista) (MARANDOLA, 2016).

Já Anne Buttimer diz que o lugar e seus signos são construções cotidianas dos sujeitos que o frequentam. A poesia e música, como expressões dos sujeitos, perpassam emoções atribuídas pelo sentido do lugar, que carrega nostalgia – real ou imaginária – de harmonia dos espaços rurais sobre a fragmentação urbana. No entusiasmo industrial, era mais importante expandir os espaços para mercados e consumo do que fazer de uma cidade, um lar. A perda de seu lugar pode acionar uma crise de identidade, pois quando abalados os sentidos simbólicos, emocionais, culturais, políticos ou biológicos, as experiências vividas do lugar se ressaltam como “protestos sobre o significado de lugar” (BUTTIMER, 2015, p. 6). Muitas vezes, esses sentimentos e significados do lugar não são levados à consciência até que sejam ameaçados, já que são rotineiros, “parte do tecido da vida” (BUTTIMER, 2015, p. 6).

O sentido de lugar não pareceu ser relevante nem mesmo para os setores administrativos até a Segunda Guerra Mundial, mas que foi emerso por reações populares às consideráveis mudanças vivenciadas nos confrontos da guerra, que manteve alguns aspectos

identitários nacionais, apesar de alterações de interações e trocas. Para se chegar ao sentido de lugar, é necessário explorar as perspectivas de lar e de horizonte de alcance (para fora do lar), que, se mapeadas, dão sugestões da identidade do lugar e do seu sentido para identificar centros de interesse cotidiano dos indivíduos. Esse centramento está relacionado a um processo de vida contínuo, ligado ao processo criativo das pessoas envolvidas na vivência – que são mais ligadas aos afazeres cotidianos que ao pensamento. É fundamental compreender os processos de vida nas mudanças identitárias materiais e políticas do lugar (BUTTNER, 2015).

um geógrafo, sensível às experiências de lugar dos “de dentro” e dos “de fora”, e ciente das reciprocidades do lar e dos horizontes de alcance dentro de sua própria experiência de vida, pode certamente oferecer alguma ajuda no tal empreendimento pedagógico (SEAMON, 1979, *apud* BUTTNER, 2015, p. 18).

O tempo e o lugar são os elementos primordiais das vivências cotidianas, e expressar lugaridade e territorialidade faz parte da natureza animal. Os lugares representam valores e satisfação de necessidades biológicas. É possível relacionar também a isso, as sutis experiências humanas. A experiência, para Tuan (2013), envolve as formas – sentidos e símbolos – pelas quais o indivíduo conhece e constrói a realidade, passando pelas emoções e pensamentos, mas voltada ao mundo externo, intersubjetivo. A experiência está associada a aprender e criar a partir da vivência própria.

A ciência geográfica apresenta diferentes abordagens: humana, física, clássica, moderna, entre tantas outras. Nessas abordagens encontramos não somente as objetividades, mas também as subjetividades. Assim como reflete Dias (2018) o raciocínio apresentado sobre os geógrafos viajantes, da era das grandes navegações, podem remeter a compreensão de que suas narrativas sobre os lugares visitados consistiam em apresentar um “novo mundo” ao “mundo conhecido”. Entretanto, ampliando essa compreensão, a autora destaca também o papel das narrativas como possibilidades de pensar sobre como as diferentes temporalidades podem se manifestar tanto no nosso cotidiano, como no nosso fazer científico.

Essa visão não-binária de espaço e tempo nos permite adentrar no campo da memória de modo a investigar como as relações entre a memória individual e a memória coletiva dos entrevistados, acerca dos lugares de Tibau, podem contribuir para uma compreensão da experiência geográfica dos moradores da cidade, a partir de suas narrativas.

As imagens de mundo são compartilhadas e nos permitem viver em sociedade. Estamos pensando o mundo a partir das relações singulares e plurais que compõem um vasto universo de pontos de vista sobre ele. Dessa forma é possível considerar

que as relações sujeito-mundo e mundo-sujeito são tão fortes que têm desdobramentos na produção do conhecimento geográfico (DIAS, 2018, p.167).

Adentrando no estudo da memória a partir das contribuições de Yi-fu-Tuan (2013), é possível identificar, ainda, uma nova perspectiva que aproxima tempo e lugar: a perspectiva da experiência. Nesse sentido, lugar e tempo se relacionam a partir de acontecimentos singulares, mantendo-se vivos pela memória em uma abordagem construída através das dimensões sociais, coletivas e individuais.

Ao refletir sobre como as pessoas atribuem significado e organizam o espaço e o lugar, Tuan (2013) define a experiência como sendo um conceito que abrange as diferentes maneiras pelas quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Maneiras que compreendem desde os sentidos mais diretos – olfato, paladar, tato e percepção visual ativa – à maneira indireta, a simbolização. Assim, a ideia de lugar torna-se mais específica e geográfica na medida em que o indivíduo cresce. O lugar adquire profundo significado para o adulto mediante atribuição de sentimentos a ele, por meio da experiência.

De acordo com Izquierdo (2018) memória significa aquisição, formação, conservação e evocação de informações. Ainda sob a ótica de Izquierdo, somos formados também por aquilo que decidimos esquecer. Tal decisão é concebida como um processo ativo da memória, o que implica considerar que, de fato, o indivíduo não esquece, mas, ao contrário, lembra seletivamente de algo e o torna de difícil acesso. De modo geral, o acervo de nossas memórias é o que constitui o indivíduo, um ser para o qual não existe outro idêntico. Esse ser concebe, organiza, percebe e narra os lugares. As memórias comuns contribuem para a formação da identidade dos povos em diferentes lugares.

Em seu sentido mais amplo, então, a palavra “memória” abrange desde os ignotos mecanismos que operam nas placas do meu computador até a história de cada cidade, país, povo ou civilização. Incluindo as memórias individuais dos animais e das pessoas. Mas a palavra memória quer dizer algo diferente em cada caso, porque os mecanismos de aquisição, armazenamento e evocação são diferentes (IZQUIERDO, 2018, p. 13)

Michael Pollak em *Memória e Identidade Social* (1987) apresenta dois elementos constitutivos da memória individual ou coletiva: os acontecimentos vividos pessoalmente e os acontecimentos vividos “por tabela”. No âmbito dos acontecimentos “por tabela” é possível considerar: os acontecimentos, pessoas ou personagens e os lugares.

O que Pollak (1987) considerou como acontecimentos vividos “por tabela” são os vividos pela coletividade ou pelo grupo ao qual a pessoa se sente pertencente. Fatos e acontecimentos dos quais a pessoa não participou, mas que no imaginário, atinge proporções

tão relevantes que se torna quase impossível para a pessoa confirmar ou não a sua participação. Devido ao altíssimo grau de identificação, memórias de um passado de determinado grupo podem ser transmitidas, ao longo das gerações, como uma memória herdada.

Sob a mesma perspectiva dos acontecimentos, as pessoas e as personagens também constituem, segundo Pollak (1987), a memória “por tabela”, o que implica dizer que, ainda que não pertençam ao espaço-tempo do narrador/entrevistado, algumas pessoas ou personagens se transformam, para eles, em “velhos conhecidos”.

Além dos acontecimentos e das pessoas, também os lugares podem ser acionados pela memória, podendo caracterizar uma lembrança pessoal que, não necessariamente pode ter apoio no tempo cronológico. Na memória relacionada aos lugares destacam-se lugares de apoio, como por exemplo, os lugares de comemoração. Outro exemplo relevante diz respeito aos lugares de monumento aos mortos, que poderá servir de base para uma memória que a pessoa viveu por ela mesma ou que fora vivido “por tabela”. Esse processo ocorre na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa.

De acordo com as reflexões de Berdoulay (2012), o ser humano constrói sua identidade conforme suas espacialidades, e vai modelando os lugares em que consegue manter a relação de ser no mundo. O lugar e o ser se estabelecem em conjunto e a consciência desse fato faz com que seu sentido ético seja exercido e reflita em suas ações. As histórias dos lugares e dos sujeitos se correspondem e são manifestadas pelo enredo contado na fala. É nessa narrativa que estão presentes os elementos materiais e imateriais, naturais e sociais, e são expressas a construção da identidade do ser e a identidade do lugar, que também revela as mudanças ocorridas e o sentido da relação espaço e sujeito.

Quando o lugar é atravessado por questões adversas ao sujeito, manifestando alteridades, surge a necessidade pela busca da identidade e muitas vezes de juntar-se a um grupo que realce o sentido de coletividade. O imaginário se revela quando há o compartilhamento entre o sujeito e o lugar, formando uma dinâmica própria, espontânea, em que o sujeito cria sua própria atividade. O sujeito se recria conforme as modificações ocorridas no espaço, e observar essas mudanças são importantes para compreender os significados reinventados do lugar (BERDOULAY, 2012).

Proshansky, Fabian e Kaminoff (1983) conceituam que a identidade de lugar deriva de um contexto social em que o meio e o sujeito se relacionam mutuamente, expressando seus usos, experiências, valores e significados dessa vivência. Conforme o lugar vai sendo experienciado, ganha significados que modelam suas nuances.

A memória é um fenômeno construído, resultado da organização, entre o que é gravado, excluído, recalçado ou relembado, que está muito atrelado ao sentido de identidade quando passada por herança. A identidade é, basicamente, a imagem de si para si e para os outros, adquirida pelas vivências que engloba a memória. Memória e identidade são disputas de valores entre conflitos de grupos, que exibem seus sentidos políticos (POLLAK, 1992).

Como resultado da íntima experiência humana com seu corpo, o espaço é organizado por fatores biológicos e sociais. O lugar pode ser entendido como uma pausa no movimento, o dotando de valor, e a sua intimidade faz com que o sentido de lar seja duradouro, muitas vezes importando o sentido de posse, pois a permanência é essencial para o sentido de lugar, que pode ser modificado de acordo com quem está nele. A intimidade com o lugar depende da frequência em que ele é experienciado. A realidade do lugar são as experiências banais cotidianas, “como respirar” (TUAN, 2013, p. 178).

O lugar, com seu ar intimista, é próximo ao indivíduo que o vivencia, é mais prático do que imaginário, pois “pensar cria distância. Os nativos se sentem à vontade, mergulhados na ambiência de seu lugar, mas, no momento em que pensam sobre o lugar, ele se torna um objeto do pensamento ‘lá fora’ (TUAN, 2013, p. 178)”. A busca por novos lugares pelos turistas tem um tom de desconhecimento e encantamento que se torna irreal com o tempo, caracterizando um contato efêmero, que despercebe a experiência direta e a verdadeira qualidade do lugar, devido ideias pré-concebidas. Ou seja, o percebido pelos sentidos do turista é cedido pelas convenções sociais estabelecidas do ambiente, segundo Tuan (2013).

O mundo terrestre é o que conecta o indivíduo ao sentido. O lugar permanece em sua essência, em seu sentido de lugar, através de ritos, práticas, costumes, que são possíveis através da vivência, da existência. Os bairros são dotados de um conceito, que deriva, não obrigatoriamente, da experiência. As ruas já são parte da íntima vivência experienciada pelo sujeito individualmente (TUAN, 2013). A realidade geográfica da cidade é a rua, que é o centro de vivências dos seres humanos, pois é nela que ele pode ter um papel social, de habitante, de passageiro, de trabalhador, “que faz do cidadão um homem da rua, [...] diante dos outros, sob o olhar de outrem, público” (DARDEL, 2011, p. 28).

Como o bairro tem uma abrangência, um aspecto coletivo, intersubjetivo, ele se torna, mentalmente, um conceito, que projeta um lugar, porém sem emoções. A interação entre identidades distintas pode ter a mesma influência de signos físicos no lugar, de fortificar a identidade local através do conhecimento de outras culturas e rivalidade. As emoções do lugar, então, em um bairro, podem emergir por aspectos externos, como a

ameaça de grupos rivais, por exemplo (TUAN, 2013).

Então, o lugar corresponde a uma organização de sentidos, signos, precisando de certa permanência para continuar significando. O sentimento pelo lugar provém de experiências, demandando tempo, e “é registrado por nossos músculos e ossos” (TUAN, 2013, p. 224), à medida que o tempo passa, refletindo a permanência.

Os sentidos são evidenciados pelos aspectos do meio ambiente e pela cultura, em sua maioria, e apesar de ter perspectivas e atitudes socialmente compartilhadas, cada indivíduo tem sua própria percepção, principalmente a partir de cada papel social, que distingue a atribuição de valores e aspectos observados (TUAN, 2012).

O lugar é um espaço percebido, é íntimo e representa a dimensão cotidiana simbolizada através da experiência dos indivíduos. Na contemporaneidade de fluidez e contatos rápidos, a categoria Lugar – como também Paisagem – se veem em grandes debates conceituais devido à complexa relação de processos subjetivos, identitários e afetivo-emocionais, exigindo uma amplitude perceptiva da pessoa que pesquisa a vivência de sociedades contemporâneas (ALVES; SILVA; DEUS, 2019).

O ser humano constrói os espaços, os recria e mantém a comunicação entre eles. Um caminho construído é uma forma de desfazer o espaço e de o recriar, classificando, mas não necessariamente, de outra forma. É uma forma de exercer suas intenções, marcando-as na Terra, dando fluidez e abrangência às paisagens. Mesmo assim, a realidade geográfica não é um objeto, a Geografia como ciência subentende que o mundo seja percebido geograficamente, numa espécie de geograficidade. A realidade geográfica é o lugar, o espaço de tecer de vida cotidianamente, onde se está presente. Os sentidos perceptivos – o cheiro, o tato, os sabores, cores, as formas das paisagens – são associados às ligações afetivas, à memória, às ideias, que dão forma à realidade por meio de símbolos, mas a subjetividade não é pura fantasia, ela é firmada por uma objetividade. Os espaços singularizados são, de certa forma, valorizados, pois não são colocados numa posição trivial (DARDEL, 2011).

O ser humano, para experienciar a realidade geográfica, necessita se engajar totalmente por intermédio de sua afetividade, seu cotidiano, seu corpo – a sua organicidade, muitas vezes esquecida –, pois é por meio da consciência que a realidade age sobre o indivíduo. Perceber através da sinestesia é criar uma devida intimidade com a dimensão física. Como forma de pertencimento, de confiança e de aconchegar a subjetividade do ser, o ser humano habita. O que a realidade geográfica representa tem relação com os símbolos da essência humana, pois é na Terra que se encontra acolhimento, “[...] uma relação

concreta liga o homem à Terra, uma *geograficidade* (*géographicité*) do homem como modo de sua existência e seu destino.” (DARDEL, 2011, p. 1-2).

1.3. GEOGRAFICIDADE: O PENSAMENTO DE DARDEL

Antes de ser uma disciplina escolar, antes de ser ciência, antes de ser Geografia, a geografia é a ligação que o ser humano possui com a Terra. A existência humana abriga a geografia na sua mais íntima experiência de mundo. O ser humano é um ser terrestre e sua condição terrena o mantém aterrissado nos espaços, nas paisagens, nos lugares. O desejo de conhecer novos lugares, andar pela Terra e transformar os novos espaços em familiares faz parte do impulso de vida de um ser essencialmente terrestre. Abrir os caminhos da Terra é transformá-la em casa, e também reconhecer os espaços além da atmosfera da casa. Observar e descrever os lugares, elencar suas particularidades que o diferencia e o iguala de outros faz parte dessa busca pelo “conhecer os espaços”. O que não deve ser esquecido é que as peculiaridades do lugar estão atreladas ao sentimento que o ser humano atribui a ele.

A objetividade do lugar é percebida pelo ser humano através da subjetividade. A percepção, a construção, a imagem, a modificação e a categorização dos espaços são uma relação mútua das características físicas, concretas e objetivas com o sentimento, o processamento psíquico e emocional do ser humano em relação aos espaços. A Geografia não deveria ignorar nenhuma das partes. A Geografia nasce da geografia, da geograficidade.

Mas antes do geógrafo e da sua preocupação com uma ciência exata, a história mostra uma geografia em ato uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. O amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma **geograficidade** do homem como modo de sua existência e de seu destino (DARDEL, 2011,p. 1-2).

A geograficidade é um instinto, é uma premissa de sobrevivência e adaptação. Faz parte do sentimento humano que guia seu interesse pelo mundo que o envolve. Que lhe invade. A presença da Terra não apresenta opção de escolha, não apresenta uma outra alternativa. A presença da Terra é quase que uma realidade obrigatória, pois ela quem ofereceu as condições do desenvolvimento da vida humana, dessa espécie que tenta dominá-la. Mas a presença da Terra é tão dominante na existência humana, que não há como buscar outro planeta para viver se não houver as características terráqueas para a habitação. Por mais que no mundo contemporâneo se busque outros planetas que possam substituir a presença da Terra, minimamente precisa-se encontrar as condições de vida que a

Terra nos oferece: oxigênio, água, incidência precisa de Sol, por exemplo. A vida humana encontra conforto e prosperidade a partir do que a Terra oferece. E na própria sensação de buscar novos espaços, os espaços além da Terra são também almejados. Buscar o além da Terra está atrelado a um certo sentimento de esgotamento dos espaços que o ser humano vive. Uma sensação de dominação, de total conhecimento sobre os espaços terráqueos.

No mundo contemporâneo há uma sensação de padronização dos espaços, e talvez uma intenção a isso. Os espaços se repetem, têm funções muito bem definidas e projetadas para tal. A diferenciação dos lugares se torna já previamente estabelecida, dispensando, considerando obsoleta, uma sensação proveniente do sentimento de estar, presenciar e viver o espaço. Os lugares e o sentimento de apreciação ou desprezo pelo lugar são baseados em predefinições estabelecidas por imagens e significados classificados pela sociedade. É como se fosse uma automatização da própria natureza humana pela necessidade de objetivação que o rigor científico incorpora no cotidiano e nas formas de pensar a vida.

Segundo Marandola (2008), a sistematização da ciência e seu rigor despreza a distinção entre os lugares e estimula o sentimento de não haver mais espaços novos para serem conhecidos. O mapa-múndi esgota as fronteiras, a internet e as redes sociais te revelam os acontecimentos dos lugares. Como se tudo já fosse sabido, sem necessidade da experiência em presença no lugar. O espaço construído com funcionalidade predefinida se instaura por cima do que já foi um espaço de vida significado pela experiência. O empirismo é confrontado pelo racionalismo.

Por que se deve, afinal, ignorar a geograficidade para pensar a Geografia? Por que negar o empirismo, que é a experiência humana, para quantificar o mundo em padrões matemáticos? Separar uma coisa da outra leva a ciência geográfica para um labirinto que desfoca o sentido da própria ciência, que bota em dúvida qual o seu foco de investigação.

Besse (2014), em *Ver a Terra*, busca refletir sobre geografia, recorrendo a outros autores, e quando resgata *O Homem e a Terra* de Dardel, instiga que a repercussão das experiências é o que origina o saber geográfico. Diz que para Dardel o ser humano busca a geografia, pois ele o vive em sua dimensão originária. Seu pensamento em sintonia com Merleau-Ponty, resgaram os pressupostos científicos, da condição do ser que está no mundo, o habita. Esse pensamento reflete nas questões epistemológicas da Geografia, do saber cotidiano, da sensibilidade de significação humana ao espaço.

O mundo terrestre é o elo essencial para que haja sentido, sensação, percepção, principalmente expressão. Ser é participar, estar no mundo, na Terra. O que liberta o ser em

seu lugar de vida é a cultura, mas os lugares estão sempre em movimento. A geografia de Dardel é sobre a manifestação que o ser humano possui com seus espaços de vida, sobre a construção da identidade humana (BESSE, 2014).

Além da crise no pensamento geográfico, o espaço existencial, empírico, sentido pela experiência da percepção humana ainda é o cerne do sentido de existência do ser humano. Um espaço com significado, seja pela topofilia ou pela topofobia. O espaço é uma relação de confiança e permanência. São os lugares que confortam e apavoram, encantam e espantam a experiência humana.

Dardel (2011) instiga que antes da incorporação do racionalismo cartesiano que exaltava a exterioridade, a geografia era em ato, era um desejo de conhecer o mundo, como uma verdadeira inquietude sobre uma conexão entre o ser humano e a Terra. A geograficidade humana é o fundamento existencial e destino da vida. Na ânsia de compreender o que embasa sua experiência em seu cerne de existência, o desejo de conhecer o mundo circundante é a própria essência do ser geográfico.

O dualismo ressaltado na ciência moderna destaca a exterioridade da interioridade, que emerge a problematização do espaço geométrico. Essa concepção abstrai as nuances do espaço, o visualizando como vazio, como mero receptáculo neutro, uniforme, e o diferencia do espaço geográfico. Já esse último possui características próprias, singularidades, até mesmo nome, que se origina pela vivência humana nele.

O conhecimento geográfico tenta desvendar os segredos que a Terra deixa implícitos, e que instiga o ser humano pela sua calorosa e inevitável presença. Dardel diz que, nessa busca humana, o lugar sendo cada vez mais significado e sentido, que evidencia emoções e dá sentido aos signos naturais, em que “os símbolos operam uma transmutação das substâncias, em que as ondas marinhas se materializam em ritmos sonoros” (DARDEL, 2011, p. 5). E, desse modo, a geografia interior, originária, designa sentidos da espacialidade, na experiência simples, mas intensa, que expõe a cumplicidade entre o ser e o mundo, a geograficidade.

O espaço geográfico é talhado na matéria ou diluído em uma substância móvel ou invisível. Ele é a falésia, a escarpa da montanha; ele é a areia da duna ou a grama da savana, o céu morno e esfumaçado das grandes cidades industriais, a grande ondulação oceânica. Aérea, a matéria permanece ainda matéria. (DARDEL, 2011, p. 7-8)

O espaço possui significados com a presença dos seus elementos, mas também comunica através das ausências, dos silêncios, das faltas. A materialidade do espaço independe da presença humana, mas constitui sua experiência. O ser humano projeta sua

vivência baseada em suas escalas e demandas. Sem a presença e imaginação humanas, não há geografias, nem atribuição simbólica para a materialidade, pois “a fronteira só se opõe como fronteira, de uma liberdade que a afronta ou que se sente protegida, que a franqueia ou a respeita” (DARDEL, 2011, p. 9). A materialidade dos lugares influencia na geograficidade humana: o relevo, o clima, circunda a natureza dos costumes sociais e em seus processos psíquicos.

As referências de orientação fazem dos lugares centralidades existenciais de interesse, que circunscreve os sentidos afetivos, de valor e vivência. Dessa forma, o corpo humano projeta no espaço sua extensão material e simbólica, que resguarda nos lugares a sua existência. Os espaços são interesse de produção humana, que recebem dinâmicas das suas atividades e simbologias. Os significados espaciais vêm da criatividade da experiência primitiva, de sensações visuais ou táteis que interpretam profundidade, espessura, solidez etc. advindas do espaço telúrico, base do mundo, infindo mistério da natureza. O mistério telúrico também chama o ser humano, encanta e atrai, comunica e se movimenta com ele.

O espaço aquático dá sensação e suporte para a vida, sua ausência é como ausência de sobrevivência. É um espaço de fluidez, o rio rasteja e serpenteia, corre e planifica, acalma e tranquiliza. O mar une, divide, se retira, morre, ataca, se movimenta e se transforma, “é uma força envolvente, ambiência em seu sentido mais apropriado; ele é elemento” (DARDEL, 2011, p. 21), o mar reifica os fenômenos. Já o espaço aéreo não é visível, mas está sempre presente, é sutil e faz parte da expressividade humana na linguagem de comportamentos: frieza, calorosa.

Para Dardel (2011), o produto humano é seu espaço construído, que em grande cidade o ser é modelado em referência aos seus paradigmas morais e sentimentais; na pequena cidade, comporta um centro de relações, em vilas. A rua é a realidade geográfica da cidade, que comporta o enredo da vivência no cotidiano. Com o passar do tempo, algumas cidades desabrigam seu centro de vida; outras, se expandem, abrigo vida em excesso. A narrativa do ser se manifesta na Terra em uma relação existencial.

A geografia pressupõe a vivência no mundo, “que o homem se sinta e se saiba ligado à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre” (DARDEL, 2011, p. 33). A realidade geográfica humana é seu lugar, o lugar das memórias, que atrai sua presença, que desperta afetividades. A objetividade humana se assenta em sua subjetividade, que envolve seu corpo, seus costumes, seus sentimentos, sujeitos a não consciência deles, pois o ser humano esquece da sua própria organicidade. A realidade geográfica é um despertar de consciência que precede o próprio despertar. A experiência humana envolve-se na

sinestesia que o corpo no mundo sente, pelas cores quentes, suaves e felizes; pelos cheiros doces, amargos; pelo toque salgado, das nuances que a Terra apresenta nas questões perceptivas humanas.

A Terra é condição de repouso, base de vida do ser humano, é habitat e firmamento, é sua matéria prima.

A Terra é, por excelência, para o homem, como destino, a circunstância, aquilo que se ergue à sua volta e mantém sua presença como engajamento no Ser. [...] O homem procura a Terra, ele a espera e a chama com todo o seu ser. Antes mesmo de tê-la encontrado, ele vai adiante dela e a reconhece. (DARDEL, 2011, p. 43)

1.4 O ESPAÇO EXISTENCIAL DO SER: CORPO E MUNDO NA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY

“Não há homem sem mundo, nem mundo sem homem.”

(Paulo Freire)

A geograficidade se desenvolve junto com as experiências do ser. É um instinto primitivo de pertencer a algo, de ser fruto de um todo. A geograficidade que Dardel (2011) anuncia é a forma básica de ser e também de estar em algum lugar. É uma preocupação com a existência. É uma preocupação com a circunstancialidade, a espacialidade, o receptáculo do acontecer da vida. Ser e estar no mundo é um reconhecimento, uma premissa da consciência existencial, consciência corpórea e psíquica do ser humano. O espaço é, no final das contas, uma concepção, uma dimensão humana para se inserir na Terra. O ser humano o mede, o arranja a outras horizontalidades e verticalidades, outras disposições, o confronta em sua negação. Mas antes disso, o sente, o perpassa, o vive, o experiencia, o engole para dentro de si. O corpo finda sendo a principal manifestação humana no espaço, antes de qualquer outra manifestação.

O nascimento é a inauguração do mundo, quando o corpo é inserido nele. A partir disso que se iniciam as experiências, que o espaço passa a ser vivido, sentido, experienciado. Essa perspectiva de que o espaço é onde o corpo se insere não necessariamente o confirma como apenas exterioridade.

Não é possível a existência do corpo e da vida sem o espaço e seus componentes, como não é possível existir o espaço, lugar, paisagem ou outro atributo que permite a ação humana, sem a experiência do corpo. Se o espaço, em geral, e o lugar, em particular, como sua dimensão concreta, é existencial, a existência é espacial. (CHAVEIRO, 2012, p. 250)

Apresentando a palavra mundo, no primeiro contato, dá impressão de que o assunto

se torna abstrato, vago e banal. Mundo dá uma noção de grandeza. É uma palavra comum em muitos vocabulários, foi cunhada pelos romanos, na ideia de mundialização, um espalhamento cultural pela língua, escrita e técnicas. Mundo acolhe uma noção do profano: o mundano, como essencialmente humano, afastado do universo divino. Na tentativa de invocação divina para a Terra acontece uma disruptura entre a relação humana com ela, já que passa a dominá-la, a tentar se impor contra sua natureza. Seguido pelo aperfeiçoamento da técnica e o rápido desenvolvimento da ciência, a ligação orgânica terrena foi esmaecida. A vivência humana, o mundo experienciado é o que fornece o princípio da ciência, mas que é objetivado pelo princípio cartesiano (HOLZER, 2013). É como se, ironicamente, o ser humano em sua evolução de comportamento, percepção, julgamento de juízo, racionalizasse ao ponto de negar sua mundanidade, seu mundo vivido, aquilo que é inerente a sua própria existência.

Na valorização do positivismo na ciência, a Geografia passa a interpretar mundo como suporte físico, onde estão sustentadas as coisas. E essa roupagem científica substitui a palavra “mundo” por “espaço”. Espaço passa a ser um suporte físico homogeneizado, uniforme, geométrico, onde cabe o todo. Universalizando ainda mais a abrangência do que se pode pensar o espaço.

Só é possível compreender e solucionar essencialmente o espaço e os problemas do meio, a partir da autocompreensão humana, já que os problemas ambientais são problemas humanos, “e os problemas humanos, quer seja econômicos, políticos ou sociais, dependem do centro psicológico da motivação, dos valores e atitudes que dirigem as energias para os objetivos” (TUAN, 2012, p. 1). Os seres humanos têm sua maneira de responder ao ambiente físico por suas atribuições de percepções e valores. A conexão entre pessoa e lugar é concreta, é vivida como experiência pessoal, é topofilia, é geograficidade. É a partir de processos mentais na relação humana entre pessoas e entre pessoa e espaço que o ser humano se habitua para se sentir confortável na natureza, construindo, modificando, artificializando o meio. E essas relações são diferentes em função do tempo, do lugar em que se situa, da cultura. Pessoas nativas e visitantes têm percepções e julgamentos distintos por terem experiências e propósitos diferentes no mesmo lugar.

A realidade não é esgotável, não é possível de ser compreendida em sua totalidade. As atitudes humanas são distintas a partir do domínio sobre a natureza, o conceito de beleza vai se readaptando com o tempo e aprimoramento das técnicas. O meio influencia na percepção do indivíduo, como nas percepções de horizontes ou espaços aquáticos.

A cidade é um artefato humano irreduzível, que reflete seus propósitos e suas

necessidades que passam a ser fatos naturais, mas que estão sob seu controle apenas pequenas partes, como seus lares, que refletem suas personalidades, e que a partir das atividades exercidas nessas pequenas partes, que se respondem a um ambiente macro urbano. Na cidade, a separação dos lares se dá pelo tipo de emprego e a obtenção de alimentos que sustentam a vida. Os seres humanos vivem na busca por um ambiente ideal e um ponto de equilíbrio entre a mundanidade e a epifania, o equilíbrio que não é deste mundo (TUAN, 2012).

A topofilia tem variadas formas, escalas e intensidades:

prazer visual efêmero; o deleite sensual de contato físico; o apego por um lugar por ser família, porque é o lar e representa o passado, porque evoca orgulho de posse ou de criação; alegria nas coisas devido à saúde e vitalidade animal. Certos meios ambientes naturais têm figurado de maneira proeminente nos sonhos da humanidade de um mundo ideal: a floresta, a praia, o vale, a ilha. A construção do mundo ideal é uma questão de remover os defeitos do mundo real. **A geografia fornece necessariamente o conteúdo do sentimento topofílico.** Os paraísos têm uma certa semelhança familiar porque os excessos da geografia (muito quente ou muito frio, muito úmido ou muito seco) são removidos. (TUAN, 2012, p. 286. Grifo da autora)

A filosofia fenomenológica é um modo de recorrer ao pensamento do indivíduo no mundo, que contribui à pesquisa geográfica em sua essência humanista. Para Merleau-Ponty (1999, p. 116) é uma admiração da inerência do ser ao mundo, é um elo. O elo do corpo com o mundo, do mundo com o ser. Refletir sobre como o espaço está em elo com a essência do ser humano é considerar importante pensar sobre a própria experiência de vida humana. O que vale, o que importa para a existência humana, afinal? Pode ser um resgate ao mundo da vida, ao corriqueiro, cotidiano, ao vívido, vivido. Com direito a abstrações. Mas abstrações que fazem parte dessa experiência, de como a economia delimita espacialmente e existencialmente as questões de vida que atravessam o ser.

Ser no mundo. Implica estar em consonância com o que também está no mundo. Em que mundo é possível ser? O que é tido como permitido em ser e estar nesses espaços de vida? Essas questões filosóficas parecem essenciais para resgatar a geografia existencial, na qual os espaços são além de receptáculo da vida. Os espaços são projeções da vida. Os espaços têm nomes, têm formas, têm sentimentos e sentidos. Os espaços possuem cheiros, cores, texturas, sabores, pessoas, vidas múltiplas. Os espaços são divididos, são disputados. São lugares onde descansa o corpo. O corpo é um espaço do ser? O corpo está no espaço. O que é o espaço sem o corpo? O que é o corpo sem o espaço?

As concepções do que é quente, o que é frio, o que é alto, o que é baixo, o que é seguro, o que é perigoso, o que é bom, o que não é. Onde dá para viver, onde se encontra

aconchego. O ser humano embebe-se da cultura para passar adiante a construção de sua reflexão sobre os espaços. O lugar onde é possível pescar específica espécie de peixe, o local ideal para aproveitar a correnteza dos pingas de água doce, o lugar onde posso construir uma casa sem que seja rapidamente destruída pela abrasividade da dissolução das falésias. Conhecimentos transmitidos por geração são necessários para o aprofundamento da geograficidade de um povo no seu espaço de vida. Os lugares que fazem parte desse espaço de vida contam histórias, narram marcose acontecimentos, acomodam sentimentos que dão sentido à trajetória de vida de uma sociedade.

Merleau-Ponty (1999) provoca sair da dicotomia, o dualismo cartesiano, além da forma e conteúdo que se atribui ao espaço, e sim investigar a experiência originária do espaço, que é o acontecimento do fenômeno, simultâneo ao corpo, à cognição mental e a inserção no espaço.

A constituição de um nível espacial é apenas um dos meios da constituição de um mundo pleno: meu corpo tem poder sobre o mundo quando minha percepção me oferece um espetáculo tão variado e tão claramente articulado quanto possível, e quando minhas intenções motoras, desdobrando-se, recebem do mundo as respostas que esperam. Esse máximo de nitidez na percepção e na ação define um *solo* perceptivo, um fundo de minha vida, um ambiente geral para a coexistência de meu corpo e do mundo. Com a noção do nível espacial e do corpo enquanto sujeito do espaço, compreendem-se os fenômenos [...]. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 337-338)

Voltar à experiência direta, original, que acontece no mundo da vida, é retornar ao que compreende o corpo como elemento importante na experiência, pois é o necessário para a percepção de um espetáculo que acontece. “Tudo nos reenvia às relações orgânicas entre o sujeito e o espaço, a esse poder do sujeito sobre seu mundo que é a origem do espaço” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 338).

O espaço, muitas vezes, é compreendido em um nível em que se precede a si mesmo, como essência e como seu próprio método de compreensão. Ele é colocado em uma situação em que já se constitui antes do que já foi posto. O ser é situado, orientado, em sua existência espacial e a experiência perceptiva demonstra esse fato. A percepção do ser e o espaço indicam o nascimento, condição de sua corporeidade, uma comunicação que precede o pensamento. O espaço é, afinal, um fato. Não é um objeto nem um ato que une o indivíduo. Não é visível, já que está presente em todas as observações. Já é constituído como obrigatoriedade já o ser. Então, ele incorpora suas determinações às paisagens sem mesmo nunca aparecer (MERLEAU-PONTY, 1999, p.343). Para acessar o espaço, é preciso do corpo, é preciso que do ser no mundo, presente.

Para Merleau-Ponty (1999), o corpo sensível é uma confirmação da impossibilidade de separar a subjetividade da objetividade. Para voltar à descrição do mundo vivido pela experiência, a fenomenologia resgata o que a ciência abstraiu, pois passou a ignorar o sentido existencial da vida humana. A percepção é uma relação viva do ser humano com seu corpo e com o mundo. A consciência corporal projeta o ser humano nas coisas, assim um mundo aparece – ser no mundo, sensível. O sensível é uma proposta de ritmo de existência ou vibração vital. A sensação é lugar de um nascimento conjunto de sujeito e meio de existência. O sujeito é capaz de encontrarsentido para aspectos do ser sem que ele próprio tenha dado como operação constituinte.

O fenômeno não é um estado da consciência ou um fato psíquico, é o mundo como ele aparece. A percepção não é um modo de pensar o objeto ou de o ser se pensarmos pensando-o, é antes disso, um confundir-se com esse corpo que sabe mais que a consciência sobre os meios infindáveis de fazer síntese do mundo.

No pensamento de Merleau-Ponty (1999), o corpo é um fenômeno, que expressa, que está presente, que é corporeidade, é presença ativa no mundo. A corporeidade é uma representação criada na mente para perceber e compreender o corpo. O corpo é fonte de conhecimento que auxilia no acesso à realidade. Mundo e corpo são feitos da mesma matéria, mas o corpo nos ajuda a perceber o mundo e o que há nele. Auxilia as operações mentais. Existência situada.

As sensações são a primeira abertura do ser ao mundo da vida. O corpo e a mente atuam em conjunto, e é pelo intermédio do corpo, em sua vivência, que se tem acesso à subjetividade, ao conhecimento, que organiza e classifica a experiência, antes do desenvolvimento da linguagem. O indivíduo não apenas está no espaço e no tempo, ele é no espaço e no tempo.

A interioridade e a exterioridade realizam-se em consonância, significando o mundo e a existência humana por meio da sensibilidade e da percepção. O corpo é o elemento essencial no processo de significação das vivências humanas, é como se conhece o mundo, o corpo é o ser. O mundo é o meio em que o ser realiza sua cognição e percepção, em que o ser conhece a si. O ser e o mundo constituem um elo existencial, em que o corpo é base desse elo. O ser é inseparável do corpo e do mundo, e essa relação concebe sua subjetividade (MERLEAU-PONTY, 1999). A prática aponta um saber único da experiência de mundo sem que a corporeidade obedeça às questões mentais de modo subserviente. O corpo se comunica com o mundo, de modo que o sujeito é inseparável do mundo que projeta (FONTES FILHO, 2012).

A fenomenologia de Merleau-Ponty aponta que, até mesmo a figura geométrica e a equação matemática, possuem campos históricos e geográficos, compostos no enredo cultural adquirido nas vivências. A consciência é uma situação no tempo. O corpo existe e adquire sentido no mundo, através do mundo, sendo irreduzível à corporeidade, ao material. A existência do corpo é potencialmente aberta às significações. A fenomenologia pontyana se preocupa com esse poder de significação, no sentido em operação, confrontando a dualidade do sujeito e objeto (FONTES FILHO, 2012).

1.5. MINHA FENOMENOLOGIA

Conheço Tibau antes mesmo de me entender por gente. As primeiras histórias da infância contadas por meus pais remetem à liberdade de um bebê que, na instiga de aprender a andar e correr, via a vastidão da praia como um belíssimo encontro ao mar. E corria por liberdade, encontro e fascínio. O ambiente da praia sugere uma áurea única: um vento forte que te desconecta das preocupações humanas, que te ajuda a não ouvir outros ruídos além dele, nem os pensamentos; um corpo de água com força bruta e branda, ao mesmo tempo, que reflete uma infinitude, que te faz esquecer de querer medir e objetivar a natureza; as cores tão latentes que atravessam os sentidos humanos, um azul inexplicável; a textura macia da areia, cortante das pedras e corais, “esfarelenta” das falésias, granulosa das conchas, desconhecidas que te encostam embaixo da água; uma vegetação característica que emoldura o cenário; e as pessoas! Que te contam histórias, lendas, que acolhem o estrangeiro, os chegantes, que transmitem o sabor do lugar pelo alimento, que são vestidos pela natureza de ser filho daquela terra em particular.

O meu fascínio com o mar nasce na construção empírica, da experiência de vivenciar a praia no contexto familiar, hospedados na casa de praia de parentes, que ficava no antigo centro. Era um ambiente de repouso para nós que visitamos, mas de morada de outras pessoas, que fincaram ali suas vidas. O ambiente de alteridade é apenas para quem vem de fora. Visitávamos outras praias, geralmente mais pacatas, mas com Tibau havia um vínculo afetivo maior.

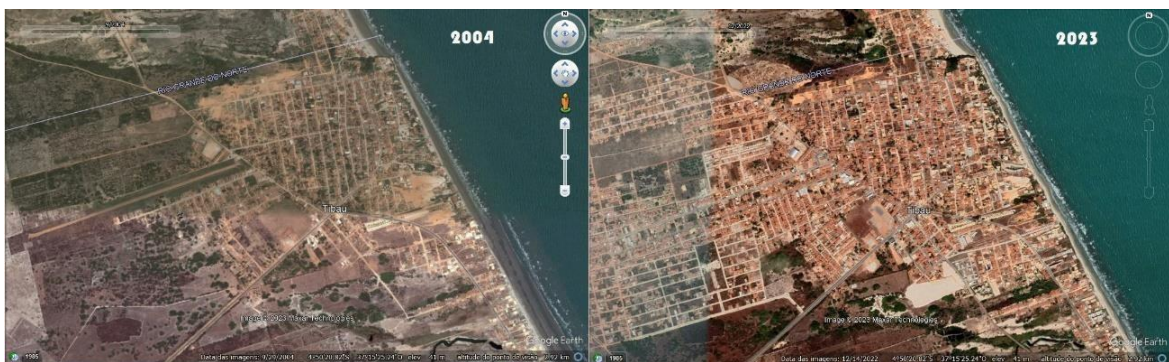
Tibau. Que marcou a juventude do meu pai, que se aventurava nas ondas. Que recebeu a lua de mel que selou minha família. Que acolheu meus primeiros passos miúdos na areia molhada. Presenciou o colo de mãe, a voz aveludada que embalava meu sono na rede da varanda. Que firmou meu pacto de cumplicidade com meu irmão. Que me ensinou que existia muito além do modo de vida que eu vivia em Mossoró. Compartilhou, na infância, a vida nas ruas do antigo centro, com seus “filhos”, por quem eu nutria respeito e

curiosidade. A pesca, o canto, a arte, a comida. O gelé carregado na cabeça de senhores; o picolé que subia e descia as ladeiras de Tibau; a tapioca quentinha feita na hora; o sabor inconfundível da peixada e do camarão alho e óleo; o caldinho de taioba que deixa saudades.

No início dos anos 2000, ainda com áurea de vila, aproximava-me bastante da vivência cotidiana nos seus espaços, com a experiência de um corpo sensível, que apreciava, grande parte inconscientemente, as percepções sensoriais do lugar. O calor amenizado pelo vento forte e úmido, a cheiro salgado da água do mar, a fina areia que grudava na pele, o barulho das ondas quebrando, o sabor das comidas, as caminhadas pela cidade. Estar em Tibau possibilitava uma ligação com a maritimidade que hoje é inerente à minha experiência de vida. O conforto e hospitalidade do tibauense facilita o sentimento de pertencimento de quem vem de fora, há o prazer de compartilhamento dos espaços.

Após um período sem visitar a cidade e a revisitando no final da década de 2010, as mudanças ocorridas nos antigos espaços cotidianos de Tibau me causaram grande estranhamento. Havia outras centralidades, outras práticas de lazer, outros empreendimentos, outra Tibau. As casas estavam muradas e modernizadas, fora do antigo modelo de muros baixos e varandas. Das minhas lembranças, em menos de 10 anos, a moda e sofisticação de condomínios e casas de alto padrão se propagaram rapidamente em espaços não tão povoados anteriormente, como em Gado Bravo, por exemplo.

Figura 3 - Expansão urbana do centro de Tibau (2004-2023)



Fonte: Google Earth (2023).

Hoje em dia, visitar Tibau é uma experiência diferente. Não que existisse em mim a expectativa que ali fosse um espaço parado no tempo, de uma contínua pacata vila, o que em meados de 2000 já não era mais vila, nem tão pacata. Mas nos dias de hoje, em muitos momentos, evoca a sensação de estar em outro lugar. Não poder mais ir ao mercado do peixe ou comprar no supermercado Jéssica, esperar a tapioca ficar pronta, jogar dama à noite na calçada. Onde estão os vizinhos àquela antiga casa? Muitos já partiram, alguns foram morar em outras cidades em busca de emprego, poucos pude rever durante os campos da

pesquisa.

Fui surpreendida ao saber que já não havia mais a prática de coleta em Tibau, não se encontra mais taiobas na praia. Poucos são os pescadores que conseguem se manter na pesca de tresmalho como antes, não é tão fácil encontrar peixes por ali. Ogelé ainda se encontra com poucos vendedores ambulantes levando os tabuleiros em suas cabeças, mas o grude se tornou mais difícil de encontrar. O valor de consumo nas barracas de praia aumentou muito, parte por uma proposta de valorização turística, parte pelo aumento considerável do valor de itens básicos, como alimentos e gás de cozinha.

Em meados de 2014 é finalizada a obra de duplicação da estrada RN-013, Avenida Governador Vasconcelos Maia, que conecta os municípios Mossoró e Tibau. Desde então o fluxo de visitantes aumentou consideravelmente, principalmente nos finais de semana. A cidade passou a receber ainda mais visitantes, a maioria vai para casas de segunda residência, mesmo que não seja própria, mas de amigos, familiares ou alugadas, e outros para passar o dia nas barracas à beira-mar. Ainda existem poucas pousadas e hotéis, considerando o número de pessoas que concentra nos primeiros meses do ano, mas o número de residenciais é alto. Então, Tibau possui um atrativo para as pessoas de fora ligada à fixação afetiva em um lugar, as pessoas tendem a querer permanecer voltando, então se estabelecem com suas segundas residências.

Muitos vilegiaturistas transformam suas casas de segunda residência em residências fixas, geralmente quando se aposentam ou quando mudam de emprego. A pandemia da COVID-19 facilitou esse acontecimento, já que algumas pessoas fizeram isolamento nas segundas residências, e a oferta de empregos em *home office* ajudou na escolha de morar num lugar calmo e marítimo e não na agitação da cidade. A expansão urbana para o território do Ceará acompanha o híbrido de casas de segundas residências misturadas com casas de moradia fixa, mas que predominam as casas fechadas na espera do tumultuado veraneio.

Tenho latente em minha experiência de vida a maritimidade, que me acompanha nas minhas experiências de “ser geográfico”, que estou no mundo. Sinto pela minha percepção o que é ser humana. Tibau foi responsável pelo meu despertar de maritimidade. Observar as mudanças ocorridas no lugar me afetou, em minha percepção de maritimidade e geograficidade daquele lugar. Se em minha relação, senti a estranheza no lugar, que pareceu esquecer quem são os filhos de Tibau, que viviam e se nutriam daquele ambiente, que habitavam em consonância, desperta-me a curiosidade de saber como se sentem os filhos de Tibau.

O que instiga essa pesquisa é a preocupação com a relação de intimidade e de histórias geracionais que os tibuenses tinham com seus espaços de vida, e que podem estar sendo fragilizadas. Não é permissível mais que a colonialidade em suas múltiplas escalas silenciem, matem e invisibilizem os povos em seus lugares de vida. O modo de vida urbano institucionalizado, e que usa a esfera do lazer e do turismo para explorar áreas para visitantes aproveitarem suas férias não deve continuar fragmentando populações locais. É dessa forma que se mata a história do Brasil, a história do Nordeste, a história do Rio Grande do Norte, a história de vila de Tibau. O lazer não é mais importante que a vida das pessoas. Destinar a água que consumo de uma população para a piscina é um ato de perversidade. Como se bebe água agora? Comprando. Como se lava roupa, cozinha, toma banho? Pagando a conta da companhia de água. Como pescar o peixe para comer e vender? Indo para lugares ainda não tão degradados. Como coletar a matéria-prima do meu artesanato? Comprando um material que simule o que era antes extraído. Onde estão os antigos espaços sociais de encontro, conversa, festas, brincadeiras? Foram vendidos para turistas construir suas casas de praia e a visitarem algumas vezes no ano. Onde estão os tibuenses? Deslocados do antigo sentido de maritimidade, fora do lugar de vida das gerações passadas, fora do que fazia parte de sua geograficidade.

Quando as histórias de vida vão sendo passadas para as futuras gerações, faltam partes delas, pedaços que foram deixados nos tortuosos caminhos de procura para um lugar de sossego e repouso da vida. Se o ser humano faz parte dos espaços, se jorra de dentro dele a pulsão de se conectar com o lugar, o afastamento de seu refúgio íntimo é um ato de dor. A geograficidade diaspórica, sequestrada, a falta do seu ambiente materno, do colo da mãe Terra. A lugaridade é importante para viver bem.

PARTE 2 – TIBAU SOB ATRAVESSAMENTOS

Aqui, vos apresento a Tibau. Partes dela. Momentos, registros, histórias, pesquisas, depoimentos, que possam oferecer uma ambientação desse espaço dotado de sentidos. Sentimentos das pessoas que a escolheram como o espaço de repouso para a vida, da pesquisadora que vos escreve, de outros pesquisadores que se relacionaram com esse espaço. Mas também ampliações, estudos que possam conectar realidades com aspectos em comum, reflexões, pensamentos e fenômenos.

O fenômeno é um acontecimento. Um mundo vivido é composto de acontecimentos que compõem a experiência humana. Os fenômenos espaciais que a Geografia discute como repercussões do ser no espaço, e do espaço no ser, são, principalmente a maritimidade, a vilegiatura, as práticas turísticas e a gentrificação. Esses fenômenos ou acontecimentos estão no processo social de atribuir as relações políticas, econômicas, culturais e organizacionais do espaço.

Este capítulo, “Tibau sob atravessamentos”, pretende dialogar entre as memórias compartilhadas entre a pesquisadora, os moradores de Tibau entrevistados e os registros na literatura sobre Tibau, e relacionar com discussões geográficas sobre os atravessamentos que cruzam seus espaços de vida. A percepção e sentimentos dos seus moradores, através das falas partilhadas nas entrevistas é essencial para que seja possível conectar os fenômenos ao mundo cotidiano de Tibau, a memória e identidade desse mundo vivido.

Essa 2ª Parte é composta pelos capítulos: 2.1. Conhecendo Tibau; 2.2. Maritimidade; 2.3. Vilegiatura; 2.4. Turistificação; 2.5. Gentrificação.

2.1. CONHECENDO TIBAU

Tibau era uma pequena vila de pescadores, uma comunidade que sobrevivia dos recursos do mar. Peixe, camarão, lagosta, taioba, siri, arraia. A vida de sol, banhada de sal, regada de areia e fortes ventos. A vila foi provavelmente o acontecimento do encontro de indígenas com quilombolas, que se habituaram ao lugar marítimo, fincando um modo de vida característico de quem busca no lugar sua fonte de vida. Seus costumes, artes, ferramentas e até o dialeto têm semelhanças com as demais comunidades marítimas nas proximidades, tanto para o lado do Rio Grande do Norte, quanto para o Ceará, mas é importante frisar que cada assentamento humano tem sua identidade própria. Mesmo sendo um lugar que sofre períodos de estiagem, imerso por morros e dunas e com salinidade relevante, o mar sempre foi abundante em seus frutos. Os chamados pingas ou vertentes,

fontes de água doce que jorravam dos morros, também são importantes para a fixação nesse lugar específico.

“A cidade era só cajueiro antes, não tinha nada. Mudou muita coisa!” (Ent01)

“Na época de mamãe, ela já me contava uma coisa da minha avó e hoje eu já sei contar a vocês o que eu ouvia deles e o que eu passei” (Ent16)

A rotina tibauense era marcada pela coleta de água doce da vertente, de manhã cedo. A vertente era lugar de encontro entre as famílias, de levar as crianças para ajudar, e para aprender sobre o modo de vida, mas também para brincar um pouco nos morros de areia em frente ao mar. Esses morros, que abriga desde a mais alva cor de areia às mais diversas tonalidades, com criatividade. A areia foi utilizada como fonte de arte para contrastar cores e modelar desenhos em garrafas transparentes, marcando um artesanato característico, as garrafas de areia colorida de Tibau.

As jangadas saíam para pesca em alto mar na madrugada, quando o vento ajuda a impulsionar mar adentro. A renda de labirinto, renda de bilro, o crochê são artes feitas à mão de mulheres, que imortalizam ancestralidades e que denota a divisão social do trabalho – homens pescadores, mulheres coletoras e artesãs. O lugar de moradia era feito de taipa e palha de coqueiro, era costume andar descalços com os pés na areia e a eletricidade só veio tempos depois, quando a vila começou a receber casas de veranistas.

“Porque assim, local de pescador, o homem explora o mar e as mulheres vão pra atividades próximas a isso, como as marisqueiras” (Ent04)

“Quando a energia chegou aqui, a gente se reunia debaixo do poste pra contar história de terror. Só andava descalço aqui. O povo de Mossoró achava estranho” (Ent14)

“Antigamente era cheio de dunas. Uma casa aqui e outra lá na entrada. Mas era melhor do que agora, aí é que era bom, gostoso, né. Aí começou os mossoroense a procurar Tibau... Tinha as peixadas, doce de caju, as casinhas tudo de taipa, telhado de palha. Mas toda vida foi assim, um vilarejinho, gente muito amiga” (Ent16)

Uma culinária ímpar, que atrela o sabor dos frutos da caatinga, como o doce de caju, à afetividade corriqueira de encontrar sua venda nas ruas com nomes de seres marinhos. É ingênuo pensar que as comunidades marítimas não praticam agricultura. Muito pelo contrário, desde frutíferas à plantação de grãos, raízes e hortas, os povos litorâneos catingueiros têm o hábito de cultivo de alimentos, como também a criação de animais para consumo e transporte. Sem esquecer da riqueza provinda do manguezal.

“Plantava melancia, mamão, macaxeira, batata, feijão, tudo. Goiaba, caju” (Ent16)

“Quando eu era pequena, eu vendia grude. Tinha uma senhora que vendia doce

de caju, Beliza. Ela dizia ‘cumade fulana, amanhã eu tenho doce. Preciso vender. Quer mandar sua filha ou seu filho ir não?’ A gente ia. Ela botava nuns caixotezinhos e a gente ia pra praia vender” (Ent11)

“Antigamente, quando meu pai era vivo, a gente tinha o concurso dos barcos, as regatas, os paquetes na beira da praia. O progresso chegou e parou. Era uma competição de barcos, não tem mais. Os governantes não se interessaram mais, tudo é muito por interesse pessoal. Um governante que destrói o que foi feito na gestão anterior por rivalidade política” (Ent14)

“Eu um dos meninos que vendia grude e cocada nas portas. Tem umahistória em Tibau. Antes era tudo nas portas, né. Hoje tem que ir no mercado pra pegar. Eu vendi muito grude nas Emanoelas. Minha vó Lúcia fazia grude e a gente ia pras Emanoelas vender, tinha uns 10 anos de idade. Botava o caixotezinho de grude no ombro ou na cabeça e ia, o bicho desse tamanho. Tapioca... O povo de Mossoró só o que queria era isso, esperava só a hora de a gente passar pra tomar com café” (Ent13)

Os pescadores, com suas ferramentas de trabalho, como as redes de “tresmaio”, os paquetes, as jangadas, estão presentes na narrativa cotidiana do lugar, que mantém suas raízes pelas memórias compartilhadas na oralidade. As comemorações ao fincar a jangada na areia, com o isopor cheio de frutos do mar ou quando se inaugurava um barco novo. As festas de santos, as festas de forró. O quanto o mar foi apreciado pela subida na Pedra do Chapéu (Figura 4), que abrigava os famosos “pingas” e contos sobrenaturais. A Pedra do Chapéu é o ícone central de Tibau, que emoldura a cidade pela costa, junto com os morros de areia. Tudo era morro.

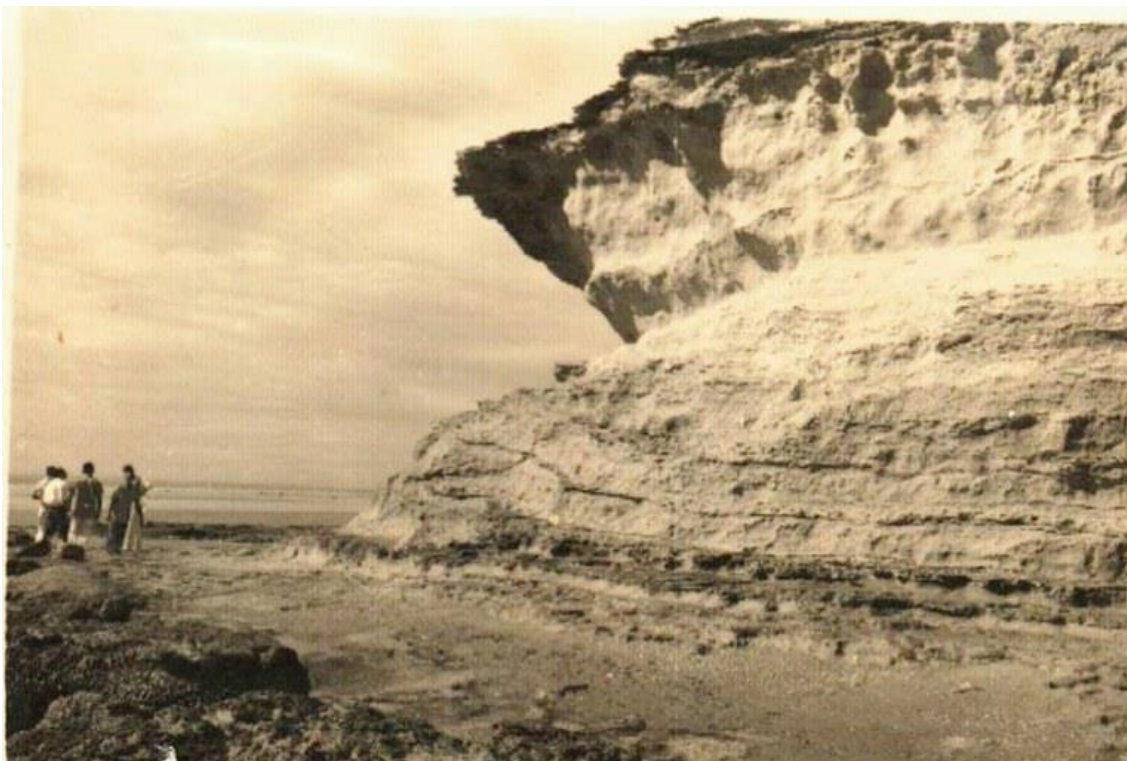
“Antigamente tudo aqui era areia” (Ent02)

“A gente gostava de ouvir as histórias de Seu Tidó. História de sereia que vinha pra beira da praia conhecer o encantado. Brincava muito de ‘tica’ nos bequinhos, quando saía da escola, vendia grude, cocada. Quando começou a fazer o asfalto ali na rua do Brisa, minha tia morava ali perto, a gente ia vender as bacia de cocada pros trabalhadores” (Ent09)

“No tempo da minha infância, Tibau era morro. As casa do pessoal era tudo mais naquela parte ali, na rua do Brisa. Aqui era só morro. Lá pros meus sete anos, isso tudo erra morro, mato” (Ent11)

A vivência da praia era latente em anos passados. Nos dias de hoje, a população nativa tenta se permanecer próxima à faixa de praia, mas a dinâmica da cidade esmaga a antiga dinâmica do que costumava ser uma vila. Na cidade, toda as relações são mediadas pelo consumo: paga para se morar, para comer, para se locomover, os espaços cotidianos foram privatizados e transformados em outros espaços, que para acesso, também precisa pagar.

Figura 4 - Foto antiga da Pedra do Chapéu



Fonte: Site da Prefeitura de Tibau (s.d.). Acesso: <https://www.tibau.rn.gov.br/tibau-1>. Acessado em: 10 de outubro de 2022.

Um povo hospitaleiro, que sempre gostou de receber visitantes e de compartilhar seu espaço de morada com eles. A hospitalidade e gentileza dos filhos nativos de Tibau deixam as portas abertas para que a vila seja um lugar habitável também para os que vêm de fora.

Os primeiros registros históricos de Tibau são feitos pelo navegador holandês Gideon Morris de Jorge, que descreveu em seus relatos os morros de areias coloridas, chamando o local de Morro Vermelho, em 1641, quando era habitada por seus autóctones indígenas. Em 1708, Gonçalo da Costa Faleiro recebeu uma sesmaria medindo seis por uma légua a partir do Morro de Tibau após relatar à Portugal sobre a Guerra dos Bárbaros¹ que acontecia na região. A partir da Lei de Terras, em 1850, há a exigência de registrar propriedades em cartório, que marca as primeiras propriedades registradas em 1855. Já em 1894, há a primeira propriedade de veranistas, do médico Almeida Castro² de Mossoró, que segundo rumores, havia construído um local para tratamento de saúde dos seus pacientes, pois a vila

¹ Conflitos da resistência indígena nas capitanias do Nordeste entre a segunda metade do século XVII e o início do século XVIII

² O médico Almeida Castro foi uma figura importante para a história de Tibau, pois foi o primeiro a estabelecer um vínculo concreto com o município, sendo citado até os dias de hoje. Seu nome intitula a maternidade de Mossoró, que é referência regional. Sua segunda construção em Tibau, próxima à capela de Santa Terezinha, é frequentada pela sua família até os dias de hoje.

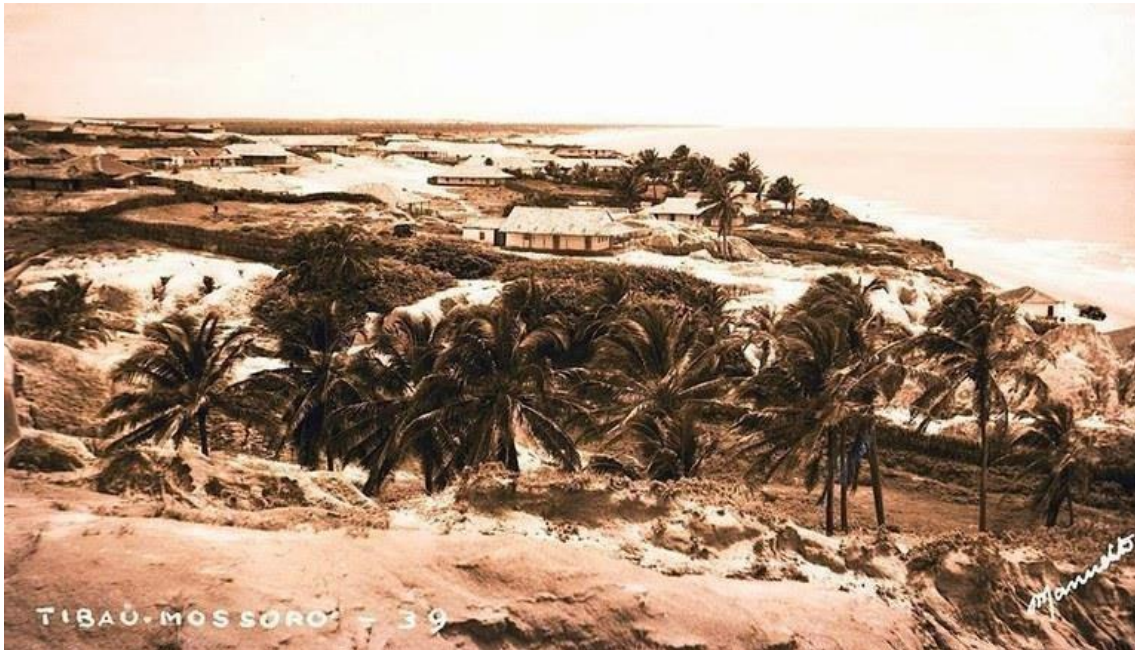
de Tibau era calma e os atributos marítimos tinham propriedades terapêuticas. Nunca foi comprovada a existência desse Centro de Saúde, mas foi um marco que facilitou a relação entre a vila de Tibau e os veranistas mossoroenses (GUEDES, 2010).

“Pra você ter uma ideia, começou com um veranista aqui. Era doutor, advogado, dono de empresa grande. Aí veio um construiu uma casa, veio outros, aí num parou não” (Ent20)

“Tibau hoje não presta. Presta passado. Porque antigamente a gente tinha outra visão em Tibau. Hoje Tibau não tem nada, mas antigamente tinha. Pequeno, mas tinha os envolvimento” (Ent11)

O território que hoje é o município de Tibau já pertenceu a outros municípios e foi até mesmo disputado com o estado Ceará. Os limites territoriais que hoje são Tibau, Grossos e Areia Branca, todos eram Mossoró, que perde parte do seu território, ao litoral, para Areia Branca em 1892. Em 1901, o estado do Ceará, pelo projeto N°5, anexava a vila de Grossos ao seu território, em Lei. No ano de 1904, o jurista Rui Barbosa é convidado para “resgatar” o território para o RN, que tem sucesso em 17 de julho de 1920. Tibau, nessa época, era uma distrito de Grossos, que se emancipa de Areia Branca em 1953, e desmembra Tibau apenas em 1995, através de mobilização popular tibauense com o objetivo de melhorar a qualidade de vida e sob o pretexto da potencialidade turística local.

A capela de Tibau tem sua inicial idealização por influência de mossoroenses, em especial o doutor Almeida Castro, que realizou uma grande festa em sua casa, com mais de 300 pessoas (de Tibau, praias adjacentes e de Mossoró), celebrando uma missa no dia 05 de novembro de 1922, com o padre Manoel Gadelha, como oratório a Nossa Senhora da Conceição, como iria ser concebida a padroeira da cidade – por escolha de comerciantes mossoroenses. Mas, três anos depois, em 1925, foi celebrada a missa pelo padre Manoel Barreto. Após ser construída por religiosos tibauenses, empenhados na construção de um lugar religioso na vila, a capela foi nomeada Igreja Santa Terezinha, que hoje é a padroeira da cidade. Santa Terezinha recebe a devoção de muitos fiéis tibaueses, que carregaram as pedras trazidas da Praia Emannelas até o centro da vila de Tibau, para a construção da capela, um marco no local. A festa de Santa Terezinha é celebrada no início de outubro, todos os anos, com uma procissão pelas ruas da cidade. Apenas em 1975 é inaugurada uma igreja evangélica Assembleia de Deus, regida pelo pastor Valdemar Félix.

Figura 5 - Vila de Tibau vista dos morros

Fonte: Site Prefeitura de Tibau (1960). Disponível em: <https://www.tibau.rn.gov.br/tibau-1>. Acessado em: 10 de outubro de 2022.

No ano de 1917 o jornal “O Mossoroense” registra uma viagem para Tibau, de automóvel – possivelmente a primeira. O médico Almeida Castro foi uma figura importante para a história de Tibau, pois foi o primeiro a estabelecer um vínculo concreto com o município, sendo citado até os dias de hoje. Seu nome intitula a maternidade de Mossoró, que é referência regional. Sua segunda construção em Tibau, próxima à capela de Santa Terezinha, é frequentada pela sua família até os dias de hoje. Foi responsável por criar uma estrada alternativa para Tibau, chamada de “picada do doutor”, que facilitava as viagens. Além dessa estrada, existia outras duas, uma indo pela Gangorra (hoje Avenida Governador Vasconcelos Maia – RN-013, principal estrada) e outra indo pela praia Barra, no município de Grossos. As viagens para Tibau eram feitas a cavalo, carros de boi ou liteiras, demorando mais de um dia para chegar, parando para dormir na metade do caminho, em Gangorra. A primeira rodovia foi feita em 1932 por meio da iniciativa de associações, entre elas a Associação Comercial de Mossoró, no intuito de criar alternativas para a população mais vulnerabilizada pela seca³, gerando cerca de 80 empregos e diminuindo o tempo que chegava a Tibau por Mossoró. Em 1950, essa estrada é coberta por piçarra, e pavimentada na década de 1970, obras do Governo do Estado (GUEDES, 2010). A duplicação da RN-013 foi finalizada em 2014, sob obras do Governo do Estado, e é como se encontra hoje, em

³ Em 1932, foi oficializada uma grande seca no Nordeste (RIOS, 1998).

2022, estrada pavimentada e duplicada, com ciclofaixas, conectando Mossoró e Tibau.

“Mas Tibau é assim, uma coisa que... Era município de Grossos, mas ninguém nem sabia que município era, porque Grossos tomava de conta, mas dependia de Areia Branca, e aqui tinha muita gente de fora. Tibau toda vida foi visitado, num é só de agora não. No meu tempo o pessoal vinha em carro de boi. Toda vida teve praias lindas, mas não tinha esse movimento” (Ent11)

“Tibau toda a vida foi praia de turista, né. Tibau era município de Grossos, passou um tempo, quando entrou um governador conhecia Tibau, que tinha casa em Tibau, ele pediu a gente pra fazer Tibau ser cidade, aí teve a eleição, nós aceitamos que Tibau fosse cidade, mas toda vida foi praia de turista” (Ent15)

“Antes era vila, até noventa e seis pertencia a Grossos. Em noventa e sete, passou a ser cidade, foi melhor. Porque aqui a gente pode cobrar porque entra pra cá mesmo. Antes Grossos só mandava o resto, a migalha que sobrava, mandava pra cá e olhe olhe” (Ent16)

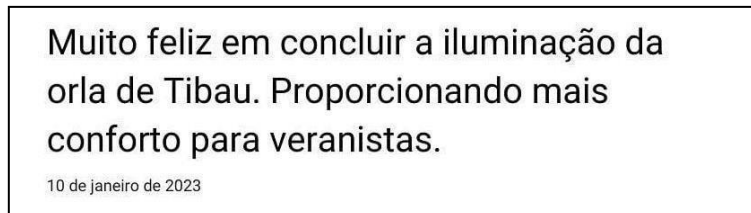
A população nativa de Tibau não morava nas bordas das falésias à beira-mar, região massivamente ocupada a partir da vilegiatura, que fica popular no final da década de 1910, quando as casas de segunda residência começam a ser construídas “encravadas nas falésias” (BATISTA, 2013, p. 50). Essas construções são realizadas, majoritariamente, pela população de Mossoró, no intuito de ocupação sazonal, geralmente no verão, para aproveitar a época chamada de veraneio, também período de férias escolares e feriados nacionais. Veraneio é o hábito de passar as férias de verão em um lugar de alteridade ao rotineiro, e não necessariamente é vilegiatura. O hábito de construção de residência secundária em Tibau, segundo Batista (2013), vem da influência sofrida pela burguesia de Mossoró das práticas de ócio, saúde e lazer europeias, que enaltece as características praianas nos movimentos artísticos do Romantismo e Barroco.

Estar na vila antiga Vila de Tibau era um momento de conexão com outros hábitos e práticas alternativas à vida cidadina, marcando a necessidade de períodos de alteridade dos vilegiaturistas, que socializavam, caminhavam na orla da praia e nas dunas, contemplando os astros e o clima ameno, e elaborando uma prática de lazer consolidada até os dias de hoje. A vilegiatura consolidada, ressoa na possibilidade da atratividade turística da vila, que somada aos anseios de qualidade de vida dos tibauenses, se torna o estopim para a emancipação política de Tibau, tornando-o município. No entanto, é importante frisar que essa municipalização tem os interesses políticos dessa sociedade burguesa mossoroense, que pretende influenciar, e de fato influencia, nos comandos territoriais do mais novo município litorâneo potiguar.

A municipalização de Tibau, entretanto, não necessariamente destina seu foco de políticas públicas para os cidadãos tibauenses que vivem nos seus espaços cotidianamente,

mas seu foco se torna os veranistas, almejando o crescimento econômico pela flexibilização das compras de terreno e construções de “casas de praia” por alóctones. Essa ideologia se mantém até os dias de hoje, como possível refletir a partir do texto publicado na rede social da atual Prefeita de Tibau, que frisa o público- alvo das instalações de iluminação pública da orla, em janeiro de 2023.

Figura 6 - Publicação da Prefeita sobre público beneficiado com obra municipal



Fonte: Instagram da Prefeita de Tibau (2023). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CnPHYxuu-p6/>
Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

Barbosa (2013) reflete sobre esse desenvolvimento advindo da municipalização, pois a partir deste, o município poderia ser autossuficiente, porque entraria numa certa divisão territorial do trabalho, que teria o lazer e o turismo como principais atividades. Porém, Tibau apresenta características de vila durante maior parte do ano, obtendo um dinamismo urbano cidadão basicamente no veraneio, em cerca de três meses, quando há o recebimento de uma população flutuante, praticantes de vilegiatura. A população local não é efetivamente beneficiada pelas riquezas que o município atinge durante o período da alta estação, mas sim as empresas imobiliárias e de construção civil. A emancipação política de Tibau não faz dele um município verdadeiramente autônomo, pois pode ser compreendido como “espaço, consequência e reflexo” da dinâmica política e econômica de Mossoró (BATISTA, 2013 p. 63).

“Antigamente o povo ganhava terreno. Chegava na prefeitura e dizia ‘quero um espaço de tantos metros’, aí ele dava, era assim. Não tinha história de preservar área” (Ent11)

“Antes era mais turístico que hoje, né. O pessoal hoje vem, de Mossoró, né, porque tem casa aqui. Mas antigamente vinha pra visitar o que tinha de Tibau, que era as areias” (Ent13)

“Antigamente era excelente Tibau. Não que hoje não seja, o progresso vem e traz todos os seus destroços, suas coisas boas. Mas era pra ser uma cidade melhor, muito melhor, porque uma cidade que foi descoberta, tava nua, as pessoas precisavam vestir ela de uma jeito melhor, mas infelizmente não pensaram nisso” (Ent14)

Figura 7 - Casas de vilegiatura marítima em Tibau



Fonte: Acervo da autora (2023).

Com investimentos em sua infraestrutura, como rodovias, pavimentação de ruas, iluminação pública etc., Tibau se torna um lugar propício a momentos de alteridade para pessoas de outros lugares, que usufruem dos benefícios naturais “incrementados” pela lógica urbana, destacando-se como o município com maior número de residências ocasionais do estado do Rio Grande do Norte.

“Muito antes a gente já morou na casa de praia que fica bem no mar mesmo, a gente ia na pedra e botava uma isquinha com algum pedaço de carne e jogava e via muito siri, essas coisas. Tem gente que ainda pega com jereré, que é uma rede de pegar siri” (Ent06)

“Eu e as meninas da minha época a gente não gostava do veraneio. A gente gostava quando tinha uma festinha, uma coisa ou outra que tinha pra gente fazer, mas veraneio mesmo, não gostava, porque o povo de Mossoró se transfere todinho pra cá. Mas em questão de renda, é bom, que é mais gente, mais dinheiro pra gastar” (Ent09)

É importante refletir como as práticas sociais associadas a diferentes âmbitos, como o lazer, podem imprimir nos espaços interesses e ideologias que assumem um papel de redefinir antigas estruturas socioespaciais e de identidades de povos locais. Os tibauenses, que antigamente exerciam suas atividades cotidianas, como pesca, coleta de mariscos, artesanato, e tinham um estilo de vida num ritmo mais brando, nos dias de hoje precisam de adaptar às demandas do mercadológicas que a urbanização e a vilegiatura marítima

impõem, e passam a se dedicar a empregos informais, como cuidadores de casas, trabalhar como garçom no período do veraneio, vender picolé na praia etc.

Figura 8 - Contrastes da vilegiatura marítima



Fonte: Acervo da autora (2023).

A urbanização pela vilegiatura no litoral tibauense se iniciou com as grandes necessidades da proximidade com o mar, ocupando, assim, toda a extensa área próxima à orla marítima, que quando atingiu seu limite, iniciou seu processo de interiorização das segundas residências. Os moradores nativos não construíam suas casas tão próximas ao mar, devido ao saber empírico da dinâmica marítima (maresia, areia em abundância, marés, fauna e flora presente na orla), e com o processo de crescente urbanização, cada vez mais se afastaram da faixa de praia, cedendo, ou sendo obrigados pela pujança das atividades de vilegiatura, a alóctones com desejo de se aproximar da maritimidade.

Os famosos morros de areia colorida em Tibau, que marcam sua paisagem e destacam suas especificidades desde os primeiros registros históricos, sofrem forte degradação com as construções sobre suas cores. Foram registrados 25 tipos de argila e areias, com variadas tonalidades, que foram utilizadas para o famoso artesanato de garrafas de areia colorida (GUEDES, 2010). O artesanato ganhou destaque por volta de 1955, por artesãs como Josefina Fonseca. A arte é realizada por mulheres, que coletavam as areias diretamente dos morros e confeccionavam as garrafas, muitas vezes por encomendas para todo o Brasil.

Figura 9 - Garrafas de areia colorida de Tibau



Fonte: Acervo da autora (2022).

Por volta de 1960, Tibau era uma pequena vila de pescadores, que a elite mossoroense se apropriava do espaço com algumas dezenas de casas. Porém, a prática foi se expandindo, e em 1970 a classe média mossoroense consegue construir suas segundas residências através de créditos imobiliários e loteamentos baratos, e paulatinamente, expulsa os moradores locais da “linha da praia, da vila, dos morros, e selocalizam agora em trechos que ladeiam a estrada Mossoró-Tibau, cada vez mais distante da sua jangada e ambiente de trabalho: o mar” (FELIPE; ROSADO, 1980, p.6).

Resgatando o contexto histórico de Tibau, sob as memórias saudosas de Milton Guedes (2014), a ascensão da cidadania no local foi pautada pela potencialidade turística que movimentaria a vila, a tornando um município próspero. O primeiro fator de potencialidade foi a investigação petrolífera da empresa Camargo Corrêa, que empregou 200 funcionários em Tibau, muitos vindos de outras cidades, que trouxe movimentação além do veraneio com contatos culturais distintos. A empresa, após certificar-se de que não havia petróleo na área, retirou-se em 1985, levando consigo muitos comércios, e deixando um ar decadente na vila (GUEDES, 2014). As demais potencialidades – estradas, hotéis, energia, telefone, água (FELIPE; ROSADO, 1980) – só é alcançada após reivindicação popular.

Havia necessidade de investimentos em diversas áreas na vila de Tibau, como na educação, saúde, infraestrutura, não havia calçamentos ou bom sinal televisivo, pouca rede elétrica e a remuneração pela prefeitura. No livro “Tibau, espaço e tempo” (FELIPE;

ROSADO, 1980), seus autores problematizam a falta de interesse da prefeitura no investimento em infraestrutura na vila de Tibau, e relaciona o desinteresse com a questão de quem usufruiria de tal infraestrutura seriam os mossoroenses e não os grossenses, já que a vila não definia o resultado das eleições. Essas carências foram os fatores decisivos para a ascensão do sentido de cidadania em Tibau, que em 1987, reunidos na capela Santa Terezinha, a comunidade, que até então pertencia a Grossos, redigiu um abaixo-assinado à prefeitura, exigindo atendimento médico, ambulância, transporte escolar gratuito, escolas, medicamentos etc., como também a realização de uma gincana cultural e esportiva para elevar a autoestima local. A proposta foi acatada pela prefeitura de Grossos, a gincana foi realizada, mas a população continuou na defesa da sua cidadania, e em 23 de novembro de 1995, inicia-se o projeto de lei que cria o município de Tibau, sancionada a Lei nº 6.840, em 21 de dezembro de 1995 (GUEDES, 2014).

Tibau, cidade-praia, praia dos mossoroenses ou muitos outros nomes sugeridos, surge claramente de uma demanda da classe média que se redefine em Mossoró, a partir, sobretudo, da década de 1970. (GOMES, 2013, p. 152)

Os atrativos turísticos que deram forma à urbanização do município de Tibau (GOMES, 2013), conseqüentemente afetaram e afetam o meio natural, que Felipe e Rosado (1980) afirmam ser uma alienação do solo litorâneo e coisificação das relações sociais, arriscando a perda da beleza natural praiana em prol do desenvolvimento urbanístico, dando origem a conglomerados periféricos e desequilíbrio ambiental, que degrada os morros de areia colorida e diminuem o nível do lençol aquífero, que extinguiu grande parte dos pingas⁴.

“O que eu vejo quando eu vim aqui pra Tibau, é que eles achavam que o desenvolvimento era nas festas, em janeiro. Então passava o ano todinho esperando janeiro pra viver aquele ambiente das festas. Mas a atividade principal daqui é mais pesca... Já foi, né? Agora não é mais. Inclusive até a própria pesca do município que é uma pesca tradicional é uma atividade coletiva, se a gente for olhar pra pesca de tresmalho é como se fosse uma pesca comunitária bem primitiva porque várias famílias se juntam” (Ent04)

“Aí Tibau foi se esticando. Para os lados da BR existem terras devolutas do estado, que tem um grupo de pessoas que entrou dentro dessas terra, não é sem-terra. Mas virou como se fosse assentamento. E pra lá não cresceu, porque cada um tem seu terreno, não teve como crescer. Aí Tibau só esticou pra esse outro lado, que é pros lados do Ceará, por isso Tibau tem entrado pro Ceará. Aí foi se formando os lotes, as pessoas foram comprando terreno, foram fazendo lote” (Ent10)

⁴ O pinga ou os pingas eram chamados os afloramentos do lençol freático dos morros, que formavam um espécie de cascata.

Os espaços tibauenses sob forte urbanização e influências turísticas, submete o elemento humano local a se readaptar aos fenômenos socioespaciais mudando seu habitat e sua profissão – em condições de subemprego para suprir as necessidades turísticas e veranistas (FELIPE; ROSADO, 1980). Mossoró é a grande responsável pelo processo de vilegiatura que desencadeou a urbanização em Tibau – como outras cidades litorâneas também, devido à importância econômica do sal (GOMES, 2013).

Tibau se destaca, então, a nível Nordeste, por ser o município litorâneo com maior número de residências temporárias em relação ao número de residências fixas, e onde há a maior concentração da prática de vilegiatura do estado do Rio Grande do Norte (GOMES, 2013). Em meados de 1980, havia cerca de 2.000 habitantes em Tibau, que se convertiam em 20.000 na época de veraneio (FELIPE; ROSADO, 1980). Em 2021, a população fixa aumentou para cerca de 4.000, e a população que faz a migração pendular no veraneio, chega até 100.000 pessoas (G1, 2021).

Figura 10 - Veraneio 2022 em Tibau



Fonte: Acervo da autora (2022).

A prática da vilegiatura aproveita a existência de franjas urbanas nos entornos metropolitanos e da estrutura da própria metrópole, quem em Tibau se exerce pela vilegiatura marítima fincada pelo interesse econômico decorrente de práticas turísticas. Seu ponto estratégico, entre duas capitais (Natal/RN e Fortaleza/CE) e próximo à capital do oeste potiguar, Mossoró, a localiza estrategicamente como um bom acesso ao lazer marítimo (GOMES, 2013). As atividades culturais, com shows de artistas nacionais, são um grande atrativo nesse raio regional, principalmente na época do carnaval, que apresenta uma grande quantidade de pessoas na orla da praia de Tibau, na fluidez da divisa com o estado do Ceará.

Fluidez devido à existência de residências fixas e ocasionais, construídas após a

divisa dos estados, não sendo mais no município, tributando ao estado do Ceará, mas culturalmente “estando em Tibau”.

“Atualmente é bom? É. Traz renda para o município? Traz. Mas traz muito mais subemprego, muito mais problemas sociais para a cidade do que desenvolvimento. E para a mente do jovem da época, é isso que traz desenvolvimento” (Ent04)

“Eu vejo que a cidade, pra quem vem de fora é cidade de veraneio mesmo. Se eu fosse a prefeita da cidade, eu abriria mais recursos, alguns lugares pra sair, praças. Porque assim, aqui em Tibau tem muitos lugares bonitos pra ir, tem a Casa dos Ventos, que tem quadros de Tibau, bem arrumadinha, pra quem vem de fora. Mas pra quem mora mesmo na cidade, não tem muito lugar pra sair, tem um campo de futebol que fizeram agora, mas ele não tá aberto direto, tem a quadra e tal. Mas eu faria praças, essas coisas” (Ent06)

“Tibau cresceu num ponto que a gente não consegue mais definir o que é Rio Grande do Norte e o que é Ceará. Pra você ter uma ideia, a rua onde minha filha mora, ela é em Tibau, mas o papel de energia dela é COELCE. Tem o Jardim de Alices um e dois, que parte tá no RN, e parte tá no Ceará. A Nova Tibau um e dois, que também tá no Ceará. A tendência é crescer mais pro Ceará” (Ent10)

“Daqui há 10 anos, Tibau vai ter mais gente de fora do que da cidade, porque hoje já tem muita gente de fora. O que falta aqui primeiro é emprego, para as pessoas daqui. Oportunidade para se qualificar. Então a gente espera que Tibau se desenvolva nessa área, que tenha mais emprego, que quando as pessoas venham montar um negócio aqui, de fora, não traga mais gente de fora, mão de obra. Dizem ‘ah, mas a cidade é muito nova ainda’, é nova, mas já poderia ter dado esse salto. Tibau cresceu muito, mas só de extensão, de construção, mas em cidade em si, ela não sai do canto não, é a mesma coisa” (Ent09)

Desenvolvida a partir de uma antiga vila de pescadores, Tibau foi originada no âmbito de diversas atividades que caracterizam uma comunidade tradicional, como a pesca, a coleta de mariscos, o artesanato com a coleta de areias coloridas dos morros e a renda de labirinto, mesmo não sendo reconhecido legalmente, nem tendo o autorreconhecimento. Povos e Comunidades Tradicionais são grupos que se reconhecem e se diferenciam pela sua cultura, transmitindo, tradicionalmente, conhecimentos e práticas do uso dos seus territórios e dos recursos naturais por suas próprias organizações sociais (BRASIL, 2007).

Duas características importantes para a implementação de comunidade tradicional em um território são por meio do autorreconhecimento e das tradições que são mantidas e passadas de geração a geração. O dilema que envolve essa temática é que as comunidades passam a ter suas tradições enfraquecidas pelas implacáveis necessidades advindas da modernização capitalista ou elas escolhem modernizar-se para não serem subordinadas às condições de outros grupos sociais.

Figura 11 - Vista do horizonte da Praia do Ceará - Tibau



Fonte: Acervo da autora (2023).

Historicamente a atividade turística, a urbanização e a venda das cidades para os de fora, principalmente destinadas ao uso ocasional, enfraquecem e apagam as atividades tradicionais de comunidades antigas, afetando diretamente impactos de degradação ambiental (BORGES, 2011). Para mitigar os efeitos negativos das atividades turísticas em comunidades tradicionais, como o próprio apagamento das comunidades, o não autorreconhecimento, a especulação imobiliária, interferência na vida cotidiana da comunidade e a degradação ambiental, é necessário que haja planejamento coletivo e comunitário, que inclua os habitantes do local nas decisões de gerenciamento da comunidade (VIEIRA; BENEVIDES; DE SÁ, 2021).

2.2. MARITIMIDADE

A geografia tem a consciência de que percebemos o espaço pelos sentidos, através dos órgãos sensoriais, e se debruçou, por muito tempo, pela captação do visível, do olho, mas há muito além da visão. A geografia não se resume apenas ao que se vê e ao que se mapeia, mas também se atenta aos conhecimentos geográficos e a interpretação de mundo de sociedades em seus lugares de vida, que variam em cada cultura, é estudado como etnogeografia (CLAVAL, 2003). É uma forma de descentralizar o pensamento que foi fundado em estereótipos e xenofobias para com sociedades antigas ou estrangeiras.

Para falar do espaço vivido, é importante se atentar a duas orientações: a maneira que as pessoas se exprimem; e a consciência do significado adquirido na experiência do lugar que habita. “A geografia não deve aparecer como a visão estrangeira de um viajante

que passeia sobre a paisagem um olhar distraído. Deve dizerem que significam a paisagem, o campo, a cidade, a natureza para as populações locais” (CLAVAL, 2003, p. 11). Cada grupo tem seus próprios significados do meio. A compreensão das montanhas, das planícies, das florestas e das vertentes por aqueles que as habitam é consideravelmente diferente da compreensão dos turistas.

A partir da redução fenomenológica, o mundo vivido, o espaço de existência de um grupo social, é expresso pela descrição das pessoas que o vivem, como a busca pela essência, pelo que o mundo é de fato, antes de encaixar em temas ou conceitos. O mundo é o que é percebido dele, não é o que é pensado, mas o que é vivido. “Porque estamos no mundo, estamos condenados ao sentido, e não podemos fazer nada nem dizer nada que não adquira um nome na história” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 18). A comunicação com o mundo depende de uma abertura do sujeito, não de o possuir, pois o mundo é inesgotável, mas de captar o sentido manifestado entre as experiências de um indivíduo e dos demais. O mundo fenomenológico é inseparável da subjetividade e da intersubjetividade, que fundamenta o ser e estrutura a sociedade.

A sensação, o sentido é a forma pela qual o indivíduo é afetado, é a experiência do estado de si mesmo (MERLEAU-PONTY, 1999). Dardel (2011) propõe falar da geograficidade como o sentido que o ser humano atribui ao espaço, sendo a geografia uma forma de compreender o significado que o ser humano dá à vida. As paisagens são interpretadas e modificadas pelas pessoas por meio da sua cultura, e é um meio de transmitir a cultura por gerações. O modo de construir casas, dividir terras, a representação de elementos sagrados (CLAVAL, 2003). A tradução dos signos do espaço e da sua importância depende do vínculo que é desenvolvido nele, pela forma de ser afetado pelos lugares.

A maritimidade pode ser entendida como uma geograficidade. É uma forma de ser afetado pelo mundo: o espaço marítimo é um lugar em que a experiência é envolvida por sentidos muito característicos desse espaço, sentidos pelo corpo. O barulho e o movimento das ondas, o horizonte como infinito, as tonalidades vibrantes do azul, a sensação do toque na areia e nas pedras, a água salgada, o vento forte, as plantas e bichos só encontrados na praia. Não há como desconsiderar a sinestesia provocada pelo ambiente marítimo, destacando a relação humana com o mar como uma experiência particular, a maritimidade.

“A melhor coisa que tem em Tibau é esse vento, um ventinho bom desse” (Ent03)

“Todo mundo diz que tem o sonho de ter uma casa em Tibau, pra se balançar, sentir o vento, ir pra praia” (Ent09)

“Minha casa na praia, não tem coisa melhor, mas nem posso desfrutar. Eu amo

*minha cidade, amo morar em Tibau, as pessoas são caridosas. Eu gosto de tudo!
A comida é deliciosa!” (Ent14)*

A maritimidade foi fortemente desenvolvida por pescadores, no comércio marítimo e em todas as profissões relacionadas ao mar, que foram minimizadas pela mecanização do trabalho. Mas a maritimidade não foi minimizada e sim reforçada pelo turismo, pelos esportes náuticos, pela navegação, pela instalação de férias próximo ao mar. O comportamento social muda após as discussões sobre a saúde no meio urbano, trazendo a maritimidade como um sentimento de viver bem (CLAVAL, 2003).

Figura 12 - Vivências na praia



Fonte: Acervo da autora (2023).

Refletir sobre a maritimidade no pensamento geográfico é tentar compreender as relações socioculturais humanas com o mar, traçar percursos históricos do comportamento e pensamento da humanidade em relação ao que é mais visível no planeta Terra: a água salgada dos oceanos. E, nesse resgate, é possível perceber o recuo e avanço (como o próprio movimento das ondas) da humanidade em relação a essas águas: medo e paixão; sobrevivência e aversão. É nesse paradoxo que, até os dias de hoje, se representa essa relação social com a água salgada, como nas músicas de Dorival Caymmi, “o mar quando quebra na praia é bonito”, mas “quanta gente perdeu seus maridos, seus filhos nas ondas do mar”, e na composição dessa antítese “é doce morrer no mar”.

“Mas eu vivo dizendo, nossa vida é igual às ondas do mar, são altas, são baixas, são leves” (Ent10)

O mar, com essa dúvida áurea entre o amor e o ódio, o belo e o desconhecido, configura a história de muitos grupos humanos ao redor do mundo. Na construção dos espaços e do imaginário brasileiro, os costumes já estabelecidos pelos indígenas que ocupavam o território e dos povos africanos traficados para o Brasil, foram rejeitados e marginalizados, predominando a concepção de mundo europeia, inclusive sobre a maritimidade. O Brasil foi invadido e remodelado por mãos estrangeiras, resultando no afastamento da maritimidade das sociedades que o fundaram.

Na contemporaneidade, o modo de vida urbano projeta as sociedades às bordas dos continentes a partir da valorização de práticas marítimas. É importante frisar que essa relação tem influência dos povos europeus que colonizaram o território brasileiro, pois muitos grupos autóctones de áreas litorâneas tinham familiaridade com o mar, que fazia parte do seu cotidiano. No Brasil, os indígenas exerciam sua maritimidade como por exemplo, para se refrescar do calor, na pesca de subsistência, para prática do nado e na relação cultural, crenças e práticas religiosas (DANTAS, 2012).

Figura 13 - Maritimidade em Tibau



Fonte: Acervo da autora (2023).

A maritimidade pode ser compreendida como “constituição de relações da sociedade local com o mar” (DANTAS, 2012, p. 13), seja através da dimensão tecnológica, socioeconômica e simbólica. É uma apropriação social histórica do mar, do ambiente aquático e da sociedade em si, em suas variadas formas e evoluções (RIBARIC, 2020). O mar como experiência vivida pode ser um traço singular que representa a identidade de um

grupo como pescadores, surfistas, veranistas etc., e ao mesmo tempo representa uma universalidade pelas múltiplas relações exercidas nesse espaço. Já Diegues (1998) vê a maritimidade pela perspectiva de comunidades tradicionais, que exercem, por meio desta, uma territorialidade que abarca vínculos afetivos, subsistência e cultura. Desse (1996) pensa a maritimidade como ações e relações que representam o mar para uma sociedade, podendo ser tradicional, dos povos autóctones; ou externa, de alóctones ao local marítimo.

A maritimidade é o que o ambiente marítimo representa para as sociedades, faz parte da experiência de vida, que envolve sentimentos, símbolos, memórias, técnicas, instrumentos etc. O conhecimento ecossistêmico, que muitos grupos adquiriram com o tempo, deriva de mecanismos simbólicos de controle social para subsistência, “e não de uma natureza intrinsecamente boa e ecologicamente correta dessas sociedades” (RIBARIC, 2020, p. 46). A mercantilização do mar, dos espaços litorâneos e das práticas e modos de vida local desestabiliza a relação coletiva da sociedade com o lugar, que modifica o modo de fazer antigo para o emprego de técnicas e tecnologias insustentáveis.

Figura 14 - Arte sobre pesca nas ruas de Tibau



Fonte: Acervo da autora (2022).

O mar é um lugar antropológico, apropriado, territorializado, simbolizado, que sustenta memórias coletivas e repassa o modo de vida existencial de diversos grupos. É um espaço que representa resistência e independência, que oferta sustento, alicerce de identidades e utopias. Um lugar que, apesar de manter padrões que estimulam certos comportamentos sociais, ser imprevisível e insubmisso, faz parte de sua reconhecida natureza. A relação da sociedade com o mar elabora um universo particular de linguagem,

costumes, ritmos, crenças e conhecimentos. A maritimidade faz parte da formação histórica e sociocultural de muitos grupos brasileiros, sendo expressão de personalidade da vida social que, por exemplo, destaca o Brasil como o país com maior diversidade de barcos tradicionais (RIBARIC, 2020).

Desterritorializadas pela especulação fundiária, constringidas pela diminuição dos cardumes, desafiadas pela expansão da sociabilidade mercantil, as comunidades costeiras e beirinhas encontram cada vez menos espaço para sua reprodução social. O ambiente aquático é deste modo despovoado dos lugares antropológicos que o constroem como território tradicional, instituindo sua objetivação enquanto espaço de negócio e exploração. Os saberes de mestres pescadores, composto de caminhos, marcações, lugares de captura e de defeso, torna-se obsoleto diante das atuais determinações tecnológicas e mercantis. Substituída pelas facilidades dos motores, a navegação à vela é cada vez menos praticada, legando ao esquecimento sofisticadas artes de navegação e de leitura da natureza. (RIBARIC, 2020, p. 49)

Para assegurar a manutenção da cultura e qualidade de vida de populações marítimas, é importante o reconhecimento de que o vínculo entre a sociedade e seus espaços de vida depende da continuidade de práticas cotidianas, que possibilitarão a permanência dos conhecimentos adquiridos ao longo de gerações. Isso só é possível através da proteção das terras em que as comunidades vivem, impedindo o avanço da financeirização predatória dos espaços, que impõe uma nova forma de organização socioespacial, resultando na fragilidade do modo de vida que estrutura a identidade da sociedade. Proteger os espaços de vida é garantir a existência de comunidades marítimas e a permanência sua maritimidade.

“Tibau é um paraíso, mas não sei o que foi que fizeram com ele. Eu digo que é a melhor praia que existe no Brasil, digo nem só aqui no RN, porque é tranquila, não acontece acidentes, não tem peixe que te perturbe, não tem canal, não tem pedra. É coisa pra turismo, aí aumenta as construções, melhora a cidade” (Ent16)

A relação de maritimidade tradicional na história humana desenvolveu uma percepção ambiental dos ciclos da natureza que regem a dinâmica das atividades de subsistência em uma perspectiva sustentável, pois a partir da compreensão desses ciclos, é possível ter sempre acesso aos recursos naturais. Quando as atividades desconsideram a dinâmica natural, como por exemplo, a pesca no período de defeso (período de reprodução de espécies), há desequilíbrio na continuidade da atividade. Então, a observação e adequação aos ciclos naturais garantem a disponibilidade do recurso, a manutenção da atividade e a vida do ecossistema.

“Pesquei 25 anos no mar. Morei 25 anos no mar, em um barco só. Me aposentei, fui pra política, me aposentei também. A pesca pra mim é melhor agora, porque pesca com mais quantidade, com barco grande, pega de 100 a 120 toneladas de peixe. Antes pescava, o máximo que podia era 20 toneladas. A pesca pra mim é

uma história muito bonita, muito boa. Meu barcos muito bonitos, eu mesmo construí” (Ent19)

Os espaços litorâneos passam a ser valorizados, na modernidade, por questões culturais, tecnológicas e ambientais, que ressignificaram os símbolos que representam o mar, atribuindo novas atividades e desejos a um novo estilo de vida ligado à maritimidade. Para atender às necessidades do capital, essas áreas são destinadas ao lazer, que são amplamente apropriadas pelo turismo e, assim, elabora um sentido de maritimidade para o consumo, ao turista e veranista. Essas representações são mais próximas ao que Desse (1996) entende como maritimidade externa, que produz a cidade para o mar, fazendo do mar um espetáculo, mercadoria. O que se opõe a esse sentido é a maritimidade originária, também chamada interna ou tradicional, que são práticas marítimas realizadas por indivíduos autóctones das áreas litorâneas, como a pesca artesanal, por exemplo. Essas populações originárias são interpretadas por Desse (1996) como indivíduos marginalizados ou excluídos.

O mar envolve relações de trabalho, de sustento, de fantasia, mas também de lazer, de contemplação, evolve momentos de alteridade que desconecta o ser humano das suas atividades cotidianas do mundo do trabalho contemporâneo. Com o estressante modo de vida urbano, moradores de cidades, principalmente não litorâneas, desenvolvem uma relação que tem a praia com refúgio, aspecto que acaba impulsionando o desejo de obter uma casa na praia. A casa de praia se torna não apenas uma propriedade, mas um ambiente de refúgio do cotidiano.

Na sociedade capitalista, as noções de lazer obedecem à lógica de consumo que produz os espaços em mercadoria pela concepção da espetacularização. Então o mar, os esportes aquáticos, o balneário, as comidas, a moda e estadias viram espetáculo, passamos a ser consumidos e financeirizados, construindo uma maritimidade de espetáculo.

No Brasil, em função do processo de colonização, a costa se consolidou como local de conflito entre diferentes agentes. As relações de poderes entre esses agentes acompanham a história do estado-nação brasileiro. Assim, durante o período colonial, a costa era o local de conflitos entre os indígenas e os colonizadores portugueses; durante o império, foi entre o governo, as oligarquias nacionais e os desprivilegiados (escravos, indígenas e despossuídos); na república, é entre o estado, a iniciativa privada e a sociedade civil. (AVELINO; PROST, 2011, p. 1)

Esses conflitos territoriais desocupam populações locais, não apenas em espaços costeiros, que historicamente habitam e exploram suas terras, que passam a ser posse de grandes atores econômicos nacionais ou estrangeiros. No caso dos espaços costeiros, por abarcar diversos usos estratégicos, desde refúgio a populações pelo acesso ao mar, até expansão urbana, industrial, turística e exploração de recursos naturais (PROST, *et al.*, 2015), são afetados fortemente pela constante degradação ambiental que alteram seus aspectos naturais e impactam negativamente práticas socioespaciais, como a pesca, balneário etc.

A apropriação pela lógica capitalista de transformar tudo em mercadoria transformou, também, os espaços litorâneos em espaços comerciáveis, alterando, principalmente, nas vidas e dinâmicas que já existiam e ainda tentam existir nesses espaços. Refletir no modo como surgem fenômenos a exemplo da vilegiatura e do turismo em áreas litorâneas é fundamental dentro do contexto atual em que ecossistemas e modos de vida humanos que sobreviveram há muitos anos nesses locais estão diminuindo ou desaparecendo. Até quando isso seria considerado um movimento de progresso ou desenvolvimento? Mudar drasticamente a dinâmica costeira é desequilibrar ambientes que orientam formas de vida, espécies (principalmente endêmicas) e geomorfologias que são necessárias para boas condições ambientais, biológicas, físicas e químicas da natureza.

Figura 15 - Fim de tarde na praia de Tibau



Fonte: Acervo da autora (2022).

Como contrapondo ao estilo de vida urbano, visitar a praia tornou-se desejo como período de alteridade, que se popularizou no verão, dando o nome de veraneio, e sua crescente demanda fez com que a população mais favorecida economicamente, construísse “casas de praia”, para constantes visitas. Esse fenômeno social, denominado vilegiatura marítima, facilitou a chegada da urbanização nos espaços litorâneos que, até o

início do século XX, eram espaços desvalorizados para o mercado fundiário e imobiliário, como o caso de cidades como Barra da Tijuca (RJ), Fortaleza (CE), Natal (RN), Salvador (BA), entre outras (PEREIRA, 2014).

No Brasil, esse processo de urbanização litorânea tem influências do próprio processo histórico do país, pois se desenvolveram inicialmente em áreas com maior atividade política e econômica desde o período colonial. Nas regiões Sul e Sudeste, esse processo tem ênfase na década de 1950, diferentemente do Norte, que até os dias de hoje não apresenta grandes índices. Já no Nordeste, se destaca a partir da década de 1970, tendo maior desenvolvimento em Salvador e Pernambuco (PE) e, posteriormente, Natal e Fortaleza somam a esse quadro com a implementação do turismo litorâneo, principalmente com investimentos do Prodetur – NE (Programa Nacional de Desenvolvimento e Estruturação do Turismo – Nordeste), que incentiva e elabora destinos turísticos com investimento dos governos estaduais e de bancos nacionais e internacionais.

Desse modo, a vilegiatura é um forte vetor de urbanização, que ajuda na compreensão do modo de vida da sociedade contemporânea e suas interações espaciais. Mundialmente o fenômeno da vilegiatura se instaura com o chamado turismo imobiliário, já consolidado no México, na costa mediterrânea europeia e em alguns países da península arábica, e que chega ao Brasil com grande interesse estrangeiro em compra de imóveis no litoral nordestino. Desse impulso, nasce o movimento do ADIT- Nordeste (Associação para o Desenvolvimento Imobiliário e Turístico do Nordeste Brasileiro), que reúne os setores imobiliário, hoteleiro e turístico para planejamento empresarial do turismo imobiliário (PEREIRA, 2014).

Madruga (1992) diferencia os tipos de ocupação do litoral entre “natural ou tradicional” e “artificial ou moderna”. A primeira como os nativos, que residem há muito tempo, estabelecendo raízes, associando a pescadores, camponeses, pequenos comerciantes, artesãos, funcionários públicos etc. A segunda como empresários, funcionários de indústrias ou comércio, pesquisadores e populações flutuantes, como os veranistas. O autor complementa que a ocupação litorânea é uma requisição sobre um espaço limitado, a qual ocorre uma disputa entre o tradicional e o moderno, com a sobreposição do moderno não deixando espaços para outras formas de vida, alterando a dinâmica local e os ecossistemas. É uma tríplice de ações, seja industrial, turística ou urbana, que resulta num processo de litoralização, ou seja, ocupação próxima aos espaços costeiros, que intensificam as relações socioculturais e econômicas com o litoral e o mar.

É importante ressaltar que a ocupação tradicional se mantém por muito tempo devido

à adaptação ao modo de vida em determinado ambiente. Então, essas populações possuem conhecimentos e tradições que asseguram seus modos de vida e uma relação de equilíbrio para permanência.

Fazer do litoral um momento de alteridade para o lazer, segundo Madruga (1992), é um processo de alienação, pois o lazer entra na lógica de consumo e mercadoria, se tornando necessidade, então os espaços de diferença detêm o mesmo princípio consumista dos demais, não existindo, verdadeiramente, espaços de alteridade. A população tradicional, com seus costumes e práticas é, então, fragmentada, perdendo os conhecimentos e técnicas da sociedade com o mar, que apresentavam, mesmo que minimamente, a relação de liberdade almejada pela sociedade moderna.

A autofagia das praias revela-se como um elemento presente em sua própria busca. Cada vez se vai mais longe atraído por uma natureza não poluída, mas neste ato de busca carrega-se o elemento motor da poluição, o adensamento populacional e a modernidade. (MADRUGA, 1992, p. 139).

No caso do litoral paraibano trazido por Madruga (1992), a população, no Estuário do Rio Paraíba, em seu processo de crescimento, fica cada vez mais longe do estuário, interrompendo práticas, como as relações comerciais pelo Rio, além do processo de degradação ambiental, reforçando que a litoralização abrange diversas relações importantes para entender a complexidade da ocupação massiva nas áreas litorâneas.

A lógica capitalista, além de usar a técnica e a tecnologia para dominar a natureza, domina também sua própria espécie, com objetivo de submissão e dependência, que marginaliza uma parcela da sociedade, privando de uma vida saudável (PROST, 2009). Isso evidencia o caráter classista dos fenômenos sociais que ocorrem no Brasil, que beneficia grandes agentes de poder por uma facilitação do Estado, e reforça uma hierarquia social, onde as classes menos favorecidas estão sujeitas aos maiores impactos negativos.

Como exemplo, em Maceió, que a partir da extração subterrânea do sal-gema pela empresa petroquímica multinacional Braskem, houve uma subsidência do solo que acarretou fissuras, rachaduras e tremores em cinco bairros da cidade, precisando evacuar urgentemente seus moradores (SANTOS, *et al.*, 2020). A população segue reivindicando realocação desde o ocorrido em 2018, e moradores relatam a grande perda material e imaterial sofrida, já que a área não deverá ser habitada novamente. “Perdemos nossa história, nossas memórias, nossas lembranças da infância, da adolescência. Isso se repete aos milhares nos 5 bairros. Vivemos um luto coletivo não reconhecido”, fala do ex-morador Alexandre Sampaio, em entrevista à G1-AL (GONÇALVES; RODRIGUES,

2021). Esse desastre socioambiental intensificou a desigualdade socioespacial em Maceió, que alterou drasticamente a mobilidade urbana e um aumento de mais de 50 mil pessoas a procura de moradia (MELO; ALIENDRO, 2022), que demonstra a fragilidade sofrida pelas áreas costeiras e suas proximidades com a intensificação de atividades econômicas que visualizam o lucro e ignoram o impacto irreversível dos desastres socioambientais.

Figura 16 - Redes na varanda em Tibau



Fonte: Acervo da autora (2022).

A maritimidade é uma relação com o mar e com o marítimo que confira modos de vida, atividades de subsistência, atrai também práticas de lazer, configuram, nos dias de hoje, um caráter elitista de privilégio de morar em zonas costeiras pela amenidade do mar. Mas também atrai grandes agentes de poder, através do deslumbramento econômico, na exploração dos inúmeros recursos naturais e turísticos, que oferecem possibilidades de grande faturamento, mas ignoram os possíveis impactos causados ao meio ambiente e às populações habitantes.

2.3. VILEGIATURA

Como atividades que surgem pela valorização da maritimidade, a vilegiatura e o turismo se destacam, e são exercidas fortemente na contemporaneidade, instigando novas práticas sociais, novos e velhos problemas socioambientais e modernizando, a cada nova

moda criada, uma outra roupagem da maritimidade.

A vilegiatura é uma prática antiga, surgida com casas ocasionais na Itália, intencionada para o ócio. Pereira (2015) reflete a vilegiatura como um “desejo milenar” social de deslocamento para o gozo de amenidades em locais diferentes da moradia permanente, que se inicia com estadas longas em *villas* – espaços romanos construídos para o *otium* –, que dá origem ao termo italiano *villeggiatura*: vila do ócio. Era uma prática comum entre a alta sociedade romana⁵ que costumava contemplar, filosofar, ler e fazer passeios, destacando o caráter elitista da vilegiatura, que passa a ser nos próximos séculos, um forte vetor de urbanização. O *otium* significava exercer uma prática que destina um certo período de tempo para atividades de livre escolha, diferentemente de inatividade ou preguiça (RICCI, 2021), e era facilmente realizado em sociedades escravagistas⁶.

Os conceitos “ócio”, “tempo livre” e “lazer” se articulam devido à ocupação do trabalho como atividade que rege a sociedade e faz parte da subjetivação do sujeito moderno. O tempo, na sociedade industrial, chega a ser comercializado, se torna uma mercadoria como diz o ditado “tempo é dinheiro”. A pressa surge como um fenômeno, que estimula a criação de tecnologias para ganho de tempo. Mas, paradoxalmente, o ser humano preenche seu tempo disponível com mais atividades e afazeres. Dentro de necessidades econômicas e existenciais, o desejo de livrar-se das atividades laborais, somada à valorização de atividades de lazer, confronta a existência de um “tempo para fazer nada” (AQUINO; MARTINS, 2007).

O tempo livre deveria ser ócio verdadeiro, mas é mercantilizado, coisificado. No Brasil, apesar de ócio e lazer serem semelhantes, o lazer é uma reposição de energia para o trabalho (entretenimento, turismo, recreação); o ócio, uma utopia de liberdade inalcançável na dinâmica socioeconômica. No tempo livre, o termo livre se opõe a um tempo de não liberdade. Livre de que? A noção do tempo livre ao trabalho faz sobressair o caráter impositivo da atividade laboral, num sentido de qualidade temporal.

Historicamente, o ócio se opunha ao trabalho, tempo livre vem da revolução industrial. Na Grécia antiga, trabalho e ócio eram antagônicos, ócio era um estado “condição de liberdade relativa à necessidade de trabalhar” (AQUINO; MARTINS, 2007, p. 490). A noção de tempo livre da sociedade industrial desenvolve legalmente a compreensão de lazer como atividade em tempo livre, que varia das condições socioeconômicas e valores sociais

⁵ Imperadores, senadores, cidadãos ricos (CORBIN, 1989, apud PEREIRA, 2015).

⁶ Diz-se de uma sociedade que é adepta a escravização de pessoas, o que mantém o conforto e manutenção de uma pequena parcela social abastada.

dos indivíduos.

Para caracterizar e compreender a essência da vilegiatura, Pereira (2015) recorre a Boyer (2008, *apud* PEREIRA, 2015), que aponta esse fenômeno como uma prática sazonal, com caráter terapêutico, representando a “arte de viver”, a relação social com a natureza e ainda a segregação elitista. Sob o contexto histórico, a vilegiatura contemporânea é muito mais assídua devido às facilidades tecnológicas. Como antigamente o acesso às vilas de ócio eram mais difíceis, justificava-se a necessidade da construção de uma segunda residência, podendo prolongar a estadia a meses. Com o passar dos anos, o princípio do *otium* foi sendo sobreposto ao da ostentação, que por volta do século XVI, houve a monopolização, dentre outras práticas, da

vilegiatura, utilizando-a como espaço-tempo de reelaboração de modas, de costumes e de lugares. Os reis espanhóis, franceses, portugueses, ingleses e russos, se não pelo planejamento, mas, muitas vezes, pelo prestígio de sua estada, promoviam os lugares, marcando-os com insígnias de superioridade social (PEREIRA, 2015, p. 142).

Segundo Pereira (2015), a vilegiatura como prática moderna foi sendo introduzida em meados do século XVII, com a ascensão das cidades, que condiciona mudanças nos comportamentos sociais, inclusive na Inglaterra, que sofria uma despadroneização arquitetônica, impulsionando novas construções. Seguindo a linha cronológica, nos séculos XVIII e XIX a modernização da vilegiatura é acentuada pela estruturação de estações, que através dos banhos termais, os espaços de lazer são produzidos com características específicas – banhos quentes ou frios. A praia se populariza através de uma nova avaliação da natureza, não por produto do mar e sim a partir de seu uso para tratamento terapêutico, como por exemplo, para doenças glandulares, e também pela dimensão do lazer (TUAN, 2012).

Com as mudanças históricas a partir do século XIX, como a unificação de Estados-Nação, a industrialização, a ascensão da burguesia, a grande concentração populacional em centros urbanos e ferrovias, a sociedade passa a ter acesso a deslocamentos de maneira mais fácil e rápida, não necessitando mais de recomendações médicas para o gozo. Com a expansão colonial, a vilegiatura se torna possível em escala transcontinental, ganhando destaque a viagem para as Américas. A viagem foi banalizada em diversas esferas: experiência cultural, educacional ou recreativa. Desse modo, tanto estadas como viagens foram atribuídas à modernidade no âmbito do lazer, atribuindo o termo “turista” ao praticante dessa atividade (PEREIRA, 2015).

No século XX, há uma mudança significativa no estilo de vida da sociedade,

estabelecendo-se outro modo de organização social – influenciado pela economia globalizada, avanços tecnológicos e novos padrões culturais. Essa sociedade se caracteriza com o advento de transportes, a produção fordista de massificação, novas profissões, regulamentações trabalhistas (direitos, remuneração e férias), meios de comunicação e informação, movimentos sociais e culturais, artificialização de paisagens, sendo importante destacar a crescente população em centros urbanos e a contínua expansão do tecido urbano. A prática da vilegiatura, nesse âmbito, vai sofrer influências em relação ao tempo social, que abandona o *otium*, incorporando a ociosidade e a noção do lazer, como “uma fração do cotidiano destinada a afazeres definidos pelo interesse do indivíduo” (PEREIRA, 2015, p. 149).

Tecido urbano é, por sua vez, o termo que Lefebvre propõe para explicar a constante expansão das manifestações socioespaciais que fazem a cidade se sobrepor ao campo, onde “uma segunda residência, uma rodovia, um supermercado em pleno campo, fazem parte do tecido urbano” (LEFEBVRE, 1999, p. 15). Essa expansão se deve a um duplo processo de “implosão” e “explosão” da cidade, que sofre uma hiper concentração do modo de vida urbano em lócus de poder, até que essa densidade precisasse alastrar e se expande através das periferias até espaços mais distantes num processo fragmentado e descontínuo (LEFEBVRE, 1999). A explosão do tecido urbano resulta num processo de subordinação, pois o modelo urbano-industrial passa a ser institucionalizado pelo Estado, favorecendo o processo de acumulação capitalista e as condições gerais de produção, por meio das quais os alimentos, bens de consumo, matérias-primas – e até mesmo o Espaço e a Natureza –, se tornam produzidos industrialmente (MONTE-MÓR, 2006).

A expansão do tecido urbano, também chamado de urbanização extensiva, pode se manifestar, espacialmente, de formas diversas, o que possibilita o desenvolvimento de estruturas protourbanas – grupos de parentescos dominando relações sociais, migrações, cidades camponesas, economia doméstica de subsistência, florestas urbanas etc. –, insinuando a incompletude do seu padrão urbano-industrial (MONTE-MÓR, 1994). Na contemporaneidade, a urbanização é cada vez mais complexa conforme suas novas tendências e variações, como herança histórica, cultural, econômica, política e territorial. Torna-se ainda mais complexo investigar os processos urbanos no Brasil, país continental, com mais de 8.500 km de litoral e no qual a urbanização “ora dá-se a partir do litoral, ora dá-se a partir do seu interior” (GOMES, 2016, p. 5).

No contexto territorial do Nordeste brasileiro, a formação de cidades se deve a aglomerações humanas que, aos poucos, tornaram-se centros de comercializações.

Municípios que passaram por esse processo comercial de acumulação de capital – Campina Grande (PB), Mossoró (RN), Sobral (CE) e Caruaru (PE) –, posteriormente se destacaram no cenário regional em que se estabeleciam ao sediar indústrias e prestação de serviços (SANTOS, 2009). Esse crescimento do modo de vida urbano conseqüentemente atrairia pessoas de municípios circunvizinhos, formando centros regionais entre os quais, no Rio Grande do Norte, destacam-se Natal e Mossoró. Aliás, em determinado momento, esses municípios se tornaram foco ou destinos de políticas e programas, a exemplo do Programa de Cidades Médias em 1970, que insere o planejamento urbano, encaminhando Mossoró ao setor terciário da economia – prestação de serviços e comércio (SANTOS, 2009).

Natal com mais vantagens e condições por ser o centro administrativo do estado e pela concentração de instituições militares e órgãos do Governo Federal, e Mossoró enquanto centro prestador de serviços, até certo ponto complementar aos de centros urbanos maiores como Natal e Fortaleza. (SANTOS, 2009, p. 10)

Mossoró, caracterizada como cidade média⁷, exerce influência regional, assumindo centralidade no contexto regional e tendo relevância socioeconômica, pois a partir da segunda metade do século XX, a dinamicidade da sua rede urbana começa a impor novos usos do espaço no litoral potiguar, em municípios sob sua esfera de influência (GOMES, 2016). É nesse contexto que segmentos da sociedade mossoroense mais abastados, envolvidos com a adoção de um estilo de vida “elegante” foi incentivada pelo médico Francisco Pinheiro de Almeida Castro a efetivar práticas repouso no litoral, na tranquila e revigorante praia de Tibau, situada a cerca de 45 km de distância da cidade (GOMES, 2016).

Vale ressaltar que, desse modo, a urbanização em Tibau se desenvolveu fundamentalmente a partir da constituição de “aglomerados de segundas residências, parcelamentos urbanos próximos ao mar, neles, a vilegiatura marítima concretiza territórios destinados, sobretudo, à população mossoroense”, que expande, assim, o tecido urbano de Mossoró (GOMES, 2016, p. 10).

O município de Tibau tem cerca de 5380 habitantes, segundo o IBGE (2022). No último censo, em 2022, Tibau tinha 5.382 habitantes e 5680 residências particulares, sendo cerca de 3520 residências secundárias – 62,05% das residências (IBGE, 2022). O território onde hoje

⁷ De acordo com Amorim Filho, Rigotti e Campos (2007), as cidades incluídas no grupo das médias (propriamente ditas) seriam caracterizadas por certos aspectos bem peculiares: primeiramente, por sua posição geográfica sempre vinculada aos eixos ou entroncamentos principais das vias de comunicação (o que propicia que elas mantenham relações significativas com centros maiores, assim como mantém relações intensas, constantes e diretas com as cidades menores e com o espaço microrregional vinculado a elas). Ainda segundo os autores é essa função de interligação entre o espaço rural e as pequenas cidades microrregionais, de uma parte, e os centros urbanos mais importantes, de outra, que constitui a própria essência da noção de **Cidade Média**

se situa Tibau, já fez parte do município de Mossoró; posteriormente passou a integrar o município de Grossos e, em 1995 obteve sua emancipação política, tornando-se município (GOMES, 2013).

A prática de vilegiatura não se restringe ao mar, podendo ocorrer em serras, campos, vilas etc. O que caracteriza a vilegiatura é uma outra residência, além da cotidiana, que tem o principal objetivo, o ócio.

Com todas essas transformações, distinguir a vilegiatura do turismo torna-se complexo diante da fácil relação de qualquer viagem e lazer ao turismo. Apesar de ser ainda mais praticada e massificada na modernidade, a vilegiatura foi esquecida dos debates conceituais e científicos, cabendo ao turismo dar conta da relação entre viagem e estada e suas diversidades socioespaciais.

O deslocamento e a recreação é o que conecta o turismo e vilegiatura (AMBRÓZIO, 2005). Porém, a prática de vilegiatura diz respeito ao deslocamento a uma residência secundária, geralmente em outro contexto, como por exemplo, na zona rural ou na praia. Já o turismo, apesar de difícil definição, é um fenômeno associado à atividade econômica de consumo mercadológico de viagens.

Figura 17 - Engarrafamento na rodovia Dehon Caenga



Fonte: Acervo da autora (2022).

A vilegiatura foi negligenciada do debate teórico científico da modernidade em detrimento a ascensão do turismo na academia. Mas compreender a vilegiatura é essencial para o entendimento da interferência de práticas marítimas de lazer no processo de urbanização. O resgate conceitual de Vilegiatura feito por De Paula (2012), exemplifica o quanto o conceito foi reduzido, em algumas definições em dicionários nacionais e estrangeiros, a um momento de descanso, refúgio em zona rural ou como prática de

veraneio. Ao retomar à origem da palavra, das antigas vilas romanas, Sérgio Buarque de Holanda, Ambrósio e Boyer (1995; 2008; 2008, *apud* DE PAULA, 2012) interpretam a vilegiatura como residências alternativas às do cotidiano, destinadas à ostentação e ócio.

Vários fenômenos relacionados à lógica do lazer tornaram viagens como prática corriqueira. O turismo tem sido associado a várias práticas de lazer e de viagens. A vilegiatura tem sido engolida pelas práticas turísticas nos debates conceituais e acadêmicos. Apesar do entorpecimento nesse debate, o turismo e a vilegiatura se complementam, pois o turismo é uma certa produção de lugares que pode estimular a expansão da vilegiatura e vice-versa. Sendo fenômenos relacionados, um ajuda na manutenção no outro (PEREIRA, 2009).

Quanto a segundas residências, há teóricos que as defendem como unicamente sustentadas pelo turismo, um alojamento além do hotel; e há os que defendem o veraneio como paralela à atividade turística. O modo de vida urbano instiga a necessidade de uma residência secundária para repouso em amenidades, como alteridade ou fuga de grandes centros (DE PAULA, 2012).

A vilegiatura então é sazonal, com objetivo do gozo pela estada na segunda residência que destina atividades prediletas ao espaço em questão. O percurso não é o mais importante para o vilegiaturista, e sim a chegada ao local, que é um apoio estável de “fuga” do cotidiano, como expansão dos seus espaços de vida e do sentido de habitar (PEREIRA, 2015).

Tibau teve sua expansão urbana marcada pela vilegiatura marítima, fenômeno observável através da produção do espaço marcado pelo desenvolvimento imobiliário que domina a paisagem litorânea. É pertinente observar que vilegiatura e turismo são termos conceitualmente diferenciados, de acordo com Ambrósio (2005). O turismo é uma produção do espaço em mercadoria, se caracterizando em produção de massa, estimulando o consumo e acumulação de capital e interferindo nas relações sociais, pois os espaços são direcionados ao uso para fins lucrativos. Pode ter a contribuição de promover movimentos culturais e de conhecimentos dos espaços, revalorizando lugares.

A vilegiatura, em sua origem, não tem o mesmo caráter econômico que o turismo, pois se caracterizava como segunda residência da classe-média em áreas próximas à residência principal, podendo ser campestre ou marítima. A experiência remete aos períodos que pessoas da cidade passam na praia, na montanha ou no campo, em férias, recreação ou repouso, ou ainda, à temporada que se passa fora da zona de habitação habitual para banhos ou em viagem, para descansar dos trabalhos habituais. Como o

próprio nome sugere, a vilegiatura deriva do termo vila e literalmente significa “vila do ócio”. Vale ressaltar, contudo, que com o passar do tempo, o capitalismo vai se apropriando das atividades humanas, inclusive, a vilegiatura que acaba se inserindo no processo de especulação imobiliária do turismo (AMBRÓZIO, 2005).

Figura 18 - Entre casas e condomínios em construção



Fonte: acervo da autora (2022).

Nesse contexto, “a produção dos espaços turísticos vive distante do antigo sentido de vilegiatura” (AMBRÓZIO, 2005, p. 108), pois a lógica capitalista exterminou o sentido de ócio e tempo livre, produzindo espaços de alienação movidos pela Indústria Cultural. O que era o descanso do mundo do trabalho tornou-se mera distração em prol do capital.

A vilegiatura marítima em Tibau, particularmente, é um elemento fundamental para compreender o desenvolvimento e as características urbanas locais. O município tem o maior número de domicílios ocasionais, em relação à residência principal, de toda a região Nordeste, concentrando, dessa forma, a maior vilegiatura marítima do estado norte-riograndense (GOMES, 2013). Outras localidades do litoral nordestino, em que também se observa o fenômeno, podem ser exemplificadas por Aquiraz (CE), Coruripe (AL) e Barra dos Coqueiros (SE), (PEREIRA, 2009; SOBREIRA, 2021).

As residências secundárias são uma forma de alojamento que se diferencia da residência principal no sentido do uso temporário, sendo os seus objetivos principais o lazer e recreação. A ocupação nas residências secundárias é proporcionada pela disponibilidade de tempo livre, condição financeira e distância da residência principal dos residentes (TULIK, 1995), que é facilmente associado ao período de veraneio, com férias escolares e feriados nacionais.

Para Pereira (2009, p. 98), “[...] vilegiatura, no nordeste brasileiro, é sinônimo de casa de praia”. E, antes dos anos 70, a ocupação em Tibau pela população de outros municípios, parecia ser uma proposta de particularização da praia, apropriada pelas elites, que na época, era a classe social que tinha condições de sustentar uma mobilidade e moradia em outro município, pois não havia transporte público ou condições de infraestrutura que pudessem facilitar o amplo acesso de todas as classes sociais às praias, inclusive Tibau. E, assim, a elite mossoroense foi marcando, nos espaços de Tibau, suas próprias expressões. Katuta (2001), a propósito, assinala que as sociedades expressam nos espaços vividos suas formas de pensar, perceber e viver seus ideais, e que cada sociedade concebe o espaço de uma forma diferente, pois são diversas tais concepções. Essas expressões desenvolvem-se no cotidiano e imprimem nas cidades os interesses socioeconômicos das sociedades.

O geógrafo Milton Santos (2014), afirma que as relações interurbanas são ligadas pela infraestrutura de transporte e comunicação, que mantém as relações econômicas do capitalismo e sustenta as práticas sociais em um sistema de fixos e fluxos. Os fixos são elementos que compõem a paisagem de forma constante, estável, construída. Já os fluxos são elementos que dão movimentos, vivência e valor aos fixos. Nesse sentido, os fixos possivelmente são parte do imaginário capitalista, e correspondem, de certo modo, à infraestrutura básica para sustentação dos movimentos dos fluxos, ligado à fenomenologia do espaço, aos indivíduos sociais e suas manifestações culturais.

A forte conexão entre os municípios de Tibau e Mossoró se dá por meio da expansão do tecido urbano mossoroense, que transforma uma pacata vila de pescadores em um cenário urbanizado através do lazer sob a ótica da apropriação do espaço. O tecido urbano expandido se estabelece através do sistema de fixos e fluxos. Entre os fixos, podem ser destacados: as residências secundárias dos mossoroenses em Tibau, os empreendimentos e a rodovia intermunicipal. Já entre os fluxos, podem ser destacados: as pessoas, mercadorias, o capital e as apropriações simbólicas no espaço. Essa rede de fixos e fluxos é a estrutura para a manutenção das atividades de vilegiatura marítima no município tibauense, que através da especulação imobiliária, corrompe com o sentido original da “vilegiatura para ócio” e transforma essas relações em produto do capitalismo.

O fato de os mossoroenses ocuparem as suas residências secundárias em Tibau, principalmente, nos dois primeiros meses do ano, evidencia, aliás, uma efemeridade da vivência no espaço, mas que provavelmente altera toda a dinâmica dos moradores locais, resultando em uma relação de uso: o espaço como mercadoria.

2.4. TURISTIFICAÇÃO

A chegada do fenômeno do turismo modifica estruturas socioespaciais na localidade em questão, pois, geralmente, atividades do setor primário, como pesca, agricultura e pecuária, são substituídas por atividades do setor terciário, como prestação de serviços, além de ocasionar um crescimento urbano desordenado, construção de paisagens artificiais e trazer empreendimentos estrangeiros. Ademais, governantes promovem estratégias políticas com base no desenvolvimento turístico para geração de emprego e renda, mas fora da dimensão econômica e mercadológica, o cotidiano das pessoas que vivem nas cidades atravessadas pelo turismo é afetado diretamente (FRATUCCI, 2008).

Viver e habitar são as ligações do ser humano com o espaço. Para o lazer, o deslocamento do lugar habitual é necessário para a realização do ócio, “fragmentando o espaço e o tempo”. Habitar é estabelecer raízes e segurança, e que muitos vilegiaturistas aproveitam para expandir as dimensões econômicas e jurídica (poder). Pereira, então, reflete que:

para a vilegiatura plena, o domicílio de uso ocasional, longe de representar uma fuga do cotidiano, configura-se como extensão das relações estabelecidas na “casa habitual”. Extensão que não representa uma merarepetição, à medida que, a vilegiatura se constitui a partir de relações de negação, complementaridade e interpenetração. Esse quadro apresenta-se como virtualidade, não se manifestando em totalidade para todos os indivíduos em vilegiatura. (PEREIRA, 2015, p. 158).

O turismo explora um imaginário do espaço para exercer seu sentido, como aponta Maria Geralda de Almeida (2009), pois explora a essência fantasiosa do ser humano, sendo possível pelos atores como o Estado, a iniciativa privada, os turistas e a comunidade local. Para possuir atrativo turístico, o lugar atende a demandas sociais em um contexto histórico, que alimente suas aspirações. Nesse sentido, a experiência turística é mais imaginária que real, visto que há transformações para dar atratividade ao lugar, modificando as relações e os territórios (ALMEIDA, 2009), concebendo atribuições novas ao lugar e o conectando com demandas globais (LUCHIARI, 2000).

Figura 19 - Letreiro "Tibau"



Fonte: Acervo da autora (2022).

O lugar turístico é marcado pela prática e intenção do turista, desenvolvendo a chamada turistificação, que explora outras possibilidades de uso dos lugares. O caráter satisfatório da turistificação vem através da realização da viagem para aquele lugar, que é existencialmente experimentado, tornando-o um lugar focado para o turista. A turistificação possibilita uma troca recíproca entre o morador local e o turista, pois:

tanto a cultura original do turista como as culturas originais das sociedades visitadas metamorfoseiam-se durante o encontro entre elas: o visitante, como turista buscando a realizar suas expectativas e fantasias de uma cultura turística e aqueles que são visitados reduzem sua visibilidade uma vez que o destaque são seus atrativos turísticos e suas representações. Aos atrativos e suas representações todos esforços são envidados para que aqueles sejam apreciados nos seus aspectos de estética, distinção e singularidade. (ALMEIDA, 2009, p. 3)

A visitação do turista inclui, em sua prática, o imaginário e suas expectativas de diferenciação do lugar para o lazer, dentro do lugar de vivência de outros indivíduos. A recepção dessas práticas dá luz a novas relações sociais (LUCHIARI, 2000), nem sempre positivas. Esse contato pode causar mal-estar quando o turista se aproveita do lugar de alteridade para o gozo livre, mas vai de confronto à cultura local (ALMEIDA, 2009), podendo ocorrer o processo de turismofobia. Turismofobia é relacionada a movimentos sociais que os habitantes locais de pontos turísticos internacionalmente conhecidos na Europa organizaram para se expressar contra as práticas turísticas que afetam a qualidade de vida deles. No campo de debate anglo-saxão, a turismofobia é conhecida como *overtourism*, relacionado ao impacto do turismo de massa na urbanização (OLIVEIRA,

2019).

De acordo com Luchiari (1998), a população local é afetada pelo turismo de modo a ser posta em segundo plano pelas novas dinâmicas espaciais, acarretando o enfraquecimento da cultura tradicional, como acontece em muitas comunidades litorâneas. A turistificação desses lugares não depende apenas da atratividade natural, mas também do poder político e econômico, que estimulam a produção do espaço em mercadoria, sem função social, prejudicando e espetacularizando o cotidiano local. O lugar finda sendo o atravessamento de demandas externas ao local somadas às suas relações particulares.

Figura 20 - Expansão dos bairros em Tibau



Fonte: Acervo da autora (2022).

Para a autora, o espaço se materializa através das práticas sociais, construindo a identidade de lugar pela vida cotidiana. Na contemporaneidade, essas espacialidades comercializam o lugar para consumo, pondo em diálogo as novas e velhas formas e usos do espaço. Essas reconfigurações geram conflitos, pois ao remodelar os espaços, os indivíduos que participam dele também são remodelados, criando novas identidades. O que dá sentido ao consumo dos espaços turísticos é a subjetividade dos sujeitos que participam desse processo ativamente, tanto a população local, quanto os turistas, pois valorizam a reprodução da turistificação de realidades, em muitos casos, fictícias. O turista da contemporaneidade é mais do que um viajante, é um consumidor que busca a alteridade, o novo, muitas vezes não se importando com a autenticidade do que consome.

Desse modo, os lugares que são turistificadas, além de sofrerem um

enfraquecimento de suas culturas tradicionais, o que implica em conflitos geracionais, passam a idealizar um simulacro, a falsa representação do real, que é geralmente utilizada em discursos políticos como *marketing* para o consumo turístico. Esse conflito é percebido no discurso das pessoas que vivem essa realidade, ao mesmo tempo que projetam sua cidade no sentimento de receber os turistas e no desenvolvimento turístico da cidade, sentem, cotidianamente, as contradições do turismo, que impactam em sentimentos topofílicos e topofóbicos.

“A mudança a gente sabe, a cidade cresce e vai aparecendo a mudanças. A única coisa que eu digo são as tradições que não existem mais. A gente sabe, a cidade cresce, as pessoas vão se mudando, as coisas vão mudando, isso é normal, a gente vê outras cidades...” (Ent09)

“A população de Tibau em si, os nativos de Tibau não dão importância à riqueza que eles tem. As pessoas que reconhecem as riquezas que Tibau tem são pessoas que vêm de fora. Acostumados com aquela vida pacata, né, vivendo do mesmo jeito, naquela coisinha” (Ent10)

“Fazer muita coisa por Tibau, é o sonho da gente, a gente que é de Tibau, filho natural de Tibau, a gente pensa de Tibau crescer cada dia mais e a gente poder ajudar Tibau crescer. Você sabe que Tibau hoje é mais voltado pro pessoal de fora e a gente queria que Tibau crescesse não fosse só no período de veraneis, o ano inteiro. A gente quer que tenha aquele desenvolvimento direito, não só pros de fora, a gente quer pra gente. A gente quer o desenvolvimento pra gente. Nesse período já tá começando o movimento, mas a gente quer que Tibau cresça pra gente, pros filhos de Tibau” (Ent11)

“Hoje você não sabe quem é que tá lá fora. Porque antes a gente conhecia, passava, falava” (Ent12)

“Eles acham que o de fora é melhor do que os daqui” (Ent13)

A produção dos lugares turísticos e sua organização obedece muito mais à lógica dos centros urbanos emissores do que da população local e, assim, as cidades se expandem tendo nelas as marcas dos seus usos, perdendo sua autenticidade por não representar mais a sua sociedade. Torna-se mais importante gerar o sentimento de lugar em conexão global do que valorizar a história do lugar de quem o viveu cotidianamente, a história é sufocada pelo adensamento de infraestruturas e residências que obedecem a uma nova dinâmica de lugar (LUCHIARI, 1998).

A população local passa a se reavaliar pelo olhar externo, ou seja, tem uma alteração em suas percepções, valores, comportamentos, costumes, relativizando seu próprio modo de vida.

A sociedade precisa ser participante do processo de planejamento da sua cidade e decidir opinar, avaliar suas próprias estratégias de viver em sua própria cidade. O Estado deve conciliar os interesses econômicos com os interesses da população local, assegurando

a qualidade de vida das pessoas (LUCHIARI, 1998).

“Em Tibau não tem turismo maior porque o que falta mesmo é canto diferente para sair” (Ent05)

“Pra gente que é daqui, é uma pena. Mas pra quem vem de fora, quem vem para o veraneio, quem tem casa de praia, é uma cidade mais calma. Mas aqui no centro, a maioria das casas mesmo você nunca vê, tipo, gente aqui de Tibau, você vê mais gente de fora que veio veraneiar, que veio pra festa” (Ent06)

“Então, tipo, poderia aproveitar mais a questão do turismo, ou até mesmo a culinária daqui, tanto chama gente de fora, quanto gera emprego. Esse ano teve o primeiro festival gastronômico, foi o primeiro, teve várias coisas, teve várias comidas típicas, de pesca. fala de investir em outros setores, como o da informática, já vai garantindo outros tipos de emprego que não precisam se deslocar para Mossoró. Investir na escola, na prefeitura. Devia aproveitarmais esse setor, da pescaria, pro turismo, e comida” (Ent08)

Um momento, no mundo contemporâneo, não é sinônimo de estar em apenas um lugar. A lógica de espaço-tempo não precisamente indica estar em um único lugar, pois a virtualidade é também considerada realidade e presença, assim como a sociedade, simultaneamente, impõe a necessidade do papel de consumidor. É necessário consumir para viver e viver para consumir, substituindo a necessidade por satisfação. O consumo reflete o preenchimento de um desejo, e esse não preenchimento reflete um vazio. Nesse sentido, o consumo é o preenchimento de um vazio pela satisfação, “o consumidor é uma pessoa em movimento e dada a se mover sempre” (BAUMAN, 1999, p. 93).

A moda do consumo pode ser ofertada a todos, mas não são todos que poderão ser um consumidor, pois o modelo de socioeconômico vigente condiciona a desigualdade, de modo que a segregação socioespacial permite que uma população seja expulsa do seu próprio espaço, podendo viver nele e não ter acesso ao todo. Bauman (1999) diferencia os turistas dos locais pondo-os em condições paralelas, pois o turista ultrapassa os limites do espaço, não se fixa em locais, podendo se sentir em casa em qualquer lugar do mundo, diferente dos locais, que sem escolhas, estão presos ao lugar, desejando ser também turistas. Mas, de qualquer forma, esses dois sujeitos estão conectados pelo destino e experiências de vida, porém com diferentes percepções e aflições do mundo.

O meio ambiente foi esteticamente fetichizado e vendido como produto turístico, que mitifica lugares para consumo e, através disso, crescem rapidamente as paisagens urbanas e diminui a comunicação entre grupos sociais distintos.

A prática do turismo envolve o contexto cultural local como atratividade para os *outsiders* que pretendem experienciar o diferente. Então, há uma troca dialética entre o mundo vivido dos moradores locais com os visitantes, que inserem, paulatinamente, novas

práticas que envolvem a financeirização dos espaços cotidianos (PAIVA, 2013). O turismo pode se apropriar de qualquer espaço, desde cidades históricas e áreas naturais a indústria e áreas centrais, atribuindo valor de uso a esses espaços. Portanto, a turistificação está intrinsecamente associada à transformação de espaços em mercadoria através da sua produção e consumo. O lugar, segundo Paiva (2013), é uma categoria geográfica importante para entender as vocações de um espaço turístico heterogêneo. O turismo promove uma espacialização da economia, que toca diretamente no modo de vida da população que reside em um local turistificado.

“A gente que é nativo, pensa assim, que quando a prefeitura pense quando for feito algo, vamos olhar quem vai ser beneficiado. Que crescer a cidade? Vamos beneficiar todos da cidade, que seja pra tudo, e não pra beneficiar uma pessoa. Aí pronto. Mas hoje eu nem fico mais sabendo de nada, só depois que acontece” (Ent11)

“Aqui tem o fator econômico mais barato que em outras cidades, tem o pessoal que vem trabalhar em construção e a facilidade, porque é uma cidade boa de trabalhar, de morar, é uma cidade boa, é tranquila. É perto de uma cidade grande, que é Mossoró. Mas vem muita gente de fora morar aqui” (Ent09)

“E as vezes você chega pra comprar um pão e chega no supermercado às sete hora do dia e não encontra mais um pão. A população de Tibau sofre nessa parte, ela é engolida” (Ent10)

“Nem os forró, nem pastoril. A gente só lembra na lembrança. Nem as casas são mais como antes, reformaram tudo, hoje em dia é tudo primeiro andar, né. Acabaram com a beleza de Tibau, né. Casa coberta de palha, comércadinho de palha, porque é praia, né. Existe mais não. E a gente também tem medo, medo de sair e ser assaltada” (Ent16)

O urbano, em suas variadas facetas, produz o fenômeno do turismo e, a partir disso, o turismo é um forte vetor de disseminação das práticas urbanas, pois demanda de condições institucionais, de trabalho e infraestrutura. As cidades, como centros urbanos, são emissoras do fluxo turístico, principalmente com a grande procura pelo lazer, mas também receptoras, já que o próprio urbano produz artefatos culturais que viram atrativos turísticos (PAIVA, 2013).

A urbanização turística então é um processo de construção ou reconstrução de cidades pequenas para receber atividades turísticas, se tornando destinos do consumo e venda do prazer para os turistas, ainda, adotando uma caracterização simbólica diferenciada, pois deve ser atrativa. Logo, há um crescimento populacional e desenvolvimento de diversas problemáticas habituais do estilo de vida urbano, como a gentrificação, a necessidade de oferta de emprego, degradação ambiental, violência, entre outros problemas que afetam principalmente a população residente, pois a urbanização turística, conseqüentemente, diferencia a sociedade entre turistas e residentes (MULLINS,

2003; 1991). As residências secundárias, que marcam a presença da vilegiatura, concentram uma das principais diferenças na realidade de Tibau entre os residentes e os turistas. Em toda a cidade, há presença de residências de uso ocasional, alterando as relações de vizinhança, o aumento do preço de moradia e movimentação ocasional.

A partir da construção da segunda residência, o vilegiaturista pode interferir na dinâmica local, ocasionando numa cidade com duas facetas: uma com poucas pessoas, calma e economicamente fraca/instável; e outra superpopulosa, agitada, com economia forte e com alta demanda de infraestrutura (como abastecimento de água, luz, coleta de lixo e saneamento). A instabilidade da economia local também pode ser causada, como no município de Tibau do Sul, litoral leste do Rio Grande do Norte, pois a vilegiatura marítimo pelo público estrangeiro europeu prejudicou o mercado de hotéis local, fazendo com que as estratégias da gestão municipal mudassem seu foco para o público nacional, com intuito de fortalecer o ramo hoteleiro novamente (NUNES, 2016).

Por ser característica, a concentração de pessoas em um lugar e período específico, o turismo de sol e mar é compreendido por turismo de massa. A sazonalidade dessa prática é decorrente das condições climáticas favoráveis, que destaca a região Nordeste do Brasil, pois, durante todo o ano, possui praias quentes, além da diversidade de paisagens.

A urbanização turística, além de produzir cidades turísticas, resulta na expansão e fragmentação no tecido urbano que facilitam a atividade turística e sustenta o consumo do lugar, também articulando com outros lugares.

O turismo tem a potencialidade de transformar lugares em mercadoria e modifica tudo o que envolve os lugares para poder viabilizar essas atividades econômicas. Dentro desse contexto, modificam-se vidas, sentimentos, práticas cotidianas e o meio ambiente no intuito de adequar o mundo vivido à perspectiva do “fazer dinheiro”. Quando o turismo não está vinculado aos anseios da população, a prática turística tende a afastar a comunidade das atividades que eram cotidianas anteriormente, e modificar seus sentidos de identidade.

É necessário frisar que apesar da popularização de atividades de alteridade urbana em lugares não urbanos, essas práticas, contraditoriamente, levam o estilo de vida, a estrutura, a ideologia e a política urbana a esses espaços. Isso implica num processo de metamorfose do espaço, que contém, em si, retalhos do que foi, do que é, e do que pretende ser, demonstrando em suas impressões espaciais, processos de rugosidade e/ou gentrificação.

A atividade turística impacta em agentes sociais, econômicos e espaciais, pois o

espaço do ócio é mercadoria. A mudança da atividade diária junto com o deslocamento espacial para o contato com a natureza muitas vezes produz um ambiente que imita o natural, ou que a natureza fica num plano distante do foco de atração principal. O lazer demanda tempo, recurso e espaço, requisitando condições financeiras de quem o usufrui (SÁNCHEZ, 1990).

“Aí imagine se isso é realmente da cidade de Tibau, poderia ser um mirante, um atrativo pro turista. Podia ser uma cidade turística, hoje em dia melhorou, mas ainda é uma cidade descoberta, mas as pessoas não pensaram para o futuro, para o amanhã. Mas eu amo minha cidade” (Ent14)

“Mas Tibau toda a vida nunca deixou de ter turista, porque os veranistas de Mossoró, as casas do povo de Mossoró é em Tibau, que é a praia de Mossoró. Mas Tibau é tudo” (Ent15)

“Em época de veraneio, quando vem muito turista, dezembro, janeiro, vem muita gente. Superlota as pousadas, as barracas de praia, fica aquela sujeirana praia, o trânsito para, mas a gente vende bem, tem o lado bom também. Mas tá faltando um investimentozinho no turismo, né. Chega o cliente e você não tem nem pra onde mandar” (Ent17)

A residência secundária mantém um vínculo psicossociológico do indivíduo como espaço, por mais que seja de uso temporário. Quando há valor no meio físico, o turismo no litoral se torna atrativo e obriga a locomoção para um elemento intransferível: o mar. Os atrativos do turismo costeiro, o sol, o mar, a praia, a temperatura, independentemente da atividade turística, mas o uso do espaço e suas possibilidades econômicas possuem valor social. O lazer massifica a produção do espaço e transforma o turismo em setor produtivo.

As residências secundárias não são necessariamente turismo, mas também são relações econômicas, são meio e recurso da produção do espaço. Funcionaliza o espaço como produto e atribui características de propriedade privada, o espaço é suporte para a execução do turismo como atividade econômica. A combinação entre “disponibilidade” do espaço e os atrativos naturais dos espaços costeiros são suficientes para a transformação em um espaço turístico (SÁNCHEZ, 1990).

O funcionamento da atividade turística no litoral acarreta produzir o espaço, mas também considerar a população que foi deslocada pelo novo uso atribuído ao espaço. Por serem áreas delimitadas, os espaços costeiros são territórios disputados, muitos agentes têm interesses em produzi-los, pois é local de residência, comunicação e troca, é histórico, estratégico e de recursos naturais, agrícola e industrial (SÁNCHEZ, 1990). Apesar de o espaço litorâneo ser um bem gratuito, o turismo só funciona quando mantém a presença do turista, necessitando de espaços complementares de serviços, como alojamento, manutenção, etc.

O litoral não é exatamente o meio de produção e sim os espaços e intervenções que viabiliza a utilização dos recursos. O principal aspecto para o usufruto do espaço turístico é o deslocamento, sendo importante o transporte e acessibilidade. O consumo interno e sua incidência espacial pode ter distinção de acordo com classe, tempo e o lazer.

Os assentamentos turísticos se desenvolvem onde há recursos físicos e áreas não muito transformadas pelo ser humano, mas que geralmente já houve manejo agrícola, pesqueiro ou florestal. Sendo assim, os espaços que são turistificados se desenvolvem onde já havia anteriormente uma vida social desenvolvida, e sua implementação no local gera conflitos de interesses que divergem da dinâmica socioespacial que abarca a cultura e fatores psicológicos. As consequências do turismo resultam também em variados tipos de crescimento populacional devido à sazonalidade do ciclo produtivo, diferentemente do industrial e demais atividades que produzem o espaço, pois relaciona-se com as características do meio físico (SÁNCHEZ, 1990).

O turismo impacta fortemente nos espaços, degrada e destrói o meio ambiente, principalmente pela pressão da demanda e especulações de agentes privados, estrangeiros e elites locais. Aproveita-se de territórios anteriormente marginalizados para dar funcionalização econômica, aqui discutida como gentrificação.

2.5. GENTRIFICAÇÃO

“A gente queria que Tibau crescesse, é como criança: a gente quer que cresça para num dar trabalho, aí dá trabalho quando cresce. A cidade é desse jeito” (Ent16)

O termo gentrificação, em sua etimologia, deriva da palavra *gentry*, que em inglês significa classe média alta, nobreza e foi utilizado como um fenômeno positivo de recuperação urbana. Ou seja, é a valorização de uma área urbana, antes ocupada pela classe operária, por uma classe social privilegiada economicamente (CAMPOS, 2016).

Primeiramente, há um processo de desvalorização e expulsão da população que habitava essa área, para expandir o mercado imobiliário a partir do capital privado e, assim, consolidar a gentrificação como uma boa oportunidade de revitalizar áreas decadentes. Foi um processo comum na Europa e Estados Unidos, no período pós- guerra, inclusive romantizado e que, na contemporaneidade, é um fenômeno múltiplo, com variáveis cada vez mais complexas, devido às muitas escalas de relações econômicas. O processo de urbanização na contemporaneidade tem a gentrificação como uma dimensão que chega a ser estratégia de planejamento do Estado, geralmente em metrópoles (SMITH,

2006).

A valorização dessas áreas e a elevação dos custos de vida impulsiona a exclusão de pessoas que não conseguem se sustentar, fazendo com que ocupem novas margens, expandindo as fronteiras e, assim, expandindo o tecido urbano. Portanto, a segregação socioespacial, fruto da gentrificação, denota um caráter classista.

A gentrificação deriva do processo de desvalorização e valorização de espaços urbanos, que segue estruturando a parceria entre Estado e capital privado, na evolução da economia do capitalismo contemporâneo. Se torna, então, símbolo da ideia de renovação urbana, mascarando a verdadeira ameaça à cultura local, fragilizando os direitos da população. A própria dimensão de cultura se fragmenta a tantas influências do mundo cada vez mais globalizado e às múltiplas escalas em que os fenômenos se manifestam em um lugar. A gentrificação pode ser encarada como uma fronteira urbana. A fronteira como a borda da expansão espacial e da exploração física dos espaços. Essa noção e ânsia da expansão de fronteiras são novas formas de colonialidade, que antes expandiam-se contra o “selvagem”, o que não era considerado civilizado conforme as tradições dos colonos. Colonialidade é um termo introduzido no debate acadêmico por Anibal Quijano e Walter D. Mignolo sobre os desdobramentos no colonialismo na modernidade e no contexto latino-americano (MIGNOLO, 2017).

Essa colonialidade encorpada no discurso urbano pretende expandir as fronteiras urbanas, que fazem parte do imaginário das classes sociais altas, a lógica de mercadoria, do esteticamente moderno, atrativo e consumível.

Em primeiro lugar, a fronteira urbana é, antes de mais nada, uma fronteira no sentido econômico. As transformações políticas, sociais e culturais nas áreas centrais são amiúde intensas e são certamente importantes no que diz respeito à experiência imediata da vida cotidiana, mas elas estão associadas ao desenvolvimento de uma fronteira econômica. Em segundo lugar, a fronteira urbana é, hoje, apenas uma dentre várias fronteiras existentes, visto que a diferenciação interna do espaço geográfico ocorre em diferentes escalas (SMITH, 2007, p. 18).

A gentrificação é interpretada como um processo o qual áreas periféricas passam a ser valorizadas e modificadas para uso de classes altas, retirando a população que habitava a área tradicionalmente e elevando os preços de consumo e imóveis como promoção de desenvolvimento econômico (CELANTE, 2014).

É interessante notar que o debate da gentrificação incorpora um discurso higienista, de revitalização, revalorização, regeneração. E, além disso, fortifica e classifica a divisão territorial dos espaços num processo de segregação socioespacial e definindo o público-

alvo do modelo de desenvolvimento que a gentrificação propaga. O estudo de Celante (2014) sobre a gentrificação na comunidade pesqueira da Colônia de Pescadores da Praia de Itapoã em Vila Velha, Espírito Santo, reforça que, mesmo sendo símbolo da história da cidade e da atividade pesqueira, a pressão do mercado imobiliário “esmaga” os moradores tradicionais e os expulsam das proximidades da praia.

Esta realocação dos moradores tradicionais traz a ideia da docilização dos corpos explanada por Foucault, onde esferas de poder tem a faculdade de gerir as populações, regulando-a e organizando-a, através da biopolítica. Assim, o biopoder promove e conserva a vida biológica dos indivíduos através de políticas higienistas, que melhor se adequa ao caso aqui estudado. Pois o processo de gentrificação, que é uma atividade higienista, de enobrecimento do espaço, impacta os indivíduos ou o sujeito assujeitado, que corresponde aos moradores da colônia de pescadores (CELANTE, 2014, p. 270).

O setor imobiliário destaca a passividade dos moradores locais e a implacável expansão urbana no local. O presidente da Associação de Pescadores de Itapoã afirmou que a pesca sempre vai ser uma atividade praticada, que existirá no futuro, mas a comunidade não (CELANTE, 2014).

A valorização de áreas, de terrenos, é um processo que faz parte da natureza especulativa do mercado imobiliário, que funciona através da estrutura urbana, da localização da área, proximidade com lugares naturais (praias e florestas, por exemplo), investimentos do setor privado. Nesse sentido, as segundas residências, impulsionadas por práticas de lazer e turismo, envolvem o investimento em terras e imóveis, sendo um negócio seguro de acumulação de capital. Então, o mercado imobiliário faz parte de agentes produtores de novas demandas em áreas litorâneas, gerando uma forte atividade econômica que impulsiona a maritimidade como mercadoria (DANTAS, 2016).

As segundas residências marcam, assim, uma nova forma de organização do espaço, que modela os espaços para os interesses da lógica de mercado. As consequências são muitas, haja vista que as modificações são rápidas e constantes, inclusive por modismos, que altera o sentido do uso desses espaços. Em Tibau é possível compreender essas modificações a partir da antiga área central da cidade, que em tempo atrás, as ruas com nomes de seres marinhos apresentavam os espaços vividos da população que residia ali, contemplando residências, pequenos comércios, sedes municipais e os lugares simbólicos da população, como a Igreja de Santa Terezinha e a Rua do Brisa. Com o tempo, o antigo centro foi sendo massivamente ocupado por segundas residências, destinadas ao veraneio e às pessoas, no gozo do lazer, tornaram difíceis as atividades cotidianas dos autóctones, como por exemplo: (fala dos moradores sobre comprar pão,

barulho etc.)

Os moradores locais estão, gradativamente, deixando de morar na antiga área central, principalmente a partir da venda de loteamentos em outras áreas da cidade, como o Jardim de Alicia, Porto do Atlântico, Nova Tibau etc. O antigo centro está deixando de ser um lugar vivido arduamente como antes, mas continua habitado por moradores que residem há muitos anos. Muitas residências foram abandonadas, fechadas e obedecem à lógica da especulação imobiliária, que pretende vender esses imóveis a empreendimentos modernos, marcando o início do processo de gentrificação.

É importante compreender que os fenômenos socioespaciais de Tibau vão se transformando de acordo com as mudanças e exigências da sociedade contemporânea, que está cada vez mais globalizada, intensa e efêmera.

A área central de Tibau hoje, com maior movimentação, é nas proximidades da Rua 22 de Dezembro, mais próxima aos loteamentos que marcam o traçado urbano residencial dos tibauenses. Há residências secundárias destinadas a vilegiatura por todo o município de Tibau, portanto não há lugares que desviem dessa lógica.

Figura 21 - Rua 22 de Dezembro



Fonte: Acervo da autora (2022).

O termo gentrificação começou a ser utilizado na década de 1960, com a socióloga Ruth Glass (1964), que investigou modificações socioespaciais em áreas habitacionais de Londres, Inglaterra, a partir da revitalização de áreas consideradas deterioradas, ocupadas pela classe trabalhadora, a fim de serem apropriadas por classes mais elevadas. A

gentrificação é uma forma de reestruturação urbana, numa proposta de “melhoria” na estrutura e imaginário urbano que se reinventa constantemente.

Por duas tendências, o processo de gentrificação pode ser iniciado: seja por uma alteração econômica na valorização de determinadas áreas para promoção imobiliária; ou atração individual de agentes sociais através do modo de consumo ou estilo de vida (BIDOU-ZACHARIASEN, 2006).

No caso de Tibau, a área que era considerada central da cidade, nos arredores da Igreja de Santa Terezinha, marcada por suas características habitacionais, muitas residências e comércios pequenos de consumo cotidiano, está passando por um processo de abandono para o uso habitacional, sofrendo especulação imobiliária e áreas compradas para fins comerciais e para “casas de praia” luxuosas, de uso ocasional.

Figura 22 - Arredores da Igreja Santa Terezinha



Fonte: Acervo da autora (2022).

Muitas atividades que eram comumente exercidas pela população de Tibau, como a pesca, o artesanato, a coleta de mariscos, por exemplo, estão cada vez mais escassas. Com as múltiplas modificações que ocorreram, tanto no mar, quanto em terra, fizeram com que a população de Tibau procurasse outras formas de trabalho. Uma parte dos jovens vai à

Mossoró para estudar e trabalhar, outra parte procura empregos na prefeitura ou em comércios. Se torna uma grande demanda para a qualidade de vida dos tibauenses.

Em Itapoã, Espírito Santo, (CELANTE, 2014) a população local tem deixado a pesca por falta de políticas públicas, questões biológicas e ambientais, mas também pelo desenvolvimento imobiliário que tem modificado as relações socioespaciais, com o relato de pescador mais antigo da região.

Ele relata que ainda não vendeu seu terreno por não ter recebido uma oferta que lhe interesse. Mas se receber uma oferta atrativa o pescador não hesitará em aceitar. Contudo, ele conclui que na velocidade com que está o progresso, no máximo dez anos a comunidade não existirá mais. (CELANTE, 2014, p. 278)

Figura 23 - Processos de gentrificação em Tibau



Fonte: Acervo da autora (2022).

A produção cinematográfica brasileira *Aquarius*, representa o dilema da expansão imobiliária frente à personagem que não quer vender seu apartamento devido seu sentimento de lugar. Com isso, a personagem tenta resistir aos assédios do mercado imobiliário que pretender comprar todos os imóveis, num processo de gentrificação, que apagaría suas memórias do passado e a manutenção destas no futuro. O filme retrata uma representação da realidade em diversas cidades brasileiras, principalmente metrópoles, onde a gentrificação é um processo mais severo (PEREIRA; SCOTTO, 2017). No filme, o edifício representa memórias afetivas da vida da personagem principal, que o transforma em lugar simbólico e extensão existencial.

A destruição física do prédio significa, também, abdicar de presenciar suas memórias, sentimentos e vivências do passado em constante contato com o presente. Essa evocação da memória precisa de um sujeito produtor da memória como mediador para que o simbolismo e representação de tal objeto seja passado adiante. O filme temse tornado um motivador para manifestações políticas nas salas de cinema em que fora reproduzido, demonstra que a desapropriação, a modificação abrupta e violenta de lugares pode causar impactos na vida cotidiana, simbólica e nas representações socioespaciais das pessoas.

O mercado imobiliário, a lógica urbana, as atividades turísticas voltadas ao viés econômico corroboram para o apagamento de lugares que são muito mais do que memórias, mas acontecimentos, símbolos, representações, identidades que fazem parte do bem-estar e da geograficidade dos sujeitos. Os lugares são a representação da existência humana na Terra. É comum confundir a aparência com a verdadeira essência do fenômeno de gentrificação. Não é apenas uma obra ou a modernização de empreendimentos que são construídos no local. Tampouco pela simples habitação de uma população mais rica da que antes habitava a mesma área.

Apesar de não ter sido um movimento planejado pelos agentes públicos de Tibau, a gentrificação ocorre de forma a estabelecer a estratificação social, realocando a população nativa cada vez mais para as bordas da cidade, avançando novas fronteiras, que produzem o espaço em função de uma possível população flutuante abastada que fortifique o turismo local. A fragilidade e expectativa dessa economia, que tenta se estruturar como projeto turístico, abala a constituição de bem-estar da cidade, que vive calcada numa estratégia não solidificada, pois o benefício do lucro que o turismo proporciona na cidade, não chega a ser precisamente turismo, nem beneficia a circulação de capital entre os “filhos de Tibau”. A prefeitura se beneficia com o IPTU e com royalties da extração de petróleo marinho, em sua grande escala. Mas fica apenas nisso?

A região que foi inicialmente habitada em Tibau, que correspondia às primeiras residências, hoje está cada vez mais abandonadas, pois o custo muito alto da moradia e a densidade de população flutuante que é dona das residências afastou o interesse da população local nessa área. As ruas seguintes, que são mais recentes que as antigas e anteriores às mais novas, ainda estão ocupadas, mas passando por um processo parecido com o que houve no centro, certo abandono, venda para veranistas e especulação imobiliária, como também cede de prédios públicos.

Os novos loteamentos são o verdadeiro alvo de habitação da população local do município, que consegue pagar e se manter no local, mas cada vez mais afastado das

praias, dividindo ainda os espaços com a população flutuante, e carregando consigo a efervescente vivência cotidiana e comércios pequenos locais. O centro hoje, principalmente em ruas mais antigas, sofre um aburguesamento, com novos empreendimentos elitizados, e com forte investimento do capital privado. A prefeitura se encarrega de afastar cada vez mais a população para as bordas, como com a construção de programas de moradia popular nas fronteiras urbanas.

Figura 24 - Expansão da área urbana



Fonte: Acervo da autora (2022).

O processo de gentrificação é caótico, pois não há uma única forma dele acontecer. É um fenômeno social urbano, que acontece pela influência da sociedade, do Estado e do mercado privado, incitado por agentes com interesses econômicos. Então, há, por meio da gentrificação, um processo de enobrecimento de uma área, geralmente ligado a um bairro histórico em centralidade na cidade, que passa a ser habitado por uma população com mais condições financeiras que a população que residia anteriormente.

Nesse processo, geralmente há a expulsão da população com menor renda, que será substituída por essa população mais rica, que transforma o bairro por meio do aumento do custo de vida no local. Então ocorre especulação imobiliária, elevando o valor do aluguel, dos imóveis, da mão de obra e até dos produtos comercializados na região. Quando associada ao turismo, a gentrificação ocorre com maior incentivo social, que a vê como uma maneira de “restaurar” uma área que foi degradada. Antigas construções abandonadas vão perdendo o sentido de uso com o tempo, sendo capital imobilizado, então precisa ser revitalizada ou destruída para ter um novo sentido.

As elites carregam consigo o potencial de centralização de uma área, pois atraemos

interesses do capital privado e público, entrando no vicioso ciclo de valorização e desvalorização de espaços urbanos. Outras áreas que deixam de receber esses investimentos passam por uma transformação social que explana os interesses intersubjetivos da sociedade classista, que constrói uma estrutura socioespacial desigual, tornando a cidade o palco de disputa pelo espaço na luta de classes, que configura a segregação socioespacial urbana, pois as áreas que possuem maiores valores de uso são ocupadas por grupos de maior renda.

Em Tibau, a região que foi tida como o primeiro centro da antiga vila, aos arredores da Igreja Santa Terezinha, foi onde se desenvolveram as primeiras ruas, que morava a população nativa. Essa região era ocupada por moradores antigos, que relatavam Tibau como uma pequena vila de pescadores, que vivam do mar e da relação comercial com cidades próximas, como Grossos, Areia Branca e Icapuí, pelo mar, e com Mossoró, por terra. Com o tempo, a cidade foi ampliando sua região central, com ruas adjacentes, com nomes de seres marinhos, onde foram residindo as novas gerações de Tibau. Junto com o crescimento de residências fixas da população tibauense, as residências secundárias também fizeram parte desse processo de expansão residencial, que com o passar do tempo, a época de veraneio foi se tornando muito movimentada e densamente frequentada por vilegiaturistas que iam aproveitar o tempo de férias e lazer.

Cada vez mais as residências secundárias foram ocupando a faixa mais próxima de praia, principalmente em cima das falésias, que garantiam vista privilegiada para o mar. Toda a faixa de praia hoje é ocupada, principalmente, por residências secundárias, que conseqüentemente aumentou o custo dos lotes de terrenos nessas áreas, e pressionou as gerações mais novas de residentes fixos para o interior da cidade, em áreas mais afastadas do mar.

A densa e eufórica vivência veranista no centro, entre os meses de dezembro e fevereiro, mudou o ritmo de vida da população local, que estava acostumada com a calma da vila e com o hábito de conhecer todos os residentes. Então, essa primeira região central, foi deixando de ser desejada pelos nativos, somado ao fator de aumento do custo dos imóveis. Cada vez mais os moradores locais foram residindo em áreas mais afastadas da primeira centralidade. Na contemporaneidade, a partir de meados dos anos 2010, a nova centralidade, como terceira centralidade, é onde mais se encontra os residentes fixos de Tibau, onde há maior número de comércio e vivência latente.

A área onde foi a primeira centralidade de Tibau hoje sofre com abandono e degradação, por não haver interesse dos moradores em morar na área que sofre um forte

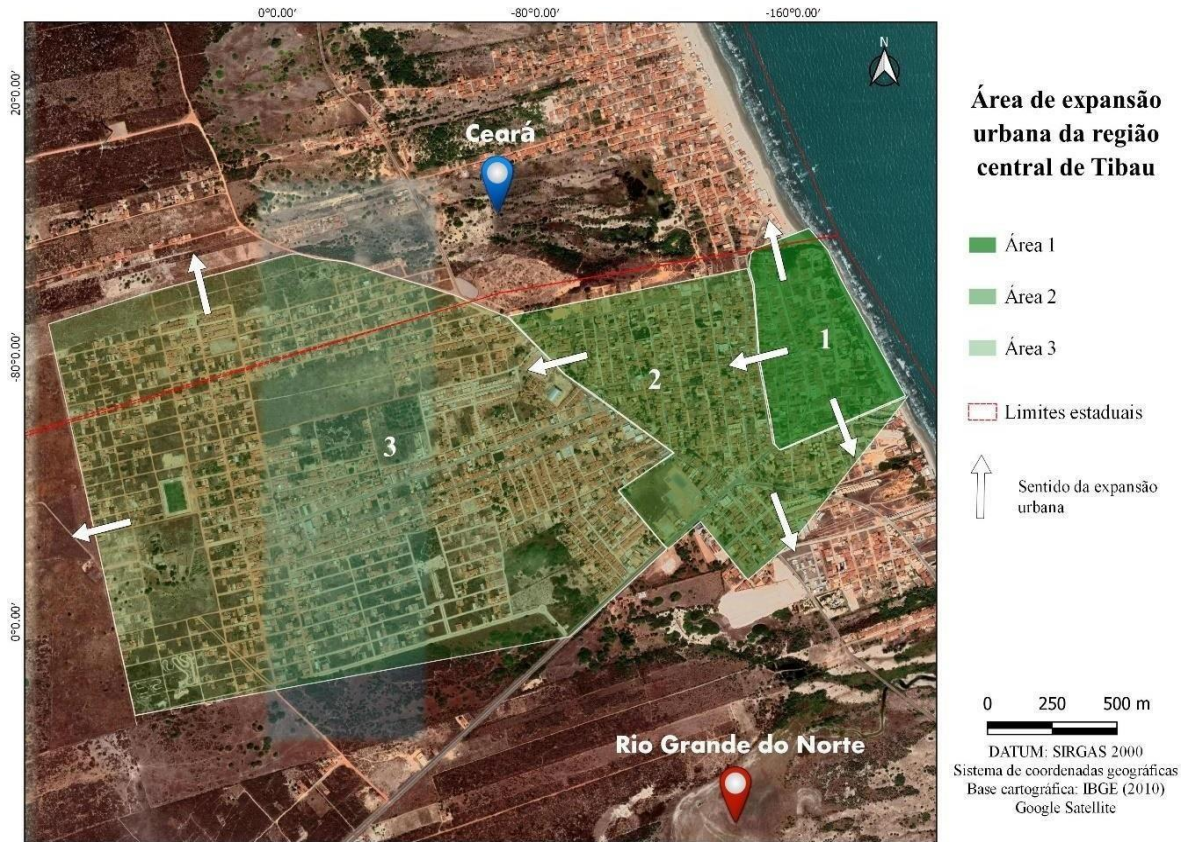
aumento dos preços dos imóveis. Por ser uma área em que se encontram segundas residências de muitas pessoas influentes e abastadas do estado, como políticos ou empresários, as casas são arquitetonicamente modernas, pois são reformadas para atender à estética da moda. Não há ordenamento territorial, então a disposição das casas na área 1, que liga à faixa beira-mar, são desordenadas, e muitas vias de acesso à praia são privatizadas. As casas e condomínios foram construídos em cima das falésias, podendo perceber entre elas alguns afloramentos.

A população nativa de Tibau, então, foi pressionada a ceder espaço à população estrangeira que se apossou da área privilegiada, à beira mar e adjacências, mas também tenta restringir o acesso público de pessoas à praia pelas vias nas proximidades de suas casas de vilegiatura, o que gera constantes depoimentos da população. Um exemplo foi o caso ocorrido em dezembro de 2022, em que uma figura política do RN tentou construir um portão para que impedisse acesso de veículos sob a justificativa de que aquela área é um terreno privado há 60 anos e que o acesso de veículos à praia é proibido por lei. O episódio gerou comoção nas redes sociais e o portão foi arrancado duas vezes por um trator de uso particular (MOSSORÓ NOTÍCIAS, 2022).

A gentrificação não envolve apenas a área gentrificada, mas a cidade como um todo, pois, por ser uma proposta de revitalização do espaço urbano, as outras áreas da cidade são afetadas pelo processo, envolvendo uma rede urbana da espacialização de habitações, o planejamento de destinos empresariais, a mobilidade urbana e a valorização e desvalorização de espaços. Essa constância de valorização e desvalorização dos espaços urbanos é o que movimenta o processo de gentrificação, dando suporte à necessidade capitalista de insatisfação e reconstrução do imaginário de estratificação social urbana.

Então, o interesse e rejeição de áreas da cidade promove a essência capitalista, que atribui valor e sentido de mercadoria ao espaço, reorganizando a cidade e sofrendo influências nacionais e globais. As tendências de reorganização de cidades mundialmente famosas, metrópoles e destinos turísticos, influenciam no planejamento de cidades mundo afora, muitas vezes distanciando as realidades em prol da estética da moda. Por isso, torna-se comum o planejamento de cidades brasileiras ter influências de outras estrangeiras, como no caso de Belo Horizonte, que se inspirou na estrutura urbanística de Paris. Essa influência afasta o planejamento urbano da verdadeira realidade das cidades brasileiras, que sofrem um neocolonialismo, sempre ligado a estrangeirismos e ignorando os fenômenos, necessidades e estruturas que são realmente necessárias e eficazes.

Figura 25 - Mapa da área de expansão urbana da região central de Tibau



Fonte: Acervo da autora (2023).

A figura acima apresenta o mapa que exemplifica as áreas de centralidade do município de Tibau. A expansão urbana demanda de uma centralidade que reforça as áreas de diferenciação dentro da cidade. O centro urbano geralmente é um lugar histórico, que abriga vivências de diferentes gerações da cidade e que, com o tempo, é um espaço de desejo para as relações comerciais capitalistas. A centralidade em Tibau é um processo confuso, pois em pouco tempo houve muitas mudanças espaciais, o que torna comum, na fala de muitos moradores, o centro serem lugares diferentes ou abranger, até mesmo, toda a zona urbana habitada.

“Na verdade, em Tibau tudo é centro, a não ser o rural, Emanoelas e Gado Bravo. O povo chama tudo de centro” (Ent10)

O centro da cidade para os tibauenses passa por um processo de modificação em sua evolução histórica. Primeiramente, identificada no mapa como Área 1, é o lugar da vila, onde se encontravam poucas casas e representava um ambiente social, de encontros e trocas. As casas eram feitas de taipa e palhas de coqueiro, não ficavam nas bordas das falésias, mas entre os morros da cidade. Essa área, depois do estabelecimento da

vilegiatura, foi rapidamente sufocada por segundas residências que propagaram as necessidades do adensamento do modo de vida urbana, como a urgência de esgotamento sanitário, rede de energia elétrica, abastecimento de água encanada, coleta de lixo domiciliar, calçamento nas ruas, comércio, bares e restaurantes, entre outras necessidades.

“Tibau começou aqui, era só aqui, e agora tá expandindo pra lá. Era só aqui, Tibau” (Ent02)

“Tibau antigamente, que eu escutava as história do povo antigo, era praticamente daqui pra frente, daqui pra trás era só mato, essas coisas” (Ent06)

“Nós tinha uma casa mesmo de frente pra praia, nosso pai morreu e vendemos a casa, até hoje passo por ela. No domingo descia um monte de jovem, ia ver o veraneis em Tibau, que era maravilhoso. Hoje o veraneis tá aqui” (Ent15)

Os espaços receptáculos de residências foram, então, se expandindo. Cada vez mais eram instaladas casas de uso ocasional destinadas ao lazer na cidade e que preferencialmente, fossem próximas da faixa de praia. Isso fez com que as novas gerações de moradores fixos de Tibau instalassem suas residências nas áreas adjacentes da primeira centralidade, com criação de novas ruas, consideradas como um crescimento da região central. A Área 2 foi, então, a expansão da centralidade de Tibau, que oportunizou a visualização da vila como um potencial centro urbano, e destacando as áreas fora dessa centralidade como periféricas.

“Antigamente não tinha aqueles loteamentos, o Jardim de Aliças. Hoje na minha rua tem muitas casas, antigamente era só a minha e tinha outra casa que tinha gente que realmente morava” (Ent05)

“O pessoal da cidade mesmo, foram vendendo as casas pros mossoroenses, para um, para outro, e hoje ninguém mora ali” (Ent09)

As Áreas 1 e 2 permaneceram como centro tibauense até meados de 2010, onde localizavam-se supermercados, pousadas, restaurantes, bares etc. seu limite natural eram as dunas e a “última rua”, como fronteira urbana, era referenciada pelo cemitério. Depois da municipalização, a prefeitura foi instalada na Área 1 e depois transferida para a Área 2, onde permanece até hoje, concentrando outras sedes municipais. Com o espessamento de construções nas áreas 1 e 2, que aumentou o valor das casas e terrenos, juntamente com a crescente moda do veraneio, durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro, a moradia fixa na região central foi deixando de ser viável para os tibauenses. Os terrenos da Área 3 começaram a ser loteados e vendidos por preços baixos, atraindo, principalmente, as gerações mais novas de moradores fixos que não tinham como se estabelecer nas outras centralidades.

“Aqui no centro, antigamente era onde o povo morava. Mas muita gente vendeu suas casas no centro para vir morar nos loteamentos novos” (Ent04)

“A gente fica pensando no que se tornou Tibau. E no que vai se tornar, porque o aluguel daqui é caro. A gente que mora aqui, se precisar morar um dia de aluguel é 600 reais qualquer vãozinho. Como os meninos dizem, ‘quem é rico mora na praia’” (Ent14)

“A gente dizia ‘vamo pros roçado’, hoje você diz ‘vamo pra Nova Tibau’” (Ent16)

A transição da Área 2 para a Área 3 é considerada hoje o atual centro de Tibau, fortalecida pela presença da Rua 22 de Dezembro, que conecta ao município de Icapuí, e que concentra lojas de roupas, óticas, lanchonetes, comerciais e o novo centro de artesanato Villa do Tibau. Essa rua é a antiga fronteira que abriga o cemitério, mas que hoje se torna ponto de referência para os novos espaços residenciais. A divisa entre os estados do Rio Grande do Norte e Ceará é muito tênue no cotidiano do tibauense, pois a expansão urbana de Tibau transpassa tranquilamente a área do Ceará, que é um encontro de novos conflitos no quesito tributário e territorial.

“Aqui é o novo centro, e tem muita casa de fora, de gente de Mossoró. Em todo canto tem gente de Mossoró. Uns vem morar, que tem muita gente que vem, de todo canto, vem passear, gosta e fica” (Ent09)

“Depois das casas da caixa, aí foi que cresceu mesmo. Essa rua 22 de Dezembro, era a última, nem tinha como ir pra Icapuí porque era tudo morro” (Ent16)

“Porque o centro de Tibau não é mais praulá não, é pra cá! Se você for aqui, andar aqui, se perde pra cá de tanta casa. Tibau praulá não tem mais ninguém morando, é difícil ver um pé de pessoa, mas pra cá você vê” (Ent11)

É importante destacar que em todo o processo de expansão territorial urbana de Tibau, estão presentes residências fixas e ocasionais. A vilegiatura é mais do que um fenômeno, é uma prática, uma presença que acompanha todos os espaços expandidos na intenção de exercer a maritimidade que acompanha a sociedade urbana do interior potiguar. Para acompanhar a proximidade latente com o mar, a vilegiatura ultrapassa o litoral tibauense para o município de Icapuí na ânsia de ter uma casa de praia em Tibau.

“Mas infelizmente Tibau é isso. É pra cá. Lá ficou somente uma cidade turística, lá eram os meus pais, meus avós, e aqui são os filhos dos meus pais. Tibau é bem aqui nessa central. Lá ainda existe, mas as casas antigas reformaram e ficou as ruas bem desertas, como a principal, a Rua do Brisa” (Ent14)

“Eu só tenho medo que Tibau se torne uma Canoa Quebrada, que os nativos foram vendendo, vendendo, foram embora, saíram e foram deixando a cidade pros gringos, pras pessoas de fora, porque 90% das construções são de fora.

Hoje Tibau tem uma extensão muito grande de casas, porque de habitante não tem, tem de construção” (Eni09)

Figura 26 - Área de obras em Tibau



Fonte: Acervo da autora (2022).

PARTE 3 – CARTOGRAFIA DE LUGARES DE TIBAU

A cartografia é um importante instrumento que demonstra as repercussões visuais da vida humana no espaço. Este terceiro capítulo é sobre a Cartografia de Lugares de Tibau, resultado de vivências, leituras, escutas, falas e sentimentos. São referências de espaços simbólicos que compõem a experiência, a história e identidade dos tibauenses, das pessoas que têm Tibau como repouso de vida.

Como resultado desta pesquisa, a Cartografia de Lugares de Tibau é um instrumento de reivindicação, que pode servir de parâmetros para aplicações de políticas públicas em Tibau, pois, como lugar do repouso da vida humana, é repleto de significados e simbologias necessários à permanência da identidade e memória do seu povo.

Esta 3ª Parte apresenta os lugares mais expressivos nas falas dos moradores de Tibau, que pelas referências na intersubjetividade das pessoas entrevistadas, exibem seus sentidos de lugar. Organizam-se nos capítulos: 3.1. Cartografia existencial; 3.2. Bisa; 3.3. Centro de Artesanato Villa do Tibau; 3.4. Gancho; 3.5. Igreja de Santa Terezinha; 3.6. Vertente; 3.7. Morros de Areia Colorida; 3.8. Pedra do Chapéu; 3.9. Praia.

3.1. CARTOGRAFIA EXISTENCIAL

“Embora tivesse ficado órfão muito jovem, ele nunca se sentira abandonado, pois o deserto sempre ecoou diversas vozes em sua cabeça. (...) Quando a alma estava sem máculas, como na aurora, ele era capaz de entender a linguagem da areia. Aos vinte anos, conhecia os caminhos secretos entre as fendas dos penhascos e conseguia ler charadas nas dunas em movimento. Analisava cada nuvem de poeira pela manhã e ao anoitecer, lia mensagens da lua em todas as suas fases e era capaz de reconhecer a voz de cada uma das estrelas.

(Bahiyiyih Nakhjavani)

A cartografia de lugares de Tibau é uma linguagem de símbolos significados pela vivência das pessoas que se conectam historicamente com Tibau, com a Terra, com os espaços compartilhados entre sua sociedade. São referências dos lugares que foram sentidos pelo corpo em presença. Corpo em espaço e tempo, uma fenomenologia do ser situado. Os lugares que estão presentes na fala, do discurso, na memória, no sentimento das pessoas que os viveram e também que ouviram falar dos relatos divididos como ancestralidade que deram sentido de vila, de morada a Tibau.

Antes de ser um município, uma cidade, um lugar procurado para vilegiatura, para o lazer, era um pequeno assentamento, uma vila, que fundou uma sociedade. As características do lugar, como a disponibilidade de água, o encontro do mar com o continente, os morros que acolheram as moradas fazem parte da construção de vida das pessoas que ali decidiram estar.

A cartografia de lugares de Tibau faz parte da intersubjetividade das pessoas. Pode ser um instrumento político de registro de espaços simbólicos que são importantes para parte dos tibauenses. Pode ser um documento cultural e histórico considerado no estudo e aplicação de políticas públicas que contemple o sentimento e as vivências das pessoas de Tibau.

Os lugares referenciados na cartografia de lugares indicam 8 espaços simbólicos que constroem a narrativa e imaginário que representa Tibau. Tibau para quem é filhade Tibau. De quem passa o maior tempo da sua vida nesse espaço situado. No espaço das circunstâncias. As circunstâncias que caracterizam oito lugares sentidos e experienciados: o Brisa, o Centro de Artesanato Villa do Tibau, o Gancho, a Igreja de Santa Terezinha, os Morros de areia colorida, a Pedra do Chapéu, a Praia e a Vertente.

Os lugares que compõem essa cartografia foram mencionados durante as entrevistas. De 20 entrevistados: 18 pessoas mencionaram os Morros de Areia Colorida, 12 pessoas mencionaram a Pedra do Chapéu, 10 pessoas mencionaram a Praia, 9 pessoas mencionaram o Gancho, 8 pessoas mencionaram as Vertentes, 6 pessoas mencionaram o Brisa, 4 pessoas mencionaram a Igreja, e 4 pessoas mencionaram o Centro de Artesanato. Esses números significam a presença desses lugares na intersubjetividade, no compartilhamento, na vivência social dos tibauenses que falaram sobre Tibau durante as conversas no processo da pesquisa.

Os lugares são fenômenos da existência humana, na sua prática de ser, no seu

sentido de ser. Falar de lugares implica falar de um espaço no tempo, mas não apenas o tempo presente. O passado também faz parte dele. Muitas vezes o futuro também é um motivo de ter o lugar no discurso.

Os lugares têm suas próprias dimensões, características, facetas existenciais, o lugar é. Assumem um ser, personalidades. Assumem influências psíquicas no indivíduo, nos indivíduos. Assumem uma área de lugar.

Cada indivíduo possui suas próprias características existenciais que carregam consigo mapas marcados pela experiência de mundo. “Pessoas são museus humanos das marcas do mundo. Cartografias existenciais são formas de visitá-las. E descobrir coisas.” (CHAVEIRO, VASCONCELLOS, 2018, p. 28). A cartografia da vida visita elementos, nomenclaturas, lugares do ser, territórios e escalas no processo de troca sobre pertencimento e simbolismos da pessoa que compartilha suas experiências.

Como representação do espaço dentro de um contexto social e histórico, a cartografia registra um lugar por algum motivo. Um lugar que necessita de atenção, ou que precisa de uma leitura diferente sobre ele. Os lugares são dotados de simbologias que salientam memórias e identidades, coletivas e individuais.

A cartografia existencial é um mapa que exala a elaboração de uma vida. Perpassa pelos sentimentos topofílicos e topofóbicos de um lugar. Denota ideologias, fenômenos, sentimentos, angústias, paisagens. Podem capturar a emergência de narrativas pela permanência da existência de um lugar.

A partir da leitura de uma cartografia existencial, implica, no ato, um comprometimento com o mundo, com aquele espaço o qual toma conhecimento juntamente com a história que atíça discussões sobre problemáticas elencadas. É sempre um espaço de vida narrado por quem o vive, ou já viveu. Não se resume a cartografia de algo, mas a cartografia com alguém, que tem relações pessoais com um lugar (ALVAREZ; PASSOS, 2014). A existência impregnada na cartografia marca situações, ambientes de conflito, espaços de sensibilidade atravessados no tempo e acontecimentos da vida. É um modo de acolhimento e de afirmação desses lugares.

O movimento “virada cartográfica” é um outro modo de fazer cartografia, que contemple diferentes formas de representar, inserindo processos participativos na produção dos mapas, que considere distintas relações de saberes e grupos sociais (SANTOS, 2012, *apud* MIRANDA; CHAVEIRO, 2018). Nesse sentido, emerge a discussão de cartografias existenciais para indicar mais uma possibilidade de estudos que ressalte o indivíduo nos espaços que possuem dinâmicas atravessadas.

Essas cartografias são influenciadas por diversos aspectos, e isso é que as tornam expressão espacial do viver. A sociedade inserida, o Estado, o modo de produção, a afetividade pelo lugar e pela paisagem e as diversas redes, atravessam as trajetórias dos sujeitos, formando fluxos e linhas imaginárias que revelam as marcas da experiência espacial (MIRANDA; CHAVEIRO, 2018, p.110)

A cartografia existencial explora sentidos e significados que busquem compreender sujeitos e seus espaços de vida, pois a singularidade de cada espaço admite fluxos e possibilidades que afetam grupos sociais ou indivíduos de uma sociedade (MIRANDA; CHAVEIRO, 2018).

Os lugares falados pelas pessoas entrevistadas nesta pesquisa fazem parte da história de vida lembrada pela memória, abarcando sentimentos, pessoas, contextos históricos, imaginação sob uma narrativa particular e que envolve informações geracionais. Os lugares são espaços simbólicos estratégicos para compreender a espacialidade existencial das pessoas onde vivem. “A memória dos lugares é seletivamente empregada para planejar os lugares de memória” (BERDOULAY, 2007, p.01 *apud* PAES, 2009, p.164)

A Cartografia de lugares, na Figura 27, representa os oito lugares mapeados em Tibau, referenciados no mapa com ícones redondos coloridos.

O Brisa está destacado no mapa com o ícone redondo de cor branca. É um restaurante particular, localizado na Rua do Tubarão, nº 35, também conhecida como Rua do Brisa, que marca uma centralidade.

O Centro de Artesanato Villa do Tibau está destacado no mapa com o ícone redondo de cor azul escuro. Funciona como um Centro de Artesanato para as artesãs locais e localiza-se na Rua 22 de Dezembro, sem número, próximo ao cemitério da cidade, Cemitério São Sebastião, que conecta à rodovia CE-261 em direção ao município de Icapuí.

O Gancho está destacado no mapa com o ícone redondo de cor azul claro. É um ponto de referência que liga várias ruas por meio de uma rotatória. É uma centralidade comercial na entrada da cidade. Fica localizado na Rua Governador Tarcísio Maia, que mantém acesso à Avenida Governador Vasconcelos Maia, em direção ao município de Mossoró.

A Igreja de Santa Terezinha está destacada no mapa com o ícone redondo de cor rosa. Localiza-se na Rua Maria Irismar Nolasco, nº 99.

Os Morros de areia colorida estão destacados no mapa com o ícone redondo de cor

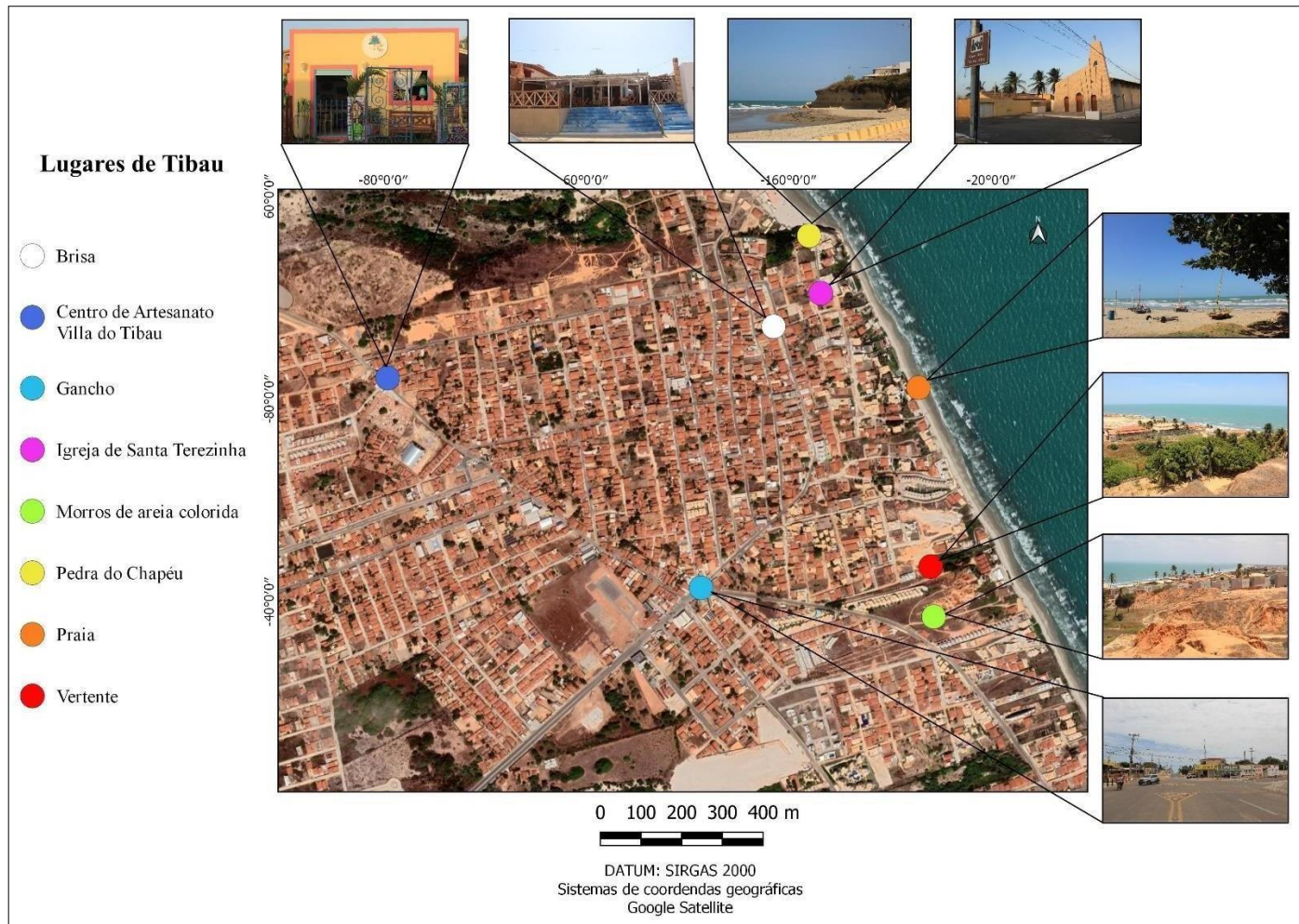
verde. Ficam localizados em um terreno privado, com acesso pela Avenida Angelina Clementino, ao lado do Condomínio Residencial Atlântis.

A Pedra do Chapéu está destacada no mapa com o ícone redondo de cor amarela. Fica localizada à beira-mar, na chamada Praia do Ceará, próximo à divisa entre os estados Rio Grande do Norte e Ceará.

A Praia está destacada no mapa com o ícone redondo de cor laranja. Compreende a extensão de praia de Tibau, a área de encontro do mar com o continente. As praias de Tibau são: Praia do Ceará, Praia das Emannelas, e Praia de Gado Bravo.

A Vertente está destacada no mapa com o ícone redondo de cor vermelho. Está localizada em terrenos privados, próximo aos Morros de areia colorida.

Figura 27 - Cartografia de Lugares de Tibau



Fonte: Acervo da autora (2023).

3.1.1. Brisa

O Brisa, hoje em dia nomeado como Brisa Del Mar, era um clube onde aconteciam festas com música, dança, bebidas e aperitivos. É um estabelecimento que funciona há muitas décadas em um antigo prédio, que marca um local tradicional das origens da ocupação de Tibau como vila. Representa uma centralidade, sendo uma referência crucial para se localizar na cidade, que apelida a rua em sua homenagem, chamando carinhosamente a Rua do Tubarão de “Rua do Brisa”.

Figura 28 - Brisa



Fonte: Acervo da autora (2023).

Simboliza um imaginário de gerações passadas, tibuenses e pessoas de outros lugares, que frequentavam uma região histórica da cidade, dos primeiros eventos culturais de Tibau. Hoje a Rua do Brisa se situa na área que está sofrendo o processo de gentrificação na cidade. As propriedades antigas estão sofrendo especulação imobiliária, muitos se transformam em bares, restaurantes, pousadas, lojas ou escritórios. É um processo de ressignificação do espaço com novos empreendimentos, modernizados. O nome do local é inspirado na geografia do lugar, remetendo à brisa do mar, uma característica marcante dos lugares praianos.

“O brisa era um clube de uma família aqui de Tibau, eles tinham um espaçozinho lá de festa. Tinha o espaço de festa, tinha discoteca do Brisa. E lá na frente se reunia a galera pra fazer a festa mesmo. Tinha gente quetinha som grande, aí ligava o som e reunia ali” (Ent04)

“É, era um bar. Tibau todinha, todo mundo ia pralí. Era o divertimento que a tinha em Tibau, em antigamente. Tinha discoteca. Mudou tudo por causado Arena” (Ent07)

De espaço da juventude nos tempos passados, hoje a rua do Brisa é um lugar de memórias que estabelece um ponto de referência importante na cidade. Já foi considerada a rua principal, onde havia os principais estabelecimentos comerciais e que fica próximo à Igreja de Santa Terezinha, que marca a área onde deu início à ocupação da vila de Tibau.

A juventude marcava de se encontrar na disputada escadaria do Brisa, onde poderia sentar quem chegasse primeiro. Para entrar no clube, pagava um valor, onde poderia desfrutar de música ao vivo ou discotecagem. Tocava-se forró, reggae, samba, MPB, músicas populares que tocavam nas rádios do Nordeste.

“Antigamente, na minha época, era tudo na rua do Brisa. Era o auge! Tanto no verão, quanto sem verão. Eu digo que é o lugar de encontrar as amigas” (Ent09)

“É desse jeito que eu tou dizendo, tinha as festinhas, de São João, tinha a de Santa Terezinha, tinha os forró que fazia. Acontecia alí no centro, em frente ao Brisa. Aí depois vieram fazer aqui perto da minha casa” (Ent18)

“Tem o Brisa também, que tem vários restaurantes. Ali antigamente tinha muita festa de carnaval, essas coisas. Mas antigamente mesmo, aquele setor, era tudo lá” (Ent06)

O Brisa era o ponto de encontro, a partir dele poderia ir para outros clubes e bares que tinham naquela rua. Muitos jovens de lá iam para a praia, ou vinham da praia, se juntavam com aparelhos de som ou sem, e faziam a festa como podiam. O encontro era para beber, comer, ouvir música, dançar, rever amigos e conhecer pessoas novas. Como atrações vinham bandas e cantores locais ou de cidades vizinhas. Com outros espaços de casas de show na cidade, como o Arena, o Álibi, o Hotel Dunas, que têm estrutura mais ampla e trazem grandes atrações, o público foi sendo dividido e outros costumes e pontos de encontro foram se estabelecendo.

Figura 29 - Rua do Brisa



Fonte: Acervo da autora (2023).

“Agora que o Brisa reativou, mas nem as pessoas daqui têm o hábito mais, e nem as pessoas de fora, de ir resgatar, principalmente as pessoas que sempre frequentaram Tibau desde a infância, de ir resgatar a história de Tibau” (Ent09)

Em 2022 o Brisa foi reinaugurado como restaurante, com o slogan “suas memórias contam nossa história”, depois de um período desativado, através do projeto “Meu amor passou por aqui”, idealizado por um empresário e *digital influencer* da região. O projeto prevê reestruturar alguns espaços que têm histórias e identidade para o povo do lugar. O Brisa é um ponto turístico de Tibau, um ponto de referência de lazer e cultura, que é divulgado atualmente como fortalecimento do patrimônio gastronômico e cultural do município, e tenta resgatar a tradição de convivência nas escadarias. A rua do Brisa continua famosa e visitada. Abriga também outros estabelecimentos turísticos, como o restaurante A Casa dos Ventos, onde acontece música ao vivo e tem um espaço ornamentado.

“É porque alí era como se fosse um corredor cultural, e como o desenvolvimento aqui dessa área cresce para esse tipo de comércio, alí ficou mais tradicional, e aqui mais pros jovens” (Ent04)

Figura 30 – Empreendimentos na Rua do Brisa



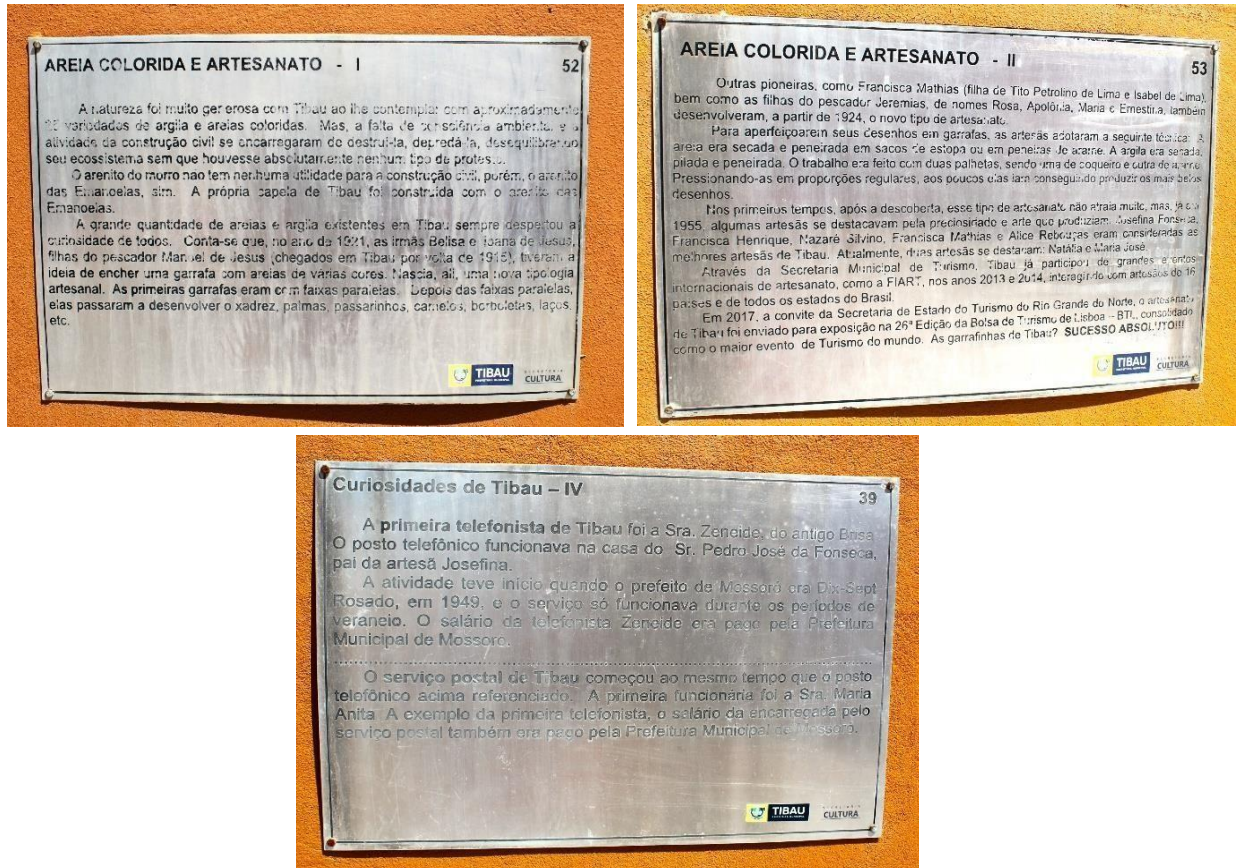
Fonte: Acervo da autora (2023).

Por ser um lugar de encontro e lembranças, a escadaria do Brisa é um espaço que faz parte da história e identidade do povo tibauense, marcando uma das primeiras centralidades e festividades. É um local de divertimento para o povo do lugar, que proporciona diversão e que desperta as memórias coletivas.

“Tem uma colega minha, depois que o Brisa reformou, que ela diz ‘mulher, vamos voltar pra calçada do Brisa, vamos chamar as meninas do tempo da

escola pra sentar lá na escada'. E eu digo 'vamos, mulher', mas a gente nunca consegue ir. Mas é isso, eu acho que todo mundo daqui sente essa falta, porque os melhores carnavais, as melhores festas sempre acontecem ali, na calçada do Brisa” (Ent05)

Figura 31 - Placas fixadas no Brisa



Fonte: Acervo da autora (2023).

As placas são evidências de que esse lugar tem importância histórica para a cidade. Elas verbalizam essa importância, contam histórias e curiosidades da identidade do lugar, não deixando que seja esquecido. A primeira placa, da Figura 31, na parte superior à esquerda, “Areia colorida e artesanato – I”, apresenta o seguinte texto:

A natureza foi muito generosa com Tibau ao lhe contemplar com aproximadamente 25 variedades de argila e areias coloridas. Mas, a falta de consciência ambiental e a atividade de construção civil se encarregaram de destruí-la, depredá-la, desequilibrando seu ecossistema sem que houvesse absolutamente nenhum tipo de protesto.

O arenito do morro não tem nenhuma utilidade para construção civil, porém, o arenito das Emanoelas, sim. A própria capela de Tibau foi construída com o arenito das Emanoelas.

A grande quantidade de areais e argila existentes em Tibau sempre despertou a curiosidade de todos. Conta-se que, no ano de 1921, as irmãs Belisa e Joana e Jesus, filhas do pescador Manuel de Jesus (chegados em Tibau por volta de 1915), tiveram a ideia de encher uma garrafa com areias de várias cores. Nasceu, ali, uma nova tipologia artesanal. As primeiras garrafas eram com faixas paralelas. Depois das faixas paralelas, elas passaram a desenvolver o xadrez, palmas, passarinhos, camelos, borboletas, laços etc.

Em uma leitura mais criteriosa das placas, é possível perceber que os textos evidenciam um discurso que tenta incorporar um tom de denúncia. Cumpre frisar que, nessa tentativa, ocorre, de forma subliminar, uma responsabilização de falta de protestos pela população, sem citar os verdadeiros causadores dos danos ambientais. O texto dá um caráter impessoal aos atores da degradação, dando o nome de “falta consciência ambiental” e “atividades de construção civil”, desconsiderando a desigualdade das classes social e suas relações de poder.

A placa da Figura 31, na parte superior à direita “Areia Colorida e Artesanato – II” apresenta o seguinte texto:

Outras pioneiras, como Francisca Mathias (filha de Tito Petrolino de Lima e Isabel de Lima), bem como as filhas do pescador Jeremias, de nomes Rosa, Apolônia, Maria e Ernestina, também desenvolveram, a partir de 1924, o novo tipo de artesanato.

Para aperfeiçoarem seus desenhos em garrafas, as artesãs adotaram a seguinte técnica: a areia era secada e peneirada em sacos de estopa ou em peneiras de arame. A argila era secada, pilada e peneirada. O trabalho era feito com duas palhetas, sendo uma de coqueiro e outra de arame. Pressionando-as em proporções regulares, aos poucos elas iam conseguindo produzir os mais belos desenhos.

Nos primeiros tempos, após a descoberta, esse tipo de artesanato não atraía muito, mas já em 1955, algumas artesãs se destacavam pela preciosidade e arte que produziam. Josefina Fonseca, Francisca Henrique, Nazaré Silvino, Francisca Mathias e Alice Rebouças era consideradas as melhores artesãs de Tibau. Atualmente, duas artesãs se destacam: Natália e Maria José.

Através da Secretaria Municipal de Turismo, Tibau já participou de grandes eventos internacionais de artesanato, como FIART, nos anos de 2013 e 2014, interagindo com artesãos de 16 países e de todos os estados do Brasil. Em 2017, a convite da Secretaria de Estado do Turismo do Rio Grande do Norte, o artesanato de Tibau foi enviado para exposição na 26ª Edição da Bolsa de Turismo de Lisboa – BTL, consolidado como o maior evento de Turismo do mundo. As garrafinhas de Tibau? SUCESSO ABSOLUTO!!!

As placas geram duas indagações: a primeira refere-se a sua localização. Por que as placas estão localizadas no Brisa e não no Centro de Artesanato, que é o local de comercialização dos artesanatos locais, incluindo as garrafas de areia colorida? E a segunda indagação diz respeito ao seguinte trecho: “nos primeiros tempos, após a descoberta, esse tipo de artesanato não atraía muito”, seguido da ênfase no preciosismo de apenas algumas artesãs. Tais afirmações podem sugerir a invisibilização das artesãs pioneiras, não as reconhecendo como grupos identitários locais. Chama atenção o fato de apenas algumas delas terem os sobrenomes citados.

A placa da Figura 31, na parte inferior ao centro, apresenta o seguinte texto:

A primeira telefonista de Tibau foi a Sra. Zeneide, do antigo Brisa. O posto telefônico funcionava na casa do Sr. Pedro José da Fonseca, pai da artesã Josefina.

A atividade teve início quando o prefeito de Mossoró era, Dix-Sept Rosado, em 1949, e o serviço só funcionava durante os períodos de veraneio. O salário da telefonista Zeneide era pago pela Prefeitura Municipal de Mossoró.

O serviço postal de Tibau começou ao mesmo tempo que o posto telefônico acima referenciado. A primeira funcionária foi a Sra. Maria Anita. A exemplo da primeira telefonista, o salário da encarregada pelo serviço postal também era pago pela Prefeitura Municipal de Mossoró.

A terceira placa, única a mencionar o Brisa, apresenta fatos históricos da cidade, como a primeira telefonista e o vínculo entre os municípios Tibau e Mossoró, com registros históricos dos impactos da vilegiatura no ano de 1949, quando o serviço telefônico da cidade fora implantado pelo então prefeito de Mossoró. Os serviços funcionavam somente no período de veraneio, quando o referido prefeito usufruía da vilegiatura marítima em Tibau, até responsabilizando-se pelo salário da telefonista.

Pelas próprias narrativas das pessoas entrevistadas, a Rua do Brisa tem potencial para um Corredor Cultural que funcionaria como um espaço turístico e que poderia ser oficializado, com o incremento de placas de sinalização, estrutura e apoio para o turista, como ter a presença de guias e programações que destaquem a importância dessa referência para a cultura de Tibau. A própria utilização do termo “Corredor Cultural” pela entrevistada Ent04, é mais uma influência de Mossoró sobre Tibau, pois essa nomenclatura deriva do espaço cultural mossoroense, que abriga um complexo de prédios destinados a atividades culturais e turísticas.

3.1.2. Centro de Artesanato Villa do Tibau

O Centro de Artesanato Villa do Tibau é um espaço antigo, que funcionava como a Associação de Artesãs há algumas décadas, mas que, com o tempo e mudança de geração, deixou de ser um espaço vivido e foi precisando de reparos em sua estrutura física. Isso impossibilitou, por alguns anos, a realização de atividades que aconteciam no local. A Figura 32 mostra o prédio antes da revitalização para se tornar Villa do Tibau.

Figura 32 - Centro de Artesanato antes da reforma



Fonte: Blog Christiane Alves (s.d.). Acesso: <https://blogdachris.com.br/christian-promove-valorizacao-do-artesanato-de-tibau/> Acessado em: 20 de maio de 2023.

Em 2022 a Associação de Artesãs foi reativada como Centro de Artesanato, o que possibilitou o reestabelecimento da rede entre as artesãs tibauenses. A arte de Tibau, que possui destaque no cenário potiguar, pôde ser contemplada e exposta para o público em geral a partir da volta do funcionamento de um local destinado ao artesanato.

Villa do Tibau passou a ser um lugar de visitação turística, o espaço ganhou o status de referência pela sua estrutura que chama aten o e se destaca pela cor amarela, sendo uma presença notada na cidade. Exibe e comercializa diversos artesanatos que tem como proposta valorizar artistas locais e artes que ressaltam a beleza praiana, destacando a maritimidade e a identidade de Tibau, seja nas garrafas de areia colorida, nas pinturas em tela, na renda de bilro ou nas esculturas feitas de p  de conchas.

“A ideia daqui foi muito engraçado. Esse prédio já existia há muitos anos, foi uma associa o de artesã, elas fabricavam rede, labirinto, e eu sempre via, que como sempre nasci e me criei aqui, sempre vi isso aqui. Eu caminhava por aqui, passava em frente todo dia e via esse prédio abandonado. Quando foi um dia, eu pensei “meu deus do céu, como fica um prédio abandonado, ninguém faz nada” (Ent09)

Essa fala resgata a importância da apropria o identitária dos espaços, que constitui a geograficidade do ser que está no mundo e se reconhece como agente transformador de lugares. O prédio como Associa o de Artesãs funcionava para atividades de feitura dos artesanatos e também atividades culturais, que arrecadavam fundos e movimentavam a vila. Com o passar do tempo, o prédio ficou sem atividades e foi retomado também pelo projeto “Meu amor passou por aqui”.

“Quando foi um dia, conversei com as artesãs mais velhas daqui, e perguntei ‘por que vocês não reabrem aqui?’ Porque a ideia dela e de todo mundo que é daqui ou de fora é abrir uma coisa na entrada da cidade, qualquer comércio tem que ser na entrada da cidade. ‘Não, porque ali não dá certo, é distante, a gente queria abrir uma barraca no gancho’. Aí eu disse ‘olhe, vocês tem que acabar com isso, hoje em dia a internet anda o mundo todinho, as pessoas têm carro, então as pessoas podem ir pra lá’ (Ent09)

A fala da entrevistada Ent09 enfatiza que o processo de lugar pode ser elaborado numa dinâmica contra hegemônica, em que os espaços simbólicos não precisam ser centralizados apenas em um polo. A descentralização também reflete que, com a distribuição dos lugares simbólicos pela cidade, a ocupação identitária dos moradores de Tibau pode ser visualizada e sentida em espaços distintos, ampliando os significados de sua geograficidade por vários espaços.

“A ideia é o seguinte: a gente fazer reforma e fazer um centro de artesanato, uma lojinha pra botar o produto de vocês pra vender e a gente divulga na internet, divulga nos hotéis e as pessoas ficam conhecendo’. Aí ela toparam. Fácil não é, dá trabalho, mas não é impossível, é só correr atrás que as coisas acontecem. Aí a gente foi devagarzinho, fizemos a limpeza do terreno, começamos a chamar um, chamar outro, e a gente fez. Vendemos rifa, umas não acreditavam, porque a ideia de associação aqui em Tibau é a pessoa pega a associação e fica lá fechado” (Ent09)

“Aí pronto, você tem um visão que quer e fica impedido, de mão atada porque aquilo não desenvolve. A gente do artesanato, quanto anos a gente num faz artesanato em Tibau?! Mas cadê? a gente não tinha aquele incentivo de dizer ‘taqui um espaço pra vocês’, não tinha. Temos agora por que resgatamos essa associação de artesanato novamente, táí” (Ent11)

Os relatos das entrevistadas Ent09 e Ent11 indicam a ressignificação do entendimento sobre a construção dos espaços, aproximando-se da ideia de uma ação coletiva que representa o protagonismo de um grupo identitário tibauense: as artesãs.

Figura 33 - Centro de Artesanato Villa do Tibau



Fonte: Acervo da autora (2023).

“O centro de artesanato estava morto há mais de 20 anos. Eu era menina quando a areia colorida de Tibau já existia, e vou fazer 50 anos. A gente não vive disso aqui. Essa semana fez um mês de abertura, e em Tibau, esses anos tudinho de emancipação e hoje temos um centro de artesanato” (Ent14)

“Em frente ao cemitério daqui construíram tipo como se fosse um casinha, o centro de artesanato” (Ent06)

“E eu trabalhava numa empresa que prestava serviço à eólica, e os meninos da época sempre perguntavam ‘onde eu posso comprar um artesanato, uma lembrança de Tibau?’ Eu sabia quem fazia, mas às vezes é complicado pra você bater na porta de alguém, as vezes não tem ponto, né. E eu comecei a ver que, se você viajar, Tibau era a única cidade que não tinha. Além de não ter na cidade, as artesãs não faziam porque não tinha onde botar” (Ent09)

A geograficidade do lugar, do ser que se conecta com sua geografia de vida, exprime nas artes a maritimidade que contempla as vivências cotidianas da vida praiana. Arte com as conchas colhidas na praia, com as rendas que recordam a conexão com os antepassados, com as múltiplas cores encontradas no desnude do solo natal, contemplam além de uma atividade laboral, também a história de pessoas que fundaram, a partir de uma vila de pescadores, uma sociedade que se expressa a partir do seu lugar. Com a matéria e a inspiração alcançada através do seu lugar.

Figura 34 - Espaços do Centro de Artesanato



Fonte: Acervo da autora (2022).

O Centro de Artesanato é um espaço que expõe arte em todos os lugares, em todos os cantos e paredes. Expondo a arte de artesãos e artesãs de Tibau, mas também de municípios vizinhos, como Tibau, Icapuí, Grossos, Porto do Mangue, Mossoró, consegue exprimir um imaginário do povo local que se relaciona com a arte através do mar e com o mar através da arte. As obras abarcam a essência nordestina que dialoga em uma linguagem que vai além do potiguar, pois regionalmente as comunidades litorâneas do

Nordeste, possuem aspectos que comunicam semelhanças da vivência, principalmente a cultura sertaneja nordestina.

“Quando minha cabeça não tá boa, eu me sento e às vezes viro a noite fazendo, relaxa a mente, fico pensando na criatividade. Essa daqui parece um papel de parede, com rosinhas amarelas. Eu tava tão estressada, eu sentei e comecei a fazer. Essa aqui é com areia das dunas, aí tem o perigo de desmanchar, mas o arisco, que é a areia que tem nas vertentes, ela fica bem durinha, parece um castelinho de areia. E um dos materiais que mais vendelá no centro são as garrafas de areia colorida” (Ent11)

A conexão com o lugar transparece com as habilidades e técnicas que compõem a autenticidade do artesanato. A consistência da areia ideal é a que se encontra no local, demonstrando o conhecimento sobre as características físicas das rochas e solos de Tibau. Também o relaxamento pela execução da técnica, que desperta a criatividade e medita a memória que compõe a arte de fazer. Acalma, consola e beneficia economicamente. Com o grande benefício de ter um lugar fixo para expor os artesanatos, o Centro de Artesanato ilustra a luta popular que proporcionou a geração de renda para diversas artesãs que necessitavam desse espaço.

Figura 35 - Artesanatos de Tibau



Fonte: Acervo da autora (2022).

“Quando abriu o Villa do Tibau, eu dei uma entrevista, é tudo inovação, e falei pro povo lá de casa ‘gente, digai, agora vou comprar minhas coisas com meu artesanato, com meu trabalho, realmente tá de vento em popa’. Não que eu não compre, sempre trabalhei. Trabalhava com uma senhora Josefina, as pioneiras, Belisa, Aída, pessoas que já faleceram, e a areia colorida já existia.” (Ent11)

A rede de contato e o apoio da coletividade afirma a amizade, o vínculo e a conversa que constrói os laços afetivos compartilhados entre as pessoas envolvidas no processo de execução, exposição e venda dos artesanatos. E a ancestralidade está sempre envolvida na fala das artesãs, assentando um reconhecimento da memória de antepassados que firmaram a identidade da prática do artesanato e que fincaram Tibau no mapa, na história e na essência de seu povo.

O artesanato está presente na cultura de Tibau, tentando passar para as gerações adiante a significância desse legado. A Escola Estadual Rui Barbosa possui um memorial em forma de garrafa de areia colorida em homenagem à artesã Josefina Fonseca, uma conhecida artesã de Tibau, que repassou a técnica para várias outras mulheres que seguiram a tradição.

Figura 36 - Homenagem à Josefina Fonseca e garras de areia colorida



Fonte: Acervo da autora (2022).

Na Figura 36, ao lado esquerdo, apresenta homenagem a Josefina, que conta um pouco de sua história de vida e uma canção que costumava cantar, chamada de “Cantiga Saudosa”. Ao lado direito da Figura 36, há a arte de garras de areia colorida, que ilustra e resguarda em garrafas paisagens e cores de Tibau, realçando a geograficidade na arte local.

*Agora lembrei-me do belo Tibau
Aonde a noite meu peito vibrar
Areias mais belas de diversas cores
De tantos primores, não há outra igual
Areia mais preta e mais encarnada
Rouxinha e dourada, azul sem rival
Areia mais branca e mais amarela
E cor de canela, mais lindo coral
Às vezes à tardinha, quando estou mais forte,*

*Em cima dos morros me ponho a cantar
 Adeus, ó, Tibau, terra de mil cores
 Adeus, meus amores, vou para outro
 Adeus, ó praieira, que tanto escutava
 No som de milpinho, no belo luar
 Adeus, ó, praieira, distinta, isolada
 Que se desenhava na beira do mar
 (FONSECA, Josefina, Cantiga Saudosa. s.d.)*

3.1.3. Gancho

O Gancho é a principal rua de Tibau, a Rua Governador Tarcísio Maia, pois une os principais caminhos, das estradas que conectam a Mossoró, pela Avenida Governador Vasconcelos Maia; ao Ceará pelo município de Icapuí, pela Rua 22 de Dezembro, e às suas próprias praias, pela Avenida Angelina Clementino e Rua Raimundo Sérgio Filho, que seguem em direção à Rodovia Dehon Caenga, conectando ao município potiguar de Grossos.

Figura 37 - O Gancho



Fonte: Acervo da autora (2023).

A partir do Gancho, também se chega facilmente às demais ruas de Tibau, que se ligam a ele de forma convergente, e se continuar seguindo o gancho, chega à famosa Rua do Brisa, que é uma centralidade de lazer. O apelido Gancho é atribuído pela curvatura da rua em direção à Avenida Angelina Clementino, parecendo o formato de um gancho.

“Chama gancho porque faz assim (gesto em curva com as mãos), porque quando você vem de Mossoró, pra entrar pras Emaloelas, faz assim.” (Ent04)

Figura 38 - Diferentes ângulos do Gancho



Fonte: Acervo da autora (2023).

O Gancho é um lugar de memórias, onde as primeiras casas se instalaram, dando início à vila de pescadores. Eram casas de taipa, não tão perto umas das outras, mas que a partir delas, foram surgindo as ruas, e se estabelecendo comércios pequenos. As casas tinham quintais grandes para criação de animais, como galinhas, e para plantio de hortas e árvores frutíferas. Mas antes da ocupação humana, tudo era morro. Os morros vermelhos de Tibau eram a paisagem predominante no local, que hoje são vistas em poucos

lugares, onde ainda não prevalece residências, condomínios, comércio e estradas.

Figura 39 - Os morros da origem de Tibau e suas modificações



Fonte: Acervo da autora (2023).

“Isso daqui eu alcancei ali na entrada, num tem aquela panificadora Ferreira ali? Ali era morro” (Ent20)

“A casa do meu avô era na entrada de Tibau, aí tinha 2, 3 pessoas. Um tinha padariazinha, outro tinha uma merceariazinha e outra mulher que morava que também era de Tibau, que já faleceu, ela criava galinha, mas era tudo naquela região ali da frente, o resto era tudo morro” (Ent11)

No Gancho acontecem as maiores festas da cidade, que podem ser na rua ou em terrenos sem edificações, como as festas celebradas no espaço Arena, onde se monta a estrutura no local. Os eventos são organizados pela Prefeitura de Tibau, que houve a celebração do Dia das Mães, ou grandes *shows* de iniciativa privada, que convidam grandes atrações nacionais, prestigiadas, principalmente durante o veraneio, no início do ano. No veraneio, final de dezembro até fevereiro, o Gancho chega a ficar superlotado de veranistas, principalmente em dias que ocorrem festas.

“Lá no Gancho é meio apertado, mas todas as festas acontecem lá” (Ent06)

“O festival gastronômico aconteceu na entrada da cidade, onde é o Arena, é um terreno privado, que o pessoal aluga pra fazer festa lá, é um espaço muito bom” (Ent09)

“Como o gancho formou, um triangulo, um espaço sem edificação, quando vai fazer alguma festa, um palco, é melhor às vezes aqui no gancho do que lá na avenida nova, a Tereza Patrício, porque lá é um avenida larga, que tem duas mãos, mas aqui no gancho fica uma coisa mais aconchegante” (Ent04)

Figura 40 - Festa do Dia das Mães no Gancho



Fonte: Site do Jornal Mossoró Hoje (2022). Acesso em: <https://mossorohoje.com.br/noticias/41285-mais-de-100-premios-sao-sorteados-para-maes-de-tibau-durante-festa-realizada-pela-prefeitura> Acessado em: 20 de maio de 2023.

O Gancho é um espaço central da cidade onde encontram-se pousadas, restaurantes, postos de gasolina, lanchonetes, farmácias, mercados. É o lugar de desejo coletivo para se instalar empreendimentos, devido a sua visibilidade de ligação entre estradas. É interpretado como um ponto estratégico para o negócio prosperar. É também um lugar escolhido para ir à noite, em lanchonetes, onde os jovens se encontram.

“Tibau se repete muito à entrada da cidade, todo mundo quer botar um comércio na entrada da cidade. Todo mundo quer ir para o famoso Gancho, que é como todo mundo chama. É só na entrada da cidade, o resto da cidade o pessoal não quer, acabou essa tradição. Porque Tibau vai acabando as tradições, não vai permanecendo” (Ent09)

“Tudo acontece lá no gancho ou lá no Brisa” (Ent05)

“Evento que tem aqui é no Arena ou na entrada de Tibau, que a gente chama Gancho” (Ent10)

Em 2023 foi inaugurado o primeiro *shopping*, ou centro comercial de Tibau, localizado no Gancho. O Brisa Mall é um marco do desenvolvimento econômico da cidade, que gera especulação imobiliária na área, aumentando o valor dos terrenos e valorizando economicamente o comércio em volta. O *shopping* também afeta um padrão estético, que cobra uma elitização dos empreendimentos vizinhos, que faz parte do processo de gentrificação. Pode ser interpretado como um fenômeno social, principalmente para a juventude que buscava um espaço de lazer e encontro.

Figura 41 - Brisa Mall

Fonte: Acervo da autora (2023).

O Gancho é um espaço que marca a história de Tibau desde os tempos em que os morros foram sendo degradados para construir as primeiras casas que assentavam o lugar em vila. Anteriormente abrigava casas de moradores locais e valorização econômica, a partir da construção de prédios comerciais, modificou a estrutura de uma vila que passou a ser município e que, atualmente, abriga os contornos urbanos de uma cidade turística.

3.1.4. Igreja de Santa Terezinha

A Igreja de Santa Terezinha foi construída pelos tibauenses religiosos com as pedras extraídas da Praia das Emannelas que foi a base da estrutura de sua construção. Teve a primeira missa celebrada em 1925, pelo padre Manoel Barreto. Os comerciantes mossoroenses que praticavam vilegiatura em Tibau queriam que a igreja fosse nomeada Nossa Senhora da Conceição para ser padroeira da cidade, porém os tibauenses nomearam de Santa Terezinha, que hoje é a padroeira de Tibau, celebrada no mês de outubro com uma grande festa e procissão pela cidade, chamada a Chuva de Rosas.

“Uma coisa que eu acho que atrai muito o turismo de Tibau, que esse ano teve, e não tava tendo por causa da pandemia, é a festa de Santa Terezinha, que todo ano tem um trio” (Ent05)

A igreja é um espaço simbólico e sua espacialidade não se limita apenas ao seu lugar físico, visto que a igreja alcança outros espaços da cidade a partir dos festejos de celebração da padroeira. As procissões da Chuva de Rosas, percorre a cidade, alcançando os moradores de Tibau em seus espaços de vida e levando sua presença às ruas.

“Antes rodava toda a Tereza Patrício, do começo até o fim. Depois voltava pra igreja, muita gente cantando, e não era só música normais, cristãs, também tinha brincadeira pra criança, tinha santa Terezinha pequena jogando flores no povo. Era muito legal a Chuva de Rosas” (Ent05)

A religiosidade envolve uma ligação cultural da sociedade com o que ela busca em essência de vida, tentando encontrar significados de sua existência no mundo. A construção da igreja foi um marco importante na vila de Tibau, pois foi uma manifestação de sua crença cultural que ressaltou o sentido de coletividade no ato de a sociedade construir seu próprio lugar de realização de práticas sagradas.

Figura 42 - Igreja de Santa Terezinha



Fonte: Acervo da autora (2023).

“Quando eu tinha meus 7 anos de idade, Tibau começou uma ruazinha lá na igreja. Depois a segunda rua, que hoje é a Tubarão. Em 74 Tibau veio ter a terceira rua que é a Rua Pirambu” (Ent20)

O lugar como um espaço simbólico destaca referências que contém memórias constituintes de sua história. A Igreja de Santa Terezinha abriga vivências religiosas, mas também reporta à história de Tibau, que atribui à igreja um símbolo da cidade, pois

sua edificação faz parte das narrativas de vida de seus moradores. É um elo de proteção espiritual e vínculo com o sagrado, também se refere a uma área onde havia algumas das primeiras residências da vila de Tibau e casas de viliatistas, o que justifica a sua localização.

“Eu passava só eu e Deus, passava em frente a essa casa de Santa Terezinha, com três animais e um saco de cauvão. Meu pai falava ‘meu fi, vá com Deus, que Deus lhe acompanhe, que não acontece nada’. Eu ia e ninguém mexia comigo” (Ent18)

A Igreja de Santa Terezinha destaca-se por abrigar momentos de vida coletiva, a partir de seus festejos anuais. São realizados, além dos rituais religiosos, o concurso de “A mais bela voz” da cidade, jantares coletivos, procissões e atividades em grupo que manifestam ciclos do tempo social, que Claval (2001) afirma ser importante na construção de pertencimento ao lugar e à sociedade em que se vive.

“Hoje o que é mais cultural que tem é a festa de Santa Terezinha, o mais bela voz. A capela é um lugar muito emblemático! E a praça que tem em frente. E nem é praça, que tem a festa lá” (Ent02)

Em frente à igreja fica a praça Ildérica Cantídio, que enquadra uma área de convivência. A praça, em tempos passados, fora frequentada, quando a área próxima à igreja ainda era ocupada por moradores, mas que foi perdendo seu sentido conforme as pessoas foram se mudando para outras centralidades que os novos bairros fundaram.

Figura 43 - Praça da Igreja



Fonte: Acervo da autora (2023).

O afastamento do mundo vivido das ruas próximas à igreja foi produzindo um espaço esquecido, abandonado. O fenômeno da gentrificação se manifesta na depreciação e desvalorização do espaço até que se os papéis se invertam economicamente, e o que foi desprezado venha a ser estimado. É um ciclo de financeirização dos lugares, que institui um novo padrão de desejo social, a partir de espaços antigos, transformados em estruturas modernas, que causam interesse e faturamento não só de lugares específicos, mas de áreas. Uma boa parte da população tiabuense compreende a inexistência de cotidiano nesse espaço próximo à igreja, interpretando a praça como um lugar que perdeu seu significado de encontro. Porém, na manifestação do fenômeno gentrificador, alguns lugares começam a incorporar a estética da moda, e a área passa por uma reformulação de seus sentidos e significados.

Figura 44 - Mudanças dos arredores da Igreja



Fonte: Acervo da autora (2023).

A Igreja de Santa Terezinha tem o significado de um lugar de referência, que abrange uma área que aguça memórias e sentidos do que é a vivência cotidiana na sociedade tibauense. Como a gentrificação é um processo que está em sua fase inicial,

os impactos e efeitos dessas transformações espaciais na população são discussões paraserem observadas com o passar do tempo, em diálogo com as pessoas.

3.1.5. Vertente

*Praia de Tibau, que legal! Pingo de água doce,
que colosso! Areia colorida, que vida!”*

(Bartô Galeno)

No enredo da história de um lugar, um espaço escolhido para repouso da vida humana, a relação entre as pessoas e o espaço em questão se baseia num processo de identificação, onde há um sentido topofílico que permite o aconchego. Há um entendimento de permissividade entre o ser e o espaço. O ser se permite confiar naquele espaço e o espaço permite, em alguma instância, o abrigo do ser.

A vila de Tibau se origina do contato humano com a Terra e, principalmente, do vínculo social com a água, doce e salgada. Como condição básica da vida, a disponibilidade de água doce é uma característica essencial para a manutenção de uma sociedade num lugar.

Em Tibau, as vertentes ou os chamados ‘pingas de água doce’, são afloramentos de água doce que jorravam por entre as falésias próximas à beira-mar. Ao visitar os morros de areia colorida, é possível ver os rastros das passagens de água, que formam processos erosivos evoluindo para ravinas e voçorocas, como pode ser visualizado na Figura 45 abaixo.

Figura 45 - Morros da Vertente



Fonte: Acervo da autora (2022).

As vertentes fazem parte da construção social dos tibauenses. Suas águas saciavam a sede das pessoas, banhavam os corpos, estavam presentes no preparo das comidas, nas lavagens de roupas. Toda manhã, cedinho, os moradores de Tibau iam coletar água nas vertentes, onde se encontravam com seus vizinhos e amigos. Levavam as crianças para ajudar na atividade e para aprender sobre o modo de vida do lugar.

“Era uma coisa que todo mundo podia dizer assim, ‘home, vamo lá pras vertente’, porque lá tinha o que você olhar, o que você admirar, tinha. A história de Tibau começava de lá” (Ent11)

“Minha tia, a irmã de mamãe, ela lavava roupa de ganho nas vertentes, que era as nascentes de água natural, que chamavam das vertentes. Aí tinha aquilo, a água bem limpinha, o povo tomava banho... Pois é, minha amiga, tinha as vertentes de águas naturais!” (Ent03)

Lavar roupa nas vertentes era uma atividade de sustento de muitas famílias. Na divisão social do trabalho, os homens iam para o mar pescar e as mulheres tinham atividades como coleta de mariscos, trabalho doméstico, artesanatos ou lavar roupa de ganho. Um trabalho realizado por mulheres, nomeadas de lavadeiras, com técnicas e habilidade específicas na lavagem, geralmente, em grupo e entoando cantigas.

Lavar roupa de ganho: é assim que, no interior do Rio Grande do Norte, nomeia-se o trabalho de lavar roupas em troca de pagamento. Próximo à primeira casa em que morei, existia uma lavanderia comunitária onde mulheres se reuniam para realizar seu ofício de lavadeiras. Lembro delas fazendo movimentos ritmados, rápidos e bonitos com as mãos. (BEZERRA, 2023, p. 5)

Havia uma vertente principal, que ficava no Labirinto, um ponto de morro de areia coloria onde o local foi escavado pela água da vertente e sua topografia seassemelha a um labirinto. A vilegiatura, que é predominante nas áreas à beira-mar, firmou diversos condomínios, casas de praia e pousadas em cima dos morros, privatizando o lugar e o acesso à água das vertentes.

“Tem um condomínio, que lá, eles não compram água, a água é limpa total, da boa mesmo porque eles construíram em cima das vertentes, água maravilhosa! Minha tia lavava roupa, o povo pegava água pra beber, super natural. Cada uma tinha seu poço, sua nascente, lavava roupa na sua nascente, pegava pra tomar banho, levar pra casa, levava as crianças” (Ent03)

“Ele conta das vertentes, que antigamente o povo tirava água das vertentes, pra beber, onde hoje fica um condomínio. Era a riqueza de Tibau, a água de Tibau, a água cristalina. Ia buscar água nos baldinhos, botava pros mossoroense, vendia a água cristalina nos baldinhos. Foi uma história queta se acabando, porque as pessoas não contam mais. Eu me lembro que Milton Guedes, ele fez 2 livros, e um dos livros conta a história de Tibau, que conta a história das vertentes. E ali, antes de ser Tibau, quando era de Grossos, já tinha dono” (Ent10)

“Ponto turista podia ter, se as prefeituras passadas não tivesse deixado os empresários fazer casa, tomar os terrenos de lá. Era o canto das vertentes, quando antigamente não existia poço em Tibau, a água que o pessoal bebia era das vertentes. Todo mundo bebia, o povo de Mossoró quando vinha, queria ir lá beber água da vertente. E a água era boa, era cristalina, chega era azulzinha a água. E hoje ninguém entra, porque os empresários fizeram casa e cercaram” (Ent11)

Os condomínios, pousadas e casas de praia são o aspecto dominante da paisagem onde se localiza a vertente. Um lugar de vitalidade e identidade, que supria necessidades básicas humanas, como beber água e banhar-se, era também um lugar de convívio e rotina social. Com o passar do tempo, quanto mais Tibau ia sendo frequentada por vilegiaturistas, seus espaços existenciais foram sendo assolados por meio da vilegiatura marítima que, motivados pela ânsia de ter o mar como a paisagem da janela das suas casas de praia, individualizaram o uso da água da vertente, privando os tibauenses de permanecer exercendo sua identidade, sustento e lazer.

Figura 46 - Vilegiatura marítima sobre a vertente



Fonte: Acervo da autora (2023).

“Ali é descendo água direto, direto. Mas o que? Tem casa em cima.” (Ent12)

“Quando eu era criança a gente lavava roupa lá, tem vários pontos com olhos de água doce, tem uma casa lá de um povo de Mossoró, que morava aqui. Se apossou de vários pontos lá, comprou, fez negócio. Quer dizer, pessoas de Tibau que era pra fazer posse disso, não fez. Aí ele deixou uma herdeira só, que morava fora do país, aí ela vendeu, agora é um grande condomínio beira-mar. Meu genro trabalhou lá, ele disse que era cavando e as águas surgindo, foi luta. Aí fizeram lá um trabalho de engenheiro, que tiveram que

sugar a água pra fora pra poder fazer o muro. Tem gente que aproveitam a água pra piscina! Aí quer dizer, é tudo isso” (Ent14)

A água da vertente, por ser, atualmente, propriedade privada, abastece as casas e condomínios de vilegiatura, frequentadas em alguns meses durante o ano, ou é comercializada para os próprios tibauenses, que, por não terem mais acesso à fonte natural, precisa comprar a água por intermédio das pessoas estrangeiras ao lugar. Apesar de esses fenômenos atravessarem os sentidos topofílicos dos tibauenses, pois modificamos relações que as pessoas têm com seus espaços de vida cotidiana, Tibau continua sendo lugar de morada, identidade e dotada de valores sentimentais para muitos.

“Das águas da vertente a gente lavava roupa, trazia água pra beber. Lá nas Emanoelas tem o rio que vem e deságua na maré. Agora tem uma fonte de água lá, eles vendem, não sei se eles represaram ou se perfuraram” (Ent14)

“A gente que é filha de Tibau, às vezes nem dava muito valor, porque a gente sabia que era da gente. Ia muita gente de fora pra conhecer, a gente já conhecia. Tinha uma vertente muito bonita lá, nós tinha. Mas tudo foi derrubado pra fazerem casas. Mas Tibau toda a vida foi Tibau” (Ent15)

Para acessar o local da vertente, que é terreno particular, precisa passar por uma porteira, que dá acesso ao Labirinto e, durante o dia, fica aberta, pois o acesso a outros terrenos é feito pelo mesmo local. O lugar não tem o mesmo sentido de coletividade e de pertencimento aos nativos de Tibau, pois o acesso é dificultado e legalmente não é mais possível a coleta de água doce da vertente. Portanto, a nostalgia dos tempos vividos no lugar é a florada no discurso das pessoas, das memórias intersubjetivas, que narra sua própria história de vida e a história da vertente como personalidade de Tibau.

Figura 47 - Área de afloramento da vertente



Fonte: Acervo da autora (2023).

“As vertentes era um canto que era uma diversão pra gente, passava os dias na vertente porque era água pra consumo, pra beber, ia de 4h da manhã, porque quem tinha uma cacimba lá tinha que sair quatro horas da manhã, pra limpar a cacimba, tirar a água da noite e pegar a água pra levar pra casa. Lá a gente ia pras dunas, pra olhar a areia colorida, que tinha várias cores de areia, toda qualidade de areia” (Ent11)

“Eu ia pra lá buscar água, enchia d’água aquela cacimbinha e vinha simbora. A água era boa, escorria direto. Quando foi com o tempo acabou, ali onde tem condomínio, passaram em tudo um trator” (Ent18)

Algumas pessoas entrevistadas falaram sobre o quanto o lugar possuía belezas naturais, sua proximidade com o mar e com os morros de areia colorida reforçam o quão prazeroso é ser tibauense e o quanto as características identitárias que marcam sua cultura faz da vertente um ambiente nostálgico também para as pessoas que visitavam o lugar como turistas. Esse aspecto cultural provoca a ideia de fazer do lugar um ponto turístico, que asseguraria a permanência das memórias e poderia ser compartilhado com os visitantes de forma a proteger também os sentimentos de topofilia das pessoas que já viveram aquele lugar antes de ser modificado drasticamente pela vilegiatura.

“Elas colhiam água daquelas vertentes, que eram chamadas assim, que são as veias de água, extremamente doce e cristalina porque a própria terra filtrava essa água. Tinha essa questão da água, as mulheres iam lá lavar suas roupas. E é a identidade de Tibau, porque a cultura, o ambiente onde a família nasceu e as relações que desenvolveram para se manter economicamente nesse lugar,

tem raiz naquele lugar” (Ent04)

“Tinha uma área que tinha uma cascatazinha, diretamente das vertentes, que o pessoal ia tomar banho. Minha avó, minha mãe, tudo ia. Todo dia lá tinha gente, mas com os tempos, acabou-se. Eu acho que a coisa de Tibau era pra ser nas vertentes, a área preservada, pra todo mundo quando quisesse ir, os turistas vir de fora, ter o que olhar, tirar uma foto, fazer uma pracinha, um evento, dizer ‘vamo lá na vertente, conhecer a tradição de Tibau’. Mascabou-se as boniteza de Tibau. E cada dia fica mais pior” (Ent11)

A vertente é um lugar que expressa as condições de vida do povo que se nutre de sua terra. As características físicas do ambiente natural resguarda, em seu âmago, a possibilidade de significar a ocupação humana que se assenta no lugar por compreender seus comportamentos. A chegada de pessoas de fora, que não se preocuparam em entender as características comportamentais daqueles espaços, ocasionou na diminuição dos recursos naturais, que fragiliza o solo e extingue várias nascentes de vertentes. As atividades desenvolvidas nas vertentes estão correlacionadas com os morros de areia colorida, já que é o local em que as vertentes afloram. Os morros de areia colorida é o lugar mais mencionado nas falas das pessoas entrevistadas. Se entre 20 pessoas, 18 mencionaram os morros de areia colorida, significa que os morros representam a simbologia de um espaço vivido por várias pessoas, ou que faz parte da ancestralidade passada a cada geração. É um lugar que vive a partir do compartilhamento de memórias e, especialmente, que vive através da arte.

As garrafas de areia colorida são, além de um artesanato, um imaginário, que por meio da arte, passa adiante a ideia das especificidades que caracterizam Tibau. Um lugar onde pode ser extraído areia em 23 tons de cores diferentes e, com ela, criar paisagens e desenhos que eternizem os espaços e elementos que fazem parte do lugar. O sentido de lugar para o tibauense nativo, que cresceu no íntimo cenário dos morros de Tibau, carrega consigo o imaginário de uma terra colorida. Através do chão onde se pisa, é extraída a essência, o material físico e simbólico da arte que representa o lugar.

“O morro da vertente, onde tinha várias cores de areia colorida, só que as pessoas construíram, nossos ‘amigos’ vizinhos. Porque antes Tibau pertencia a Grossos e nossos governantes não tavam nem aí, não tinha aquela preocupação, aquelas leis de preservação da natureza, né” (Ent03)

“A gente tem uma riqueza muito, muito grande em Tibau... Chega eu suspiro... A questão do dinheiro sempre manda, né. Eu agora, falando dos antepassados de Tibau, a gente tem a história que se chamavam as dunas de Tibau, as dunas de areia colorida, as falésias. Aí foram tomando de conta, tomando de conta, e hoje em dia não existe mais, não tem uma área de preservação. O pouco que existe lá é tudo cercado porque tem um proprietário. Esses condomínios tudo são de família de Mossoró, político, empresário, é de juiz, aí o município não vai desapropriar, até porque financeiramente o município não tem condições. E

vai brigar com um juiz? Vai brigar com os políticos? Não vai. (Ent10)

“Lá era de onde saía o sustento do povo. Quando começou, era um bequinho estreitinho. Aí o povo começou a cavar pra tirar as vertentes, pra pegar areia, aí ficou bem largo com morro dos dois lados. Aí no pé do morro, você pegava água” (Ent11)

Figura 48 - Terra colorida



Fonte: Acervo da autora (2022).

Os tibuenses carregam o sentimento de desapropriação quando falam sobre os morros de areia colorida. Presentes na fala de muitas das pessoas entrevistadas havia os sentimentos de tristeza, de melancolia e de revolta. Falar sobre os morros de areia colorida desperta emoções e memórias de um tempo passado recente, em que era possível viver experiências da sua geograficidade. A vivência empírica do corpo situado no mundo ou pelas memórias de geograficidade, compartilhadas entre gerações através do modo de viver no lugar, fazem dos tibuenses pessoas que recorrem à nostalgia para manter a conexão topofílica com o lugar.

“Não sei de muitos lugares, sei a importância do labirinto” (Ent06)

“Minha gente, entram com o carro por cima das dunas, na casa, é no alto. Tem gente com casas imensas em cima das dunas. Dá uma tristeza, eu fico revoltada” (Ent14)

“Tibau é tudo na vida da gente, sempre foi tudo, só o que mudou em Tibau foi o morro colorido, que era a beleza de Tibau. Tiraram pra fazerem casa, venderam, o prefeito vendeu, deu. O povo de Mossoró também fez conjunto. Aí fiquemos sem os nossos morros coloridos, que a beleza de Tibau era os morros coloridos” (Ent15)

“Derrubou tudo, as beleza de Tibau, me lembro bem, era lá no centro, era as beleza de Tibau, se chamava morro. A levada acabou com tudo aquilo ali.

Derrubaram os morros, derrubaram tudo, só tem casa” (Ent18)

Figura 49 - Morros de areia colorida de Tibau



Fonte: Acervo da autora (2022).

Os morros de areia colorida são o significado de beleza para os tibauenses, e as construções destinadas à prática do lazer em um lugar existencial, sugerem uma confrontação aos nativos sobre a impunidade e a desimportância dos povos locais para as classes sociais privilegiadas – as que possuem boas condições financeiras, poderes políticos e jurídicos. Desse modo, há a estratificação da sociedade, entre as camadas sociais que decidem os destinos dos lugares em função do *status*, do lazer e da circulação econômica; e os que são privados dos seus lugares de vida.

“Eu não gosto nem de ir ali, porque construíram muita casa em cima da natureza e ninguém fez nada. Agora que eles têm um projeto de lei aí, mas os donos dos terrenos tem os documentos, aí vão lá na justiça e ganham” (Ent03)

“Infelizmente essa boniteza que Tibau tinha vai ficar só na lembrança” (Ent10)

“Eu nasci e me criei desde o tempo que foi fundado Tibau, uma comunidadezinha de 4, 5 pessoas, que existia aqueles morros. Aquilo ali era pra ser preservado para o turista vir visitar, a pessoa fazer história de Tibau lá dentro daquele lugar” (Ent11)

“É uma história muito bonita, mas se torna decadente porque a gente podia viver disso. Tinha as falésias, tem areia verde, vermelha, rosa, amarela, tudo isso a gente podia tá trabalhando lá. Hoje em dia é um monte de condomínio. Tem um que é na ponta dum morro, na duna principal, as pessoas fazem uns caminhozinhos para ir ver a lua” (Ent14)

Os morros debaixo das edificações abrigam as histórias de vida da vila de Tibau. As edificações em cima dos morros denotam o sentimento de pesar. Parte do Labirinto ainda sobrevive às construções de vilegiatura, mas sua área é propriedade privada, que

teve o terreno todo cercado, para dificultar a entrada e circulação de pessoas no local. Uma porteira foi inserida, pois há uma estrada que fornece acesso para várias casas de praia e para o mar, ficando aberta durante o dia.

Figura 50 - Porteira de acesso ao Labirinto



Fonte: Acervo da autora (2023).

“Aí as pessoas começaram a se apossar das terras, fulano chegava e cercava, a prefeitura dava uma titulação e eles construíram em cima, nesse espaço da natureza que tinha as areias coloridas, que tinha diversas cores. Acho que Tibau era uma das cidades que mais tinha cores diversificadas. Eles contavam 23 cores diferentes, natural, sem pintura. Tinha a preta também, a da praia mesmo, que quando a maré enchia e voltava, tinha essa cor preta, a maré mesmo, quase a cor desse pneu. A gente ia pra praia, levava esses baldinhos de tinta e enchia era muito, uma preta brilhosa. Elas montavam aqueles desenhos dentro da garrafa, os coqueiros, as casinhas, usavam muito essa cor preta” (Ent03)

“Lá tem várias plaquinhas ‘propriedade privada’. Porque a gente descia lá com os alunos e dava aula sobre meio ambiente, mas também a história cultural, lá tem uma riqueza cultural, tem uma história, das famílias, as primeiras, dos pescadores que vieram para cá” (Ent04)

“Isso aqui é um cartão postal de Tibau dentro de um terreno. E dizem que é proibido entrar lá” (Ent11)

“Não dá pra explorar nada lá, porque o povo de Mossoró construíram casa. Teve um tempo que embargaram uma obra, mas eles entraram na justiça. Eles não construíram cem por cento, ainda tem um espaço bom de morros. Quando Tibau era de Grossos, aí eles não tavam nem aí pra isso não” (Ent12)

“O pessoal construiu tudo por cima das areias coloridas. Você chega lá e tá entrando no terreno dos outros. E lá é cercado, né?” (Ent13)

A privatização dos morros de areia colorida e da vertente impossibilitou o manejo dos tibuenses aos recursos naturais das suas terras, impondo que seu modo de vida se modificasse drasticamente. A atividade das artesãs que utilizavam as areias coloridas dos morros foi dificultada, pois o acesso aos morros e a extração da areia foi impedido. As areias dos morros foram utilizadas na construção civil para a edificação dos condomínios e casas de praia, mas suas características, como granulação e salinidade, não são próprias para a atividade, o que pode ter influenciado na resistência do Labirinto.

Figura 51 - Morros de areia colorida e a vilegiatura em Tibau



Fonte: Acervo da autora (2023).

Após as dificuldades no acesso ao recurso principal do artesanato de garrafas de areia colorida, as artesãs passaram a comprar arisco em lojas de material de construção e colorir-lo artificialmente. A cor preta era colhida da praia, que a maré trazia uma areia preta brilhosa, e a marrom era extraída dos mangues. As garrafas de areia colorida são uma forma de resguardar o lugar, com o que representa o lugar e as vivências nele. São as areias que representam o morro e que, através delas, são feitos desenhos dos morros e dos elementos que compõem as paisagens que os envolve: o mar, a vegetação, as casas de taipa, as jangadas, o pôr do sol.

“Tinha outra cor que não tinha nos morros também, a marrom, que era deles entalharem, pitarem o tresmalho. Aí era com mangue, uma madeira, que saía uma coisa marrom, que pingava na areia da praia. Aí elas tiravam e faziam marrom, essa cor não existia nos morros, elas que faziam” (Ent01)

“Não vai ter mais os morros, porque tipo, só tem areia vermelha e amarela e antes tinha azul, roxo, tinha muitas cores” (ent08)

“Tem mais não. É difícil você achar areia colorida lá. Hoje é pintada, porque não tem mais não. Antes tinha de toda cor, preta, vermelha, rosa, branco, de toda cor, verde, tudo tinha. Aí eu me revolto porque as autoridades aceitaram fazer uma coisa dessa. Porque antes as autoridades eram de Grossos. O povo de Grossos vinha em Tibau pra pegar areia, pra fazer as garrafas, que não tinha lá. O povo vinha com os carros, enchia de areia e levava pra lá, pra fazer lá (Ent11)

“Foi aqui que eu aprendi, foi aqui que eu vi e conheci as areias coloridas. E quando vou pegar areia, não vou lá, a gente compra em loja de material de construção, ou procura nas dunas, lá pra dentro das Emanoelas, que encontra ela bem fininha. A gente peneira de novo, pinta. Mas infelizmente os nossos governantes de Tibau, eles não induziram-se a isso, o artesanato, o turismo, principalmente as areia coloridas, que é o que nós temos de raízes. Aí hoje a gente tira as areias, as partículas são mega grossas, pra você pegar as areia precisa cavar profundo e não pode porque são terras particulares” (Ent14)

Figura 52 - Garrafas de areia colorida sobre os morros



Fonte: Acervo da autora (2022).

Os morros emolduram as paisagens de Tibau, realçando os altos e baixos dos relevos de uma cidade que reside em suas formas. A referência aos morros não se limita apenas ao Labirinto. O primeiro registro na história sobre Tibau foi pelo relato de um navegador holandês que avistara os morros em alto mar, a chamando de Morro Vermelho. Ao chegar a Tibau pelas estradas, também são notáveis as ondulações de areia que parecem ser inspiradas pelas ondas do mar. Tibau foi formada sobre os morros, que podem ser vistos por toda a cidade, mas existem também os morros que foram cobertos por ruas e casas, ainda percebidos pelas ladeiras que moldam a cidade.

Figura 53 - Tibau sobre e entre os morros



Fonte: Acervo da autora (2022).

O Labirinto é um lugar de destaque por ser o local que abrigava a maior variação de cores de areia e agraciado pela vertente, fonte de água doce, era um lugar vivido entre os tibauenses, onde construíram suas histórias e identidades. As garrafas de areia colorida são um marco importante da cultura popular de Tibau, e que fortalece o protagonismo feminino pela habilidade manual de mulheres que utilizam o espaço de vida como inspiração artística e atividade econômica de sustento.

“Tinha um outro aspecto que é a exploração, porque a gente via nas terras as areias coloridas. Praticamente a primeira atividade econômica foi explorar as areias coloridas, além da pesca, é claro” (Ent04)

“Tibau não tem muitos lugares muito simbólicos, bem históricos. Para a gente desde a infância, sempre foram os morros, a gente sempre brincou nos morros. Mas para a gente de Tibau mesmo, principalmente da minha faixa etária, são os morros de areia colorida” (Ent09)

“Eu acho ruim porque aqueles que tem em cima do morro, eles praticamente tão destruindo a história que a gente tem da cidade, que era aqueles morros, que antigamente eles faziam num sei o que, tirava água lá, tira pedra, e praticamente a construção desses prédios vão destruindo, acabando lá” (Ent06)

“Pelo menos eu tive uma infância de brincar mesmo, ir à praia, ir de manhã de tarde para os morros de areia colorida, brincava nos labirintos, a gente brincava de se esconder lá dentro, foi bem simbólico, que hoje quase não existe mais, existem poucos” (Ent09)

“Nós ia pro colégio, gazeava as aulas e ia pros morros. A coisa mais linda do mundo, era 23 cores de areia, hoje não existe, acabaram com tudo. Tudo

condomínio lá” (Ent16)

As pessoas que vivem Tibau cotidianamente falam sobre a exploração turística que ocorre na cidade, porém que não tem desempenho satisfatório. Uma forma que a população local sugere, para poder usufruir da atividade turística que acontece na cidade, seria transformando os morros de areia colorida, o Labirinto, em um ponto turístico, que garantiria a permanência daquele lugar, valorizando a história e identidade de Tibau, e podendo ter acesso a ele, reativando um vínculo concreto com o espaço. Ao passar a um espaço turístico, os moradores de Tibau, com também os turistas e vilegiaturistas, poderiam ter um ambiente de lazer, apreciação e oportunizando outras atividades econômicas, com geração de emprego e comércios – venda de artesanato e comidas, por exemplo – que impulsionaria a economia que beneficiaria a população local.

“Muitas pessoas que vêm pra Tibau, escuta muito falar dos morros de areia colorida, as falésias, que agora tá propriedade privada. Tem a pedra do chapéu. E ali era pra ser muito importante para a nossa cidade, era pra ser muito bem zelada, era pra ser um ponto turístico, não era pra se acabar, pro povo construir casas, essas coisas, porque aí vai destruindo muito o que é a história da cidade. (Ent06)

“Tinha gente que vinha, muita gente, de todo canto, vinha colher as areias porque achava bonito, colorido né. Levava pra casa, e hoje não tem mais. A areia das vertentes era de Tibau, não era dos empresários. Desde a época que Tibau era de Grossos era pra ter ‘não, isso aqui, ninguém faz nada aqui, aqui é da prefeitura, aqui vai ser uma área turista’” (Ent11)

O Labirinto é um lugar que tem a potencialidade de resguardar a história e identidade de Tibau, pois retoma as memórias e aguça da geografia dos tibauenses que construíram suas vivências a partir deste espaço. A problemática que envolve o lugar é ser propriedade privada, o que desperta a reflexão de como os lugares e sua comercialização englobam enredos de vida complexos que afetam uma população e seus sentimentos atribuídos aos espaços. Os morros de areia colorida que formam o Labirinto se localiza em uma avenida repleta de vilegiatura, com a intensa construção de condomínios, completando os espaços onde havia morros, dunas, restingas, mangues, córregos e carnaubais. A intensidade da vilegiatura marítima e sua projeção de construções para o mar, invade ecossistemas inteiros, degrada fortemente o meio ambiente e a ecologia da vida humana.

Figura 54 - Arredores do Labirinto

Fonte: Acervo da autora (2023).

Os morros de areia colorida são falésias, e sofrem fortemente o impacto dos processos erosivos, como água da chuva e do mar e do vento, que alteram a estrutura física dos morros, classificadas como área de risco, local impróprio para construção de casas e condomínios, pondo em risco a vida humana e aumentam a vulnerabilidade ambiental, afetando a condição física dos morros, a poluição do mar e das vertentes e desequilibrando a vida marinha. As falésias fazem parte do ecossistema costeiro, muitas vezes cobertas por restingas, vegetação rasteira de áreas litorâneas, garantindo a estabilidade do ambiente e da biodiversidade. Essa mesma problemática ocorre com a Pedra do Chapéu, que é uma falésia viva.

“Tem os morros também que eu acho que vão cair, acho que os morros é um lugar muito bonito, quase ninguém mais vai, quase ninguém reconhece. Porque teve um morro lá perto da minha casa, que pararam de ir” (Ent05)

3.1.7. Pedra do Chapéu

*“Apaixonar cores, caras,
Curvas, corpos, caminhar
Tibau, Tibau, Tibau, Tibau...
Uma pedra beijando o mar
Sob um lindo sol a aldeia clareia e
A pedra 'inda' lá
Cada dia menor de tanto o mar beijar”*

(Reynaldo Bessa)

A Pedra do Chapéu é uma falésia viva, diferente dos morros, que são consideradas falésias mortas. As falésias são formações rochosas litorâneas que sofrem processos abrasivos de erosão pela atividade da água, do vento e da chuva. São classificadas entre falésias vivas e mortas: as vivas ainda sofrem processos erosivos muito fortes, alterando expressivamente sua estrutura; já as falésias mortas, o impacto dos processos erosivos já aconteceu fortemente no passado.

A Pedra do Chapéu é o principal cartão postal do município de Tibau, ilustrada no brasão que compõe a bandeira e que representa o símbolo do lugar. Tem o seu nome inspirado no formato de sua formação rochosa, que se assemelhava a um chapéu, quando a maré estava cheia, sua ponta se encontrava mar adentro, podendo ser vista de longe. Porém, com o processo constante de erosão que sofre, hoje em dia, o encontro do mar com as rochas, corroeu grande parte do que formava o símbolo do chapéu.

“A pedra tá caindo por causa da pressão do mar, a maré cheia bate e vai caindo os pedaços, mas também acho errado terem sido construídas aquelas casas em cima dela. Porque quando a pedra cair, aquelas casas simplesmente vão cair juntas e no lugar daquelas casas ali em cima do pessoal de antigamente, era pra ter feito um ponto turístico, que hoje poderia ser lembrado como a história de Tibau” (Ent06)

“A pedra do chapéu, o ponto principal, tinha uma casa, hoje em dia tem várias casas lindas em cima, seria coisa de turista. Não que não tenha, porque tem turista, mas à vista do que era pra ser, não tem” (Ent14)

“Aqui em Tibau, os pontos turísticos que têm, é a pedra do chapéu, chamava atenção” (Ent20)

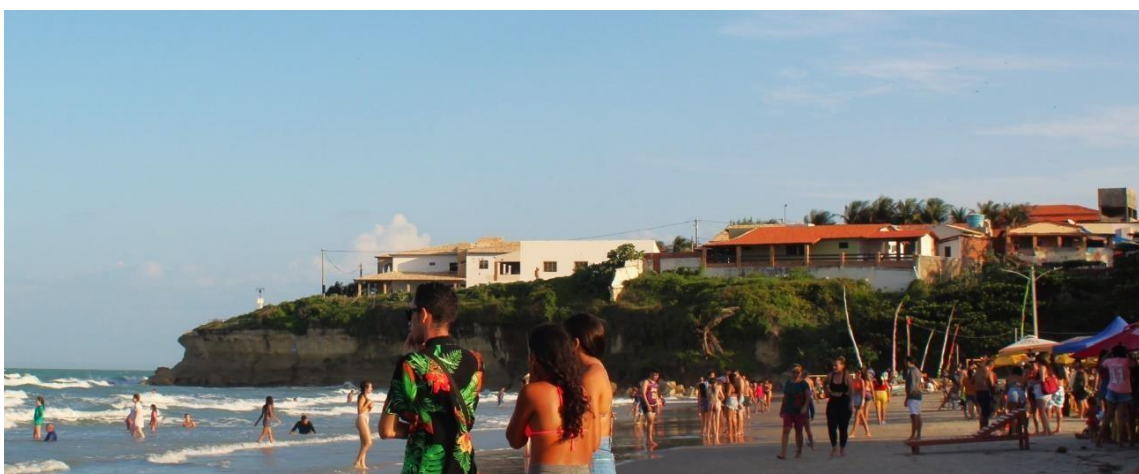
Figura 55 - Brasão de Tibau (RN)



Fonte: Site da Prefeitura de Tibau. Acesso: <https://www.tibau.rn.gov.br/tibau-1> Acessado em: 15 de junho de 2023.

A Pedra é um local de referência para a cidade, e com o advento da vilegiatura marítima em Tibau, os vilegiaturistas construíram casas de praia em cima da falésia, que influenciou na aceleração do processo de erosão, fragilizando sua estrutura geológica. Consequentemente, as casas também sofrem fragilidade em suas estruturas, já que a rocha que as dá sustentação sofre constantes fraturas e desmoronamentos. Muitas casas apresentam rachaduras, algumas já passaram por inúmeros reparos e se encontram mais próximas à borda da falésia.

Figura 56 - Horizonte da Pedra do Chapéu



Fonte: Acervo da autora (2022).

“Daqui a pouco vai ter muita casa e sem a pedra, provavelmente, ela já vai estar muito acabada, a maré já vai ter tomado conta de ir muito mais pra frente, quase nas barracas” (Ent05)

“Tem a praia do chapéu que é, praticamente, tipo como se fosse um ponto turístico. Que quando os mossoroenses vêm, vão pra lá, para a praia” (Ent06)

“Aí tem a questão também da Pedra do Chapéu que a própria natureza tem destruído ela, né. Tem caído bastante os pedaços dela ultimamente, e a gente perdeu a beleza dela que era a Pedra do Chapéu, mas ainda é um ponto turístico em Tibau, que as pessoas têm interesse de conhecer. A gente indica as pessoas a irem, mas diz pra não se aproximar muito, porque a gente sabe os riscos que tem, né. Inclusive as casas que têm em cima da pedra estão bastante deterioradas, rachadas, porque ali é vertente né, infiltração de água por baixo da pedra, né” (Ent10)

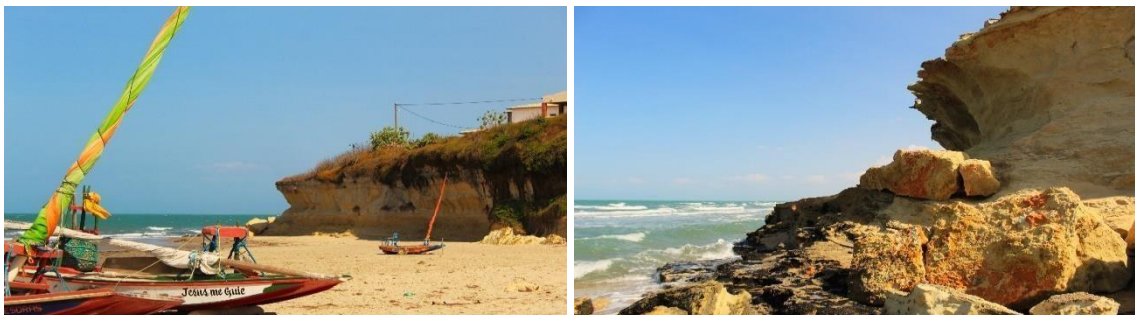
Figura 57 - Vilegiatura sobre a Pedra do Chapéu



Fonte: Acervo da autora (2022).

Como primeiro ponto turístico de Tibau e o símbolo mais emblemático da cidade, a Pedra do Chapéu é um lugar que envolve muitas histórias. Desde os contos narrados por pescadores e moradores nativos que dizem ter avistado sereias, fantasmas, vozes e entidades que viviam entre as falésias, as matas e o mar, ou como o conto do “Batafão”, da bola de fogo que perseguia as pessoas até entrarem na água. Até os festejos de veraneio, que o ponto de encontro era, e ainda é, a Pedra, que serve como um mirante de observação. Conhecida também por ser a “Pedra da Divisa”, pois é considerada o ponto de referência que separa os estados do Rio Grande do Norte e Ceará, portanto a praia à esquerda da Pedra, mesmo ainda sendo uma parte território do RN, é chamada de “Praia do Ceará”.

Figura 58 - "Pedra da Divisa"



Fonte: Acervo da autora (2022).

“Pronto, a pedra, nesse tempo nem tinha casa lá, era só pra ela ficar lá. Muita gente vinha de fora, de Mossoró, de todo canto, vinha de pau de arara, pra visitar Tibau, pra ver as coisas bonitas de Tibau, porque naquele tempo tinha, mas acabou-se. A pedra só tinha mato, aqueles matinho rasteiro. Ia pra praia e via o pessoal pescando, lá de cima, mas hoje em dia não dá mais. Hoje tá aí, destruíram a pedra, destruíram as vertentes. Por isso que eu me revolto. Me revolto mesmo” (Ent11)

“Tinha muita história que contavam ali na Pedra. Meu pai contava do Batatão, que era uma bola de fogo que perseguia a gente. Contavam as de terror, de sereia, eu morria de medo” (Ent14)

“A gente ia quando chegava lá, tinha uma ponta do meio, uma ponta de pedra, uma coisa assim bem grande, que a gente passava assombrado, o pessoal dizia” (Ent18)

Para acessar o antigo mirante da Pedra do Chapéu, a partir da praia, sobe-se uma escada à direita da falésia. A partir da cidade, se acessa pela Rua Antônio Nilson Nolasco, onde se localiza o antigo prédio da Prefeitura Municipal de Tibau. Contudo, há restrição de acesso ao local, pois as casas de segunda residência, fixadas sobre a Pedra, proibiram o acesso, que têm aval da Prefeitura para tal atitude.

Figura 59 - Limite de horário para acesso ao mirante da Pedra do Chapéu



Fonte: Acervo da autora (2022).

O mirante da Pedra sempre foi um local de encontro, mas antes de modo informal. Recentemente foi reformado, o chão calçado com pedras e cimento, foi construído um murete de proteção e inserida uma placa marrom, que sinaliza a Pedra do Chapéu como

um ponto turístico local. Onde antes era um espaço aberto e coletivo, que servia de lugar para apreciação do mar e do vasto horizonte praiano, virou um certo “jardim” de casas de praia de vilegiaturistas famosos na região, políticos, artistas etc.

Figura 60 - Mirante da Pedra do Chapéu



Fonte: Acervo da autora (2022).

“Olhe a situação pedra, se destruindo, que era uma coisa bonita do centro da cidade. Todo dia alguém diz que tá caindo, os moradores, o pessoal de Tibau não ligaram, e veio os mossoroenses construindo casa lá em cima, e tá aí, caindo. Vendo a hora acontecer coisa pior, porque já caiu um bocado da pedra. Era pra prefeitura tomar as providências disso, dizer ‘não, aquinguém mexe’, isso aqui é o ponto turístico de Tibau, aqui é o cartão postal de Tibau, é aqui” (Ent11)

“Aí assim, isso é de tamanha ignorância, mas eu digo ‘o que o homem faz, a natureza vem e destrói’. A ponta do chapéu já caiu esse ano uns 3 pedaços. Lá tem uma casa de um cantor famoso de forró, que ele comprou uma casa lá, de vez em quando o povo vê ele na praia de Tibau, na ponta que divide RN e CE. O meu pai era pescador, ele dizia que demorava muito Tibau se esconder no alto mar. Ele dizia que enquanto mais a maré adentro, mais eles viam Tibau. É uma cidade alta. E de tudo eles se apossaram. Nós podíamos ter poços de água naturais, tudo isso podia ser investido, mas o homem é ambicioso para si mesmo, cada vez vai piorando” (Ent14)

Algumas pessoas que foram entrevistadas veem o local como um ponto que poderia ser aproveitado para conservação junto com atração turística, que valorizaria as paisagens de Tibau e construiriam um lugar de lazer, que valorizasse a história local. Entretanto, o local da escada é um pouco escondido, pois fica por trás de um bar e ao

lado à uma vegetação que ainda resiste em meio às construções das casas de vilegiatura que circundam o local.

Nessa vegetação há plantas nativas, como cajueiros, e espécies invasoras, como as algarobas. A sugestão de alguns dos tibuense entrevistados nessa pesquisa, seria aproveitar o espaço verde para fazer trilhas, numa proposta de ecoturismo, que valorizasse e garantisse a permanência do lugar, que é agraciado coma vista do mar.

Figura 61 - Escada da Pedra do Chapéu



Fonte: Acervo da autora (2022).

“Mas a escadaria foi feita pra facilitar a subida, mas como corre água, cria muito lodo e fica muito perigoso para subir. Lá na praia do chapéu se tivesse uma trilha seguindo ali por trás do Álbi, porque é a mata nativa. Aqui também tinha, mas tá tendo uma construção enorme ali e eles destruíram a mata todinha” (Ent04)

“Eu faria atrativos, pontos turísticos, um lugar bonito para tirar fotos, perto da pedra. Porque normalmente tá tudo se acabando, a pedra já caiu boa parte, não tem mais nada pra sair” (Ent05)

“Ali perto da pedra tem uma escada, ela devia ser aproveitada porque ao redor é só planta, muita planta, é muito bonito, mas não souberam aproveitar, a escada é toda acabada” (Ent05)

“Lá na praia do Ceará era pra ter passeio turístico, lá tem um monte de coqueiro, parece uma floresta, se fizesse uma trilha, lá na pedra” (ent08)

“O pessoal da prefeitura uma vez até me chamou pra conversar, pra dar um incentivo, eu falei que deveriam botar um detalhezinho ali na Pedra do Chapéu, um lugar pra tirar foto, um balanço, um negócio” (Ent17)

Ainda é possível visualizar a existência de pingas de água do doce na Pedra do Chapéu, que além da umidade do mar, brota das pedras algumas correntes de água, fraturando a falésia por dentro. A partir do desmoronamento de partes da falésia, como um processo natural de formações rochosas litorâneas, o ecossistema marinho mantém-se em equilíbrio, pois as rochas originam em um lugar de repouso para diversos animais marinhos como peixes, crustáceos etc.

Quando as partes quebradas das rochas caem, muitas vezes impedem ou dificultam a passagem entre a Praia do Ceará e a Praia das Emanoelas, e muitos desses fragmentos são retirados do ambiente. Essa atitude interfere no ecossistema marinho que, além de servir de casa para vários animais, ajudam alimentar o equilíbrio costeiro.

“Agora lá tem um agravante, porque corre muita água. Porque a pedra é natural que se destrua por ser calcário, mas também tem a própria ação humana” (Ent04)

“E quem vai lá na Pedra do Ceará quando a maré tá meio seca, dá pra ver uns cardumezinhos de peixe” (Ent06)

“Até a Pedra do Chapéu caiu toda. Era a coisa mais linda, lá dentro do mar. Hoje tá ali, com as casas em cima que eu vejo a hora cair tudo junto com a pedra. Nem parece mais um chapéu. Porque o mar não tem crescido não. A maré só é grande no mês de janeiro” (Ent16)

Figura 62 - Pingas na Pedra do Chapéu



Fonte: Acervo da autora (2022).

Uma estratégia de valorizar o ecossistema marinho, ao mesmo tempo em que assegura a cultura e identidade do povo de Tibau, garantindo que as memórias sejam repassadas às próximas gerações, é ouvindo os depoimentos do povo local, que vive e sente, cotidianamente, as necessidades que carecem os seus lugares de vida.

“A cultura de Tibau praticamente é aquela, né, a Pedra do Chapéu, os morros de Areia Colorida, o Parque das Carnaubeiras” (Ent07)

“Eu acho que tinha que ter cantos para valorizar a cidade, porque se aquela pedra cair, lá se vai 70% do que é cultura, do que é turismo aqui em Tibau, porque as falésias já são propriedade privada, e era até melhor, porque tem interesse tanto das pessoas de fora, quanto das pessoas de dentro” (Ent08)

“E poderia fazer o que? Uma grande passarela no alto, pra pessoa caminhar, descer na praia. Mas infelizmente as pessoas que moraram, que trabalharam, que viveram Tibau mesmo, não pensaram nisso” (Ent14)

3.1.8. A Praia

A sequência dos lugares de Tibau percorridos até aqui não demonstram grau de relevância ou dos lugares mais mencionados. A ordem dos lugares discutidos foi um processo natural da escrita do texto. Como último lugar debatido aqui, a Praia é o que marca a maior especificidade de Tibau e conecta as pessoas que vivem seus lugares à sua maritimidade como característica da geografia de relacionar-se intimamente com a Terra.

Tibau é uma cidade-praia, é um município que se projeta para o mar desde suas origens, até ser atravessado pelos interesses e desejos de indivíduos urbanos estrangeiros ao lugar. A praia é o espaço primordial vivenciado pelos tibauenses, que inaugura o seu modo de vida e identidade.

“Pois é, mudou muito, Tibau. Antigamente o que tinha pra fazer era ir pra praia, apanhar taioba” (Ent02)

“A praia é uma maravilha! Mas assim... Eu penso muito no passado. Porqueno passado a praia era quem sustentava os tibauense, porque por esse tempo todo mundo tava tirando o seu ganha-pão da praia. Tirava o búzio, que chama taioba. Todo mundo, quando amanhecia o dia, dizia assim ‘vamo pra praia’. Todo mundo tirava seu dinheiro. No tempo do inverno, todo mundo tava na praia, pescando, ganhando seu dinheiro” (Ent11)

“Antigamente, iam cedo pra praia, bem cedinho, todo mundo” (Ent07)

Figura 63 - Jangadas de Tibau



Fonte: Acervo da autora (2022).

A rotina se iniciava na praia. A vertente e os morros de areia se localizam em frente ao mar, anteriormente, com a paisagem do horizonte desimpedida de casas, condomínios e pousadas. Retirar água das vertentes; encontrar-se com as pessoas, brincar e vivenciar os morros de areia; ir à praia como um despertar cotidiano, marcava o tradicional hábito tibauense. Ir à praia, coletar mariscos, as chamadas taiobas, ou caçarsiri, preparar o tresmalho para a pesca, sair ao encontro do mar, faz parte da geograficidade sinalizada pelas técnicas utilizadas nas atividades que traduzem a experiência pela intimidade com o lugar através das vivências.

“Fora as areias coloridas, tinha os mariscos. Ia catar taioba, que chama; siri. Hoje não tem mais isso não, mas eu lembro, ia todo mundo para praia ficar batendo no chão para achar as taiobas” (Ent02)

“Eu lembro que na praia tinha umas tartarugas bebê andando na areia. Antigamente eu vinha com minha avó e meu avô pra gente bater o pé pra tirar taioba” (Ent05)

“Antigamente a gente ia na praia, eu ia! Pegava taioba, voltava pra casa e comia” (Ent06)

As recordações tibauenses são pautadas na maritimidade pulsante que transita no passar de gerações. Algumas das tradições vão se fragilizando com o tempo, pois a intensa degradação ambiental alterou drasticamente o ecossistema marinho, ocorrendo a escassez de algumas espécies de peixes, mariscos e crustáceos, dificultando o exercício das práticas de pesca e coleta de taiobas, por exemplo. Mesmo com as modificações sofridas no ambiente e nas tradições, a praia é o lugar que permanece, pois apesar da interferência dos

impactos no cotidiano, o mar continua fazendo parte de momentos de apreciação, descontração e da herança do lugar, principalmente por ainda possuir sua balneabilidade.

“Vou mais ou menos na praia, quando tem feriado, tomar um banho, vou na pedra do chapéu tirar umas fotos, depois vou na praia do meio” (Ent06)

“Tradição é só a praia e porque não mudou-se do lugar. Não tem como elasecar, que Ave Maria! É o que nós temos de lembrança” (Ent16)

“O lazer que costuma ter é a praia, ir no final de semana, ir nas barracas, almoçar, tomar uma cerveja, tomar um banho. Eu não costumo ir porque eu não bebo, mas de vez em quando eu vou almoçar, comer um peixe, o lazer é a praia. Olhe, tudo de Tibau começa pela praia. Tibau começou por essa praia” (Ent20)

Figura 64 - Jangada ao mar e banhistas



Fonte: Acervo da autora (2023).

Os tibauenses compõem uma sociedade coletiva que, desde o início de sua ocupação, exercem atividades grupais, como a pesca e o artesanato, por exemplo, fragilizadas nos dias de hoje. As relações interpessoais contemplam a boa convivência com os veranistas, que foram acolhidos pelas pessoas de Tibau e, não em vão, instauraram suas segundas residências naquele lugar, escolhido para a prática do lazer. A praia é o principal motivador turístico de Tibau e o compartilhamento desse espaço com pessoas de diversos lugares diferentes constrói um lugar de troca. O turismo de praia realça, para

as pessoas de fora do lugar, os atrativos paisagísticos de um ambiente natural.

“Nós somos muito acostumados, a gente acha lindo quando vocês que vêm de fora vão lá tomar banho na praia. A gente, mais velhas, gosta mais de tomar banho de 5h da manhã, que vai tomar banho vestida, né, de short. Os jovens gostam quando tem música ao vivo, eu já gostei demais, agora são os netos” (Ent16)

“A gente tem o passeio local, que começa pela Pedra do Chapéu, em cima e embaixo, no interior da cidade e vai até o rio Arrombado. E tem o passeio até outras cidades, para Icapuí. E também de Tibau, Grossos, Areia Branca, Ponta do Mel, até Porto do Mangue” (Ent17)

“Tem outras praias, como Gado Bravo, que poderia construir mais hotel, porque aí ficava até mais tranquilo. A praia das Emanoelas também. Tudo isso seria ponto turístico, porque seria na praia. Porque, justamente, o ponto turístico tem que ser num lugar que tenha atrativo, em Tibau o que nós temos realmente de riqueza, é a praia. Só falta mesmo investimento aqui no turismo para Tibau crescer” (Ent20)

A praia é um espaço que possibilita a dinâmica de diversas atividades de trabalho, como os pescadores e marisqueiras, os picolezeiros, os vendedores ambulantes de comidas, acessórios e artesanatos, as barracas de praia, os guias de passeios turísticos, os salvavidas, entre outros. É cenário de muitas histórias das pessoas que passam por lá e que são atravessadas por sua singularidade. Dentre as pessoas que se banham nas águas salgadas do mar, e das pessoas que as aprecia de longe. As águas mornas, em sua cor verde azulada, muitas vezes prateada pela incidência do sol, marca a sensação de quem admira a praia em sua maritimidade. Sua maré com ondas não muito altas e fortes, sem pedras cortantes submersas, atrai os turistas que apreciam a balneabilidade do lugar.

Figura 65 - Vivências na praia



Fonte: Acervo da autora (2023).

“Pronto. A praia é só pros veranista. Só pra tomar banho. Hoje o lazer que tem é tomar um banho, fazer uma caminhada. Eu não gosto muito de tomar banho não. Mas você vê gente no final do ano ou no fim de semana que vem gente de Mossoró. Durante a semana não tem ninguém na praia, é difícil você vê um pé de pessoa na praia” (Ent11)

“Mas eu amo morar aqui, todo dia vou pra praia, todo dia. Quando é dia de lua cheia, vai eu, meu esposo, meus netos, todo mundo. Vamos pra praia pra espairer as crianças e nos espairer” (Ent14)

“Antigamente, eu ia a pé, quando chegava na descida, tava na praia tudinho esperando, a gente saía de comboio pra ir pra Areia Branca, 8, 10 pessoas, uns com água, outros com cauvão. Pra atravessar pra Areia Branca, era de canoa. Quando tava com a maré seca, a lama dava aqui, eu tinha que carregar nas minhas costas pra botar dentro da canoa, e voltava pra deixaro jumento lá em cima. Eu moro aqui em Tibau, um pouco mais que essa praia, mas só faço olhar, e é que eu moro aqui, mas num sou muito chegado. Você veja como é as coisas, meu pai era pescador, e eu nunca gostei de ir à praia. Aí ele dizia ‘meu fi, me acompanhe’, aí botava a rede de tresmaio. Aí quando chegava lá que eu via o povo em cima, entrando na água, aí eu dizia ‘papai, eu vou mimbora pra casa’” (Ent18)

“Eu gosto daqui, é bom. Ver o mar todo dia não vou não. Dá pra ver daqui, do quintal, mas às vezes eu vou lá” (Ent19)

A Praia é o elemento de geograficidade que reforça a maritimidade de quem tem uma ligação afetiva com Tibau. É um lugar imprescindível na construção da identidade tibauense e que aproxima pessoas de outros lugares a se conectarem com seus espaços de vida. Tibau é um município praiano, e que seus lugares simbólicos se conectam através da singularidade que o mar representa na geograficidade de cada pessoa. O mar faz parte de um imaginário coletivo.

Figura 66 - Paisagens da praia de Tibau



Fonte: Acervo da autora (2022).

CONSIDERAÇÕES

A vida é atravessada por acontecimentos. Em alguns casos, coisas que já aconteceram num tempo passado, em outros casos, coisas que estão acontecendo e que projetam suas nuances no futuro. Muitos acontecimentos deixam seus segredos impressos no espaço, que não são tão secretos assim. Às vezes escancaram.

Pesquisar, a partir do lugar e da geograficidade, os acontecimentos que atravessam o mundo vivido de Tibau, foi uma trajetória de amadurecimento sobre como o espaço pode ser compreendido na escala do corpo, do ser humano, de uma pessoa – ou de várias. E, de forma mais significativa, foi perceber que cada interpretação distinta do que pode ser utilizado para compreender o espaço, é necessária para medir o imedível, para tanger o intangível, para encaixar o incaixável. O espaço aqui, é como a realidade para Merleau-Ponty, inesgotável. Não é necessário chegar a uma conclusão sólida e verdadeira. Mas é necessário apelar ao que grita o coletivo, na pulsão da intersubjetividade.

No mundo vivido de Tibau, as transformações que atravessaram e atravessam seu cotidiano, em algumas décadas, afligem o que constrói a identidade das pessoas enquanto tibauenses. A massiva construção de casas de praia e condomínios que remodela as vivências e impõe outras formas de vida, distingue duas personalidades de Tibau: a vila e a cidade.

A vila de Tibau é um espaço que abriga memórias nostálgicas e emblemáticas do que originou a ocupação naquele lugar. É a vila que comporta a existência dos lugares, que guarda vertentes, morros e animais marinhos, onde foi construída a geograficidade do tibauense. Que constitui as conversas nas calçadas, as idas à praia e o sabor da taioba. A vila existe pela memória, que é o elo condutor da conexão entre as pessoas e os lugares. Mas esse espaço está no passado.

A cidade de Tibau é onde ecoa as memórias que existem dos lugares, onde se aflora o sentimento dos seus moradores de resgatá-los. É o ambiente onde estão assentadas inúmeras casas de praia e condomínios de segunda residência. É onde ocorre a construção da urbanidade a partir do incremento de práticas de lazer para uma população flutuante que molda os espaços para o divertimento. É a cidade que superlota o Gancho, as padarias e supermercados, que aumenta o volume do som das festas na mesma proporção que aumenta o preço dos imóveis, terrenos e o custo de vida. Na cidade, é preciso comprar a água que antes se coletava, é preciso andar de chinelo para pisar no asfalto. Tibau, hoje, é a cidade e, a partir dela, é que se deve pensar o seguinte.

Por meio da ótica do lugar, o espaço simbólico, é possível compreender a geografia existencial que contempla o ser tibauense, que exprime nos lugares suas formas de vida. Nesse sentido, a cartografia de lugares é uma perspectiva existencial de mapear o quão simbólico são os espaços na vida humana. A cartografia de lugares de Tibau evidencia oito lugares que contorna a geograficidade do ser no mundo tibauense.

A geograficidade é a cumplicidade que o ser humano tem com os lugares, um processo naturalmente essencial para seu repouso no espaço, que o faz um lugar. Desde a origem da ocupação em Tibau, a Praia, os Morros de Areia Colorida, a Vertente e a Pedra do Chapéu, constituem a essência do lugar de abrigo. São espaços que já existiam e foram transformados em lugar pelo significado da vivência das pessoas que ali decidiram permanecer. O Brisa, o Centro de Artesanato Villa do Tibau, o Gancho e a Igreja de Santa Terezinha são lugares concebidos para firmamento de Tibau como morada. Foram espaços construídos, produzidos através das necessidades e demandas no decorrer do tempo.

É importante frisar a multiplicidade de lugares que fazem parte do simbolismo de Tibau, não é apenas “um lugar”. Os lugares espaçados, não fincados em apenas uma centralidade, refletem que o sentimento de lugar dos tibauenses percorre variados espaços da cidade. Os lugares estão conectados entre si em alguma escala, e na narrativa das pessoas entrevistadas, um lugar adquire mais significado a partir da relação que ele possui com outro lugar, pois os lugares se cruzam no enredo da história de vida das pessoas. Ao falar de um lugar, as pessoas o relacionam a outros na intuição de construir uma rede de espacialidade dos sentimentos de lugar que constroem sua geograficidade.

A Vertente e os Morros de Areia Colorida, por exemplo, são dois lugares que assumem histórias em conjunto, podem possuir um compartilhamento da sua espacialidade, como “os Morros da Vertente” ou “a Vertente dos Morros”, mas detém suas próprias identidades simbólicas que narram histórias e sentimentos diferentes. A conexão entre eles e suas coexistências são significativas para os tibauenses, mas comportam dois lugares diferentes nas memórias. Outra relação é entre a Praia e a Pedra do Chapéu, que, por mais que a Pedra se localize na Praia, não necessariamente seja o mesmo lugar, pois as especificidades de cada lugar são imprescindíveis para o contexto das suas experiências. Estar na Praia, sentir a sinestesia da areia, com a água salgada e a presença do vento é inigualável a subir na Pedra e apreciar as paisagens marítimas em outro horizonte, ângulo e escala.

O Gancho é um lugar simbólico, de permanência, mas também de passagem, que conecta aos outros lugares da cidade, como um encaminhador de lugares e porta de

entrada. No Gancho, as festividades acontecem e onde é facilitado o encontro com pessoas. A Igreja de Santa Terezinha caracteriza um dos lugares públicos produzidos mais antigos da cidade, tornando-se marco cultural e uma das primeiras centralidades que atualmente sofre um processo de gentrificação. É um ambiente sacro que resguarda a padroeira da cidade, e sua comemoração é através de procissão, que amplia o espaço de sua lugaridade pelas ruas de Tibau. O Centro de Artesanato Villa do Tibau é um espaço histórico de representação social das artesãs tibauenses, que foi revitalizado e retomado à ideia de lugar pela volta do uso do espaço para arte. É nesse espaço que muitos lugares de Tibau se imortalizam pela iconicidade registrada nos artesanatos, auxiliando na ampliação do sentido de lugar, além de antigas centralidades. O Brisa é um espaço que constitui o imaginário de gerações passadas, que festejavam sua potencialidade de concentração. Também revitalizado e transformado em um ponto turístico que expressivamente remete à história da cidade.

Não há fundamento em separar os espaços dos seus sentidos subjetivos. A história de cada lugar em Tibau está composta de memórias que codificam a expressividade da existência humana nos seus espaços de vida. Para isso, é necessário sair do modo cartesiano de fazer ciência. A Geografia Física e a Geografia Humana precisam se encontrar para que no processo cognitivo humano e na aplicabilidade da ciência geográfica, os resultados das pesquisas tenham sentidos significativos. O pensamento de Merleau-Ponty (1999), em suas reflexões fenomenológicas, auxilia no processo da pesquisa geográfica deste trabalho, pois sugere a evocação do sentir como o que precede a distinção entre a objetividade e a subjetividade, como resgate do pensamento no ser e do ser no pensamento. É uma tentativa de voltar ao estado espontâneo, que norteia a experiência humana para entender a essência de sua ligação com os seus espaços de vida.

Como Dardel (2011) defende que a geograficidade é a Geografia em ato, a fenomenologia de Merleau-Ponty é a filosofia também em ato, recorrendo ao mundo vivido pela experiência na busca de uma ciência existencial. O corpo é o ente que rege a experiência. A fenomenologia como método é não apenas ver a paisagem, mas senti-la e compreender que ela atravessa as questões psíquicas das referências humanas. Não é apenas referenciar um lugar no mapa, é compreender que o lugar é o que fundamenta a conexão humana com o espaço, ele é vivido. A sensibilidade é uma ferramenta humana para estar no mundo e compreendê-lo, tomando decisões e aprimorando-o.

Desse modo, os lugares cartografados nessa pesquisa não se limitam a um referenciamento de um espaço e um mapa. O intuito desse mapa é reforçar a espacialidade

contida na dinâmica de vida das pessoas que residem em Tibau cotidianamente e que suas questões existenciais são ancoradas em lugares. Esses lugares, atravessados por fenômenos múltiplos, são constituintes das memórias e identidades que se desenvolveram em Tibau a partir da geograficidade, da relação humana com eles, e devem ser preservados como continuação da e manifestação das memórias coletivas e individuais que fortalecem uma sociedade e sua história.

Os atravessamentos dos fenômenos como a vilegiatura, o turismo, a gentrificação, a estratificação social e a degradação ambiental em Tibau, acarretam a instabilidade dos lugares, gerando a incerteza das suas permanências. Os lugares são essenciais para a constituição do ser, que manifestam a cultura, as memórias e o modo de vida da sociedade que os acomoda. De acordo com as reflexões de Paes (2009), a memória social se firma espacialmente e uma maneira de assegurar os elementos que constituem a cultura de uma sociedade é através do patrimônio cultural. Herança e propriedade, o patrimônio cultural deve ser uma decisão da população juntamente com o Estado de avivamento e movimentação de acesso ao simbolismo entre o ser e o espaço, tornando-se fato social.

Compreendendo as relações entre espaço, identidade cultural e atividades turísticas, o patrimônio cultural é uma preservação, chamado de tombamento, parte da valorização de algum bem, que pertence à história cultural de uma sociedade. Para sua realização, é necessário o incremento de conhecimentos, normas e instrumentos que viabilizem sua preservação, pois envolve conflitos de interesse, ações e decisões que influenciam na organização social, econômica, espacial e política dessa sociedade (PAES, 2009).

A sociedade tibauense relata que as atividades de lazer que modificam a dinâmica da cidade não são necessariamente associadas ao turismo e reivindicam que essas atividades beneficiem a população local como: geração de emprego e renda para a população local; espaços e atividades destinadas ao lazer, como criação de praças, quadras de esporte, campeonatos esportivos, eventos para as crianças e adolescentes; um calendário de eventos anuais, garantindo programações que movimentem a cidade para os tibauenses, para que haja tradições culturais e planejamento urbano, que crie condições de vida dignas, principalmente para suportar a superlotação da cidade em períodos de veraneio.

Tibau é uma cidade que compartilha abertamente seus espaços de vida com pessoas de outros locais, mas o seu povo precisa ser valorizado como os nativos desse lugar tão almejado para descontração. Afinal, essa cidade é planejada para quem? Quem é

o seu público-alvo? A prioridade deve ser quem vive seus espaços cotidianamente, pois seus residentes são quem têm Tibau como lar e aconchego existencial durante todo o ano.

Os lugares constituem memórias de vida nos espaços que compõem a geograficidade do ser local, que está à procura de si, de sua identidade enquanto tibauense, pois os lugares que fundamentam sua identidade são vítimas de fenômenos realizados por outros, por pessoas de fora ao lugar. Os tibauenses são subalternizados pelo caráter elitista que a vilegiatura possui, desde os primórdios dessa atividade, que era antes exclusivamente realizada por pessoas de classes sociais privilegiadas.

O caráter classista da vilegiatura afeta as centralidades de Tibau na contemporaneidade, pela gentrificação de seus espaços, por consequência da especulação imobiliária que obrigou os nativos a morarem em bairros cada vez mais distantes dos seus antigos espaços de vida, principalmente a praia. Esses fenômenos refletem na estratificação social de Tibau, que se divide em condomínios e casas de praia luxuosas à beira-mar para vilegiaturistas e bairros periféricos para os nativos. Também são gerados subempregos, que são trabalhos com baixas remunerações e prestígios sociais, como cuidadores de casas de praia, picolezeiros, vendedores ambulantes, limpadores de piscinas etc., que não têm direitos trabalhistas, como carteira assinada, décimo terceiro ou férias, e ainda sujeitos à sazonalidade das atividades de lazer. Há, então, uma grave fragmentação no sentido de identidade e pertencimento, além dos impactos severos que causam consequências ambientais, econômicas e socioespaciais.

Já que o turismo ocorre de forma “espontânea” pela vilegiatura, a gentrificação já ocorre para tentar reestruturar a funcionalização de áreas centrais, o patrimônio cultural é uma forma de institucionalizar o turismo, valorizando a cultura local, que está sendo apagada pelos fenômenos urbanos. Trazer, assim, os benefícios que poderiam ter nesses fenômenos, que é geração de emprego e renda para a população local e reafirmação da identidade pela manutenção dos lugares que estão, ao contrário, sendo degradados pelo “turismo” desregulado.

Contribuição: tornar os oito lugares da cartografia de lugares de Tibau como patrimônio cultural do município, e que a partir dos lugares, serem gerados empregos, capacitação e suporte profissional para os tibauenses trabalharem no firmamento e manutenção da identidade do lugar. Como patrimônio cultural, investir na conversação ambiental dos ambientes naturais, criando áreas protegidas e campanhas de conscientização ambiental com parcerias institucionais. Os nativos devem ter a garantia de passe livre para ter acesso aos seus lugares simbólicos. A partir dos lugares, elaborar um

calendário de eventos que fomente a cultura local que dê base para atividades turísticas que valorizem o município de Tibau.

O desenvolvimento da vila de Tibau se deu através do trabalho no mar, com a pesca e a coleta; nas vertentes, com a venda de água para visitantes e turistas e lavando roupas de ganho; e com o artesanato das garrafas de areia colorida. A vilegiatura interveio nas três principais atividades de sustento das famílias tibauenses, obrigando a população a procurar outras formas de sustento e tentando aproveitar a vilegiatura para turismo e renda. Porém, o turismo, ainda hoje, não é uma realidade rentável para a população de Tibau, de modo geral. Quem lucra dessa atividade são empresários, políticos e donos de terrenos que, em sua grande maioria, são pessoas de fora.

Os tibauenses poderiam ser beneficiados pelo turismo, já que é impossível voltar ao tempo de vila e todos os seus recursos ambientais foram prejudicados: o mar sofreu grande redução nos pescados; na praia não se encontram mais mariscos; as águas estão poluídas, escassas e privatizadas; os morros e falésias privatizados e degradados; a cidade tomada por casas e condomínios; o veraneio superlotado de pessoas, com poluição ambiental e sonora; os lugares tomados e atravessados em prol da vilegiatura.

É importante que o debate sobre comunidade tradicional seja de conhecimento da população de Tibau, para que seja debatido sobre o sentimento social sobre a temática, averiguando a autoidentificação e a manutenção das tradições e modo de vida. Os tibauenses precisam de políticas públicas que os beneficiem e valorizem seus espaços simbólicos para que se tenha a garantia de sua identidade, da história e memórias do município e que haja bem-estar, com a valorização do seu povo e das belezas da terra.

Essa pesquisa pretende contribuir para mudanças de decisões e posturas de governos e na devida aplicação de políticas públicas que enfatizem os moradores locais de Tibau como prioridade.

REFERÊNCIAS

- "**Vilegiatura**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [*on line*], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/vilegiatura> [Acesso em: 30-01-2022].
- ALMEIDA, Maria Geralda. A geografia imaginária dos lugares turísticos. In: **XIII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada**. Universidade Federal de Viçosa, 2009. Disponível em: <http://www.geo.ufv.br/simpósio/>. Acesso em: 06 mai 2022.
- ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 131-149.
- ALVES, Rahyan de Carvalho; SILVA, Adília Jardim; DEUS, José Antônio Souza. **Ser na contemporaneidade: paisagem, lugar e memória**. Belo Horizonte: Sangre Editorial, 2019. p. 32.
- AMBRÓZIO, Júlio. Viagem, Turismo, Vilegiatura. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, 2005. n. 18, p. 105-113.
- AQUINO, Cassio Adriano Braz de; MARTINS, José Clerton de Oliveira. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. 2007. **Revista mal-estar e subjetividade**. Fortaleza, v. 7, n. 2. p. 479-500.
- AVELINO, Edcassio; PROST, Catherine. A identidade cultural e a organização socioeconômica dos marisqueiros, no Angolá. In: **I Seminário Espaços Costeiros**, 2011, Salvador. p. 13.
- BARBOSA, Evandro Alves. **Coalizão de forças, discursos e conflitos: uma análise do gerencialismo na gestão do consórcio público intermunicipal de saúde do Sertão do Araripe pernambucano (Cisape)**. 2013. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Serviço Social). Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. p. 143.
- BATISTA, Joane Luiza Dantas Vieira. **A vilegiatura marítima e a urbanização em Tibau – RN**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. 2013. 168 p.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BERDOULAY, Vicent; ENTRIKIN, J. Nicholas. Lugar e sujeito: perspectivas teóricas. In: MARANDOLA, E; HOLZER, W; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 93-116.
- BERDOULAY, Vincent. *El sujeto, el lugar y la mediación del imaginario*. In: **Geografías de lo imaginario**, p. 49-65, 2012.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2014. Traduzido por Vladimir Bartolini.
- BIDOU-ZACHARIASEN, Catharine. **De volta à cidade: dos processos de gentrificação**

às políticas de revitalização dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006. p. 293.

BORGES, Cícera Inara Olivera Sousa. **O turismo comunitário em Comunidades Tradicionais na Zona Costeira do Ceará**: em foco a experiência da Rede Tucum. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Fortaleza, 2011, p. 139.

BRASIL. **Decreto nº 6.040 de 7 de fevereiro de 2007**. No uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso VI. Constituição Federal. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm Acesso em: 22 de outubro de 2022.

BUTTNER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 165-193.

BUTTNER, Anne. Lar, horizonte de alcance e o sentido de lugar. **Geograficidade**, v.5 n.1, 2015. Traduzido por Letícia Pádua.

CAMPOS, Luis Rosadas. **Do higienismo à gentrificação, as semelhanças e singularidades no processo de exclusão social na cidade do Rio de Janeiro**: o bairro da Lapa. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Universidade Federal Fluminense. 2016. p. 155.

CARVALHO, Vitor Orquiza; HONDA, Helio. Fundamentos da associação livre: uma valorização da técnica da psicanálise. **Analytica**. São João del-Rei, v. 6, n. 1. jan-jun de 2017. p. 47-56.

CASTRO, Iná Elias. Natureza, imaginário e a reinvenção do nordeste. In: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R.L. (orgs). **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

CELANTE, Suelem Simão Alves. **Gentrificação: impactos sobre a comunidade pesqueira de Itapoã–Vila Velha–ES**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Sociologia Política). Universidade Vila Velha -ES, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, 2014. p. 269.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Corporeidade e Lugar: Elos da Produção da Existência. In: **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 249-280.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel de. Cartografias existenciais: premissas de uma leitura. In: CHAVEIRO, Eguimar Felício; VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel de (org.). **Uma ponte ao mundo: cartografias existenciais da pessoa com deficiência e o trabalho**. Goiânia: Kelps, 2018. p. 25-42.

CLAVAL, Paul. A evolução recente da geografia cultural de língua francesa. **Geosul (Florianópolis)**, 2003. v. 18, n. 35, p. 7-25.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001. 2 ed. p. 453.

DANTAS, Estógio Wanderley Correia. Construção da maritimidade nas sociedades tradicionais do Brasil do passado. In: BARTHE-DELOIZY, Francine; SERPA, Angelo. **Visões do Brasil**: Estudos culturais em geografia. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012. p. 87-112.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. *Coastal Geography in Northeast Brazil: analyzing Maritimity in the Tropics*. Springer International Publishing, 2016. p. 66.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DE PAULA, Edson Oliveira. **Vilegiatura e vilegiaturistas marítimos na região metropolitana de Fortaleza (RMF) – Ceará - Brasil**. 2012. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. p. 147.

DESSE, Michel. “*L’inégale maritimité des villes des départements d’outre-mer insulaires*”. In: PERON, Françoise; RIEUCAU, Jean (orgs.). **La maritimité aujourd’hui**. Paris: Editions L’Harmattan, 1996. p. 336.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. Memória e lugar: entre a noção de indissociabilidade espaço-tempo e a reflexão sobre a experiência geográfica. **Geograficidade**, 2018. v. 8, n. 2, p. 161-173.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant’ana. **Ilhas e mares: simbolismo e imaginário**. Editora Hucitec, 1998. 1 ed. p. 272.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo.

Cadernos de Pesquisa [online], 2002. n. 115, p. 139-154. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000100005>>. Acesso em: 16 Maio 2022

Ex-deputada volta a tentar fechar rua em Tibau pela 2ª vez e estrutura é removida.

Mossoró Notícias, Mossoró, 22 de dez. de 2022. Disponível em:

<https://mossoronoticias.com.br/cotidiano/ex-deputada-volta-a-tentar-fechar-rua-em-tibau-pela-2-vez-e-estrutura-e-removida>. Acessado em: 17 de jan. de 2023.

FELIPE, José Lacerda Alves; ROSADO, Vingt-Un. **Tibau, espaço e tempo**. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1980, v. 139 (CXXXIX). p. 105.

FERREIRA, Luiz Felipe. Iluminando o Lugar: três abordagens (Relph, Buttimer e Harvey). **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia, jan/julho de 2002. v. 22, n.01. p. 43-72.

FONTES FILHO, Osvaldo. **Merleau-Ponty: na trama da experiência sensível**. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2012. p. 408.

FRATUCCI, A. C. (2008), **A dimensão espacial nas políticas públicas brasileiras de turismo: as possibilidades das redes regionais de turismo**, Niterói-RJ: UFF, 2008. Tese de Doutorado, (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ. p. 308.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia Cultural: estrutura e primado das representações. **Espaço e cultura**, 2005. n. 19-20, p. 51-59.

GLASS, Ruth. *Aspects of change. The gentrification debates: A reader*, 1964. p. 19-30.

GOMES, Iara Rafaela. **Vilegiatura além da metrópole: urbanização em Tibau (RN)**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Programa de Pós-

Graduação em Geografia, Fortaleza, 2013.

GOMES, Iara Rafaela. Vilegiatura marítima como vetor da urbanização brasileira. **Mercator**, v. 16, 2016.

GONÇALVES, Heliana; RODRIGUES, Cau. Afundamento do solo em Maceió pode durar até 10 anos; entenda a formação dos bairros fantasmas. **G1 Alagoas**, Maceió, 15 de fev. de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2021/09/04/afundamento-do-solo-em-maceio-pode-durar-ate-10-anos-entenda-a-formacao-dos-bairros-fantasmas.ghtml>. Acessado em: 16/02/2023.

GONÇALVES, R. R.; GARCIA, F. A. F.; DANTAS, J. B.; EWALD, A. P. Merleau-Ponty, Sartre e Heidegger: três concepções de fenomenologia, três grandes filósofos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, 2008. v. 8, n. 2, p. 402-435.

GUEDES, Milton. **Tibau**: a cidade que ajudei a emancipar. Mossoró: Gráfica Ideal, 2014. p. 167.

GUEDES, Milton. **Tibau**: perfil de uma cidade-praia. Mossoró: Fundação Vingt-Um Rosado, 2010 (Coleção Mossoroense). p. 141.

HOLZER, W. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**, 1997. Ano II, n. 3, jul/dez.

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. **Revista território**, 1999. v. 4, n.7, p. 67-78.

HOLZER, Werther. Sobre territórios e lugaridades. **Revista Cidades**, 2013. v. 10, n. 17. p. 18-29.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Cidades). 2022. Acessado em: 05/06/2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Domicílios). 2022. Acessado em: 10/07/2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/apps/pgi/#/mapa/>.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. São Paulo: Vozes, 2015. p. 44.

INTER TV COSTA BRANCA. Movimentação de mossoroenses para o réveillon em Tibau causa congestionamento na BR-304. **G1-RN**, 2021. Acessado em: 21 de abr de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2021/12/31/movimentacao-de-mossoroenses-para-reveillon-em-tibau-causa-congestionamento-na-br-304.ghtml>

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2018. 3 ed. p. 140.

KATUTA, Ângela Massumi. Representação do espaço vivido, percebido, imaginário e concebido. **Boletim de Geografia**, 2001. v. 19, n. 2, p. 24-49.

KOZEL, S. **Mapas Mentais**: dialogismo e representações. Curitiba: Appris Editora, 2018, 270 p.

KOZEL, Salete; GALVÃO, Wilson. Representação e ensino de geografia: contribuições

teórico-metodológicas. **Ateliê Geográfico**, v. 2, n. 3, p. 33-48, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução Urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 212.

LOPES, Débora Nogueira. **Vulnerabilidade natural e ambiental e análise multiterritorial do uso e ocupação dos solos no município de Tibau – RN**. Dissertação (Mestrado em Ciências Naturais) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Ciências Naturais, Mossoró, 2018. p. 47.

LUCHIARI, Maria Teraza Duarte Paes. Turismo e meio ambiente na mitificação doslugares. **Revista Turismo em Análise**, v. 11, n. 1, p. 35-43, 2000.

LUCHIARI, Maria Tereza. Urbanização turística: um novo nexos entre o lugar e o mundo. In: LIMA, Luiz Cruz (org). **Da cidade ao campo: a diversidade do saberfazer turístico**. v.2, Fortaleza: UECE, 1998, p. 15-29.

MADRUGA, Antonio Moacyr. **Litoralização: da fantasia de liberdade à modernidade autofágica**. Dissertação de Mestrado em Geografia – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1992. 162 p. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-08122022-160415/publico/1992_AntonioMoacyrMadruga.pdf . Acessado em: 22/01/2023.

MARANDOLA JR, Eduardo. Entre muros e rodovias: os riscos do espaço e do lugar. In: **Antropolítica**, 2008. n. 24, p. 196-219.

MARANDOLA JR, Eduardo. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer Geográfico Humanista na Geografia Contemporânea. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 49-64, 2013.

MARANDOLA, Eduardo. Identidade e autenticidade dos lugares: o pensamento de Heidegger em Place and placelessness, de Edward Relph. **Geografia**, 2016. Rio Clarov. 41, n. 1, p. 5-15, jan/abr.

MELO, Isabelle Cabral; ALIENDRO, Michael Gusmão Buarque. **O amanhã está à venda: ensaio sobre a apropriação cultural e racismo na cidade de Maceió**. Artigo apresentador para conclusão de curso de Graduação em Psicologia. Repositório UFAL, Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, 2022. p. 22.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 662.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 2017. v. 32, n. 94, p. 18

MIRANDA, Marielly de Souza; CHAVEIRO, Eguimar Felício. Caminhos para a abordagem do sujeito cerradeiro: a proposta da cartografia existencial. **Sociobiodiversidade**, 2018. V. 8, n. 1. p. 107-114

MONTE-MÓR, Roberto Luís. **O que é o urbano, no mundo contemporâneo**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2006. p. 281.

MONTE-MÓR, Roberto Luís. Urbanização Extensiva e Lógicas de Povoamento: Um olhar ambiental. In: SANTOS, Milton et. al. (orgs.) **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994. p. 169-181.

MULLINS, Patrick. *The evolution of australian tourism urbanization*. In: HOFFMAN, Lily M.; FAINSTEIN, Susan S.; JUDD Dennis R. *Cities and visitors: Regulating people, markets, and city space*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2003.

MULLINS, Patrick. *Tourism urbanization*. *International Journal of Urban and Regional Research*, 1991. v.15, n.3, p.326-42.

NASCIMENTO, Taiane Flores; COSTA, Benhur Pinós. Fenomenologia e Geografia: teorias e reflexões. *Geografia, Ensino & Pesquisa* [online], 2016. v, 20, n 3, p. 43–50. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2236499420152> . Acesso em: 29 jan. 2022

NUNES, Maria Rita Oliveira. As consequências das segundas residências no mercado de hospedagem em Tibau do Sul – RN. *Revista de Turismo Contemporâneo*. Natal, 2016, v. 4, n. 1, p. 88-111.

OLIVEIRA, Guilherme Saramago; CUNHA, Ana Maria de Oliveira. Breves considerações a respeito da fenomenologia e do método fenomenológico. *Cadernos da Fucamp*, 2021. v. 20, n. 47, p. 132-147.

OLIVEIRA, Tatiana Alexandra Batista. **Porto: Turistificação e Turismofobia**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Mestrado em Riscos, Cidades e Ordenamento do Território, Porto, 2019. Acesso em: 16 de abril de 2022. Disponível em: <https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/124511/2/368669.pdf>

PAES, Maria Tereza Duarte. Patrimônio cultural, turismo e identidades territoriais: um olhar geográfico. **Turismo de base comunitária–diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Ed. Letra e Imagem, 2009. p. 162-176.

PAIVA, R. A. Sobre a relação turismo e urbanização. In: **PosFAUUSP**, 2013. v. 20, n. 33, p. 126-145. DOI: 10.11606/issn.2317-2762.v20i33p126-145. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/80924>. Acesso em: 4 fev. 2023.

PEREIRA, Alexandre Queiroz. **A urbanização vai à praia: vilegiatura marítima e metrópole no Nordeste do Brasil**. Fortaleza: Edições UFC, 2014. p. 202.

PEREIRA, Alexandre Queiroz. Praia do Presídio: santuário da vilegiatura. **Ateliê Geográfico** [online]. 2009. Vol. 03, nº. 03. Acesso em: 30 jan. 2022, p. 92-110. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/8593/6091>

PEREIRA, Alexandre Queiroz. Vilegiatura: do modelo clássico às características contemporâneas. In: FIGUEIREDO, Silvio Lima; AZEVEDO, Francisco Fransualdo; NÓBREGA, Wilker Ricardo de Mendonça (org.) **Perspectivas contemporâneas de análise em turismo**. Belém: NAEA, 2015. p. 140 -160.

PEREIRA, Ives da Silva Duque; SCOTTO, Maria Gabriela. Lugar, memória e resistência na representação da cidade: a produção de sentidos no filme *Aquarius*. **AnaisENANPUR**, v. 17, n. 1, 2017. Disponível em: <http://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/1675/1654> . Acessado em: 26/01/2023.

POLLAK, Edward. *On the theory of partially inbreeding finite populations. I. Partial selfing*. *Genetics*, 1987. v. 117, n. 2, p. 353-360.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1992. v. 5, n. 10, p. 200-212.

PONTE, Patrícia. A Geografia fenomenológica dos corpos urbanos e do habitar as cidades. In: **Anais do evento XIII ENANPEGE**, 2019, São Paulo. n.13. p. 13.

Disponível em:

http://www.enanpege.ggf.br/2019/resources/anais/8/1562605778_ARQUIVO_Enanpegeartigo_PatriciaPonte.pdf . Acesso em: 08 de maio de 2022.

PROSHANSKY, Harold.; FABIAN, Abbe; KAMINOFF, Robert. *Place identity: physical world socialization of the self*. **Journal of Environmental Psychology**, 1983. Nova York, Elsevier, v. 3, p. 57-83.

PROST, Catherine. Troca de saberes tendo em vista uma gestão ambiental participativa. In: **GeoTextos**, v. 5, n. 1, jul, 2009. p. 165-179.

PROST, Catherine; DAVID, Gilbert; RAVENA-CAÑETE, Voyner. Que limites para uma real proteção dos territórios pesqueiros? In: **XV Encontro dos Geógrafos da América Latina**, 2015, La Havana. Anais do XV EGAL. *La Havana: Universidad de La Habana*, 2015. v. 1. p. 1-17.

RELPH, E. *Place and placelessness*. London: Pion, 1976. p. 160.

RIBARIC, Adrian. Maritimidade: patrimônio cultural e formas tradicionais de apropriação social do território marítimo. **Emblemas**, v. 17, n. 2, jul-dez 2020. 39-56 p. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/emblemas/article/view/66626/35724> . Acessado em: 23/01/2023.

RIBEIRO, Wallace Carvalho; LOBATO, Wolney; LIBERATO, R. de C. Notas sobre fenomenologia, percepção e educação ambiental. **Sinapse Ambiental**, 2009. v. 6, n. 1, p. 42-65.

RICCI, Maria Teresa. O ideal do *otium* e a modernidade: “não trabalhem nunca”. **EXILIUM Revista de Estudos da Contemporaneidade**, 2021. v. 1, n. 2, p.109-124. Tradução por Patricia Fontoura Aranovich

ROCHA, Samir Alexandre. Geografia Humanista: história, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. **Ra'ega -O Espaço Geográfico em Análise**, 2007. v. 13. p. 19-27.

RODRIGUES, Adyr A. Balastrieri. Espaços de turismo e de lazer urbano - uma leitura geográfica. **Revista Aportes y Transferências**, 2007. v.1, p.22-42.

SÁNCHEZ, Joan-Eugeni. *Espacio, economia y sociedad*. Barcelona, 1990, 1 ed. p. 229.

SANTOS, Camila Dutra. A cidade de Mossoró, Rio Grande do Norte: processo de formação e produção do espaço urbano. **Mercator-Revista de Geografia da UFC**, 2009. v. 8, n. 17, p. 97-108.

SANTOS, Caroline Gonçalves; OLIVEIRA, José Gabriel Juliani; MENDONÇA, Inara Querino; MARQUES, Leandro Ferreira; OLIVEIRA, Kleyton Lucas de Castro. Solo em subsidência em bairros de Maceió – AL: emergências impostas aos agentes produtores do espaço urbano. **Revista Ímpeto**, n. 10, 2020. 11 p. Disponível em:

<https://www.seer.ufal.br/ojs2-somente-consulta/index.php/revistaimpeto/article/viewFile/11489/7849> . Acessado em: 16/02/2023.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2017. 4. Ed. 9ª impressão. p. 392.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Edusp, 2014. p. 132.

SERPA, Ângelo. Ser lugar e ser território como experiências do ser-no-mundo: um exercício de existencialismo geográfico. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), 2017. v. 21, n. 2, p. 586-600.

SILVA, Juniele Martins; MENDES, Estevane de Paula Pontes. Abordagem qualitativa e geografia: pesquisa documental, entrevista e observação. **Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro, Eduerj, p. 207-221, 2013.

SILVA, Kelson de Oliveira; MONTEIRO, Sebastião Lopes. A residência secundária em Tibau/RN: a “cidade praia” mossoroense. **Ateliê Geográfico**, v. 6, n. 1, p. 17-188, 2012.

SILVEIRA, Maria Laura. Uma teoria geográfica da sociedade: razão global e razão local. In: CARLOS, Ana Fani A. (org) **Ensaio de Geografia contemporânea: Milton Santos obra revisitada**. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 63-72.

SMITH, Neil. A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à ‘regeneração’ urbana como estratégia urbana global. In: BIDOU-ZACHARIASEN. C. (org.). **De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de revitalização dos centros urbanos**. São Paulo: AnnaBlume, 2006. p. 25-39.

SOBREIRA, Jucileide da Silva. Vilegiatura nas praias de Coruripe - litoral sul de Alagoas. **GeoNordeste/ Edição Especial [online]**, 2021. Ano XXXII, n. 2. Acesso em: 30 jan. 2022, p. 143-158. Disponível em: [16084-Texto do artigo-48596-1-10-20210916.pdf](#)

SOUZA, Marcelo Lopes. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020. ed. 5. p. 319.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do Medo**. São Paulo: UNESP, 2005, 374 p.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: EdUel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012. Traduzido por Livia de Oliveira. p. 342.

TULIK, Olga. Residências Secundárias: as fontes estatísticas e a questão conceitual. **Revista Turismo em Análise**, 1995. v. 6, n. 2, p. 26-34.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, 2014. v. 22, n. 44, p. 203-220.